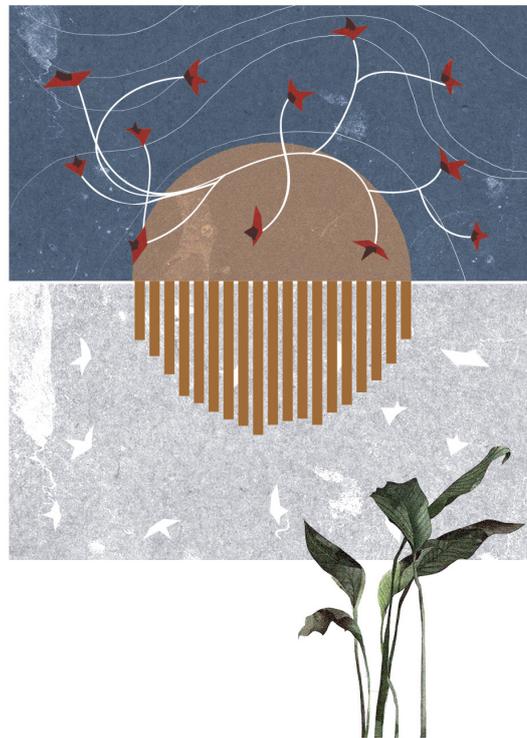


UM CAMINHO DE VOLTA

REVITALIZAÇÃO URBANA DO BAIRRO PARQUE TIJUCA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A692c Araújo, Vitor Vieira.
Um caminho de volta: : Revitalização urbana do Bairro Parque Tijuca / Vitor Vieira Araújo. – 2019.
309 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia,
Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva.
1. Revitalização urbana. 2. Espaços públicos. 3. Construção de lugar. I. Título.

CDD 720

Universidade Federal do Ceará
Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação

**UM CAMINHO DE VOLTA:
REVITALIZAÇÃO URBANA DO BAIRRO PARQUE TIJUCA**

Vitor Vieira Araújo
Orientadora: Anna Lúcia Vieira dos Santos e Silva

UM CAMINHO DE VOLTA: REVITALIZAÇÃO URBANA DO BAIRRO PARQUE TIJUCA

Este documento registra o processo de pesquisa e projeto do Trabalho Final de Graduação apresentado à Coordenação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo como requisito parcial à obtenção do título de Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Ceará.

BANCA EXAMINADORA DA QUALIFICAÇÃO

Prof(a) Anna Lúcia Vieira dos Santos e Silva
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Carlos Eugênio Moreira de Sousa
Universidade Federal do Ceará – UFC

Arquiteta Lissa Motta de Albuquerque
Convidada

[...] Quando os tratores apagam a terra, quando os jovens partem para a cidade ou quando se instalam "alóctones", é no sentido mais concreto, mais espacial, que se apagam, com as divisas do território, as da identidade.

Marc Augé

...mas a essência permanece.

Autor

Mãe, tia e os tratores



AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte dessa trajetória até aqui.

Muitas mesmo...

E verdadeiramente me sinto grato por todos vocês e sei que esse espaço não consegue refletir por completo a gratidão que tenho no peito agora.

Obrigado pelas experiências, pelas conversas, pela paciência, pela companhia, pelo cuidado, pela comida trazida, pela massagem nas costas, pelo convite a um café, pelas sugestões, pelos conselhos, pelas críticas...

Obrigado Deus, energia do universo, pela existência e a beleza infinita que são inspiração e sentido durante essa passagem tão fugaz...

Obrigado mãe, por ser mãe, por ser minha amiga e por acreditar em mim.

Obrigado por todo o seu esforço em me educar e me permitir crescer... mesmo eu querendo voar pra longe algumas vezes...

Obrigado à Vó, Vô...pelas raízes perfumadas que vocês me deram...

Obrigado tias e tis, por serem uma família que me abençoa incondicionalmente todos os dias...

Obrigado à Jack, Marcos, Geovane, Luana, Karine, Virginia e todos os vários outros que não consigo contar... por serem primos e primas que independentemente das circunstâncias não deixaram de ser apoio durante minha vida inteira...

Obrigado Janaína, Roberto, Bárbara, Chico... que por alguma razão muito doida que não sei explicar, se tornaram meus amigos da faculdade mais próximos e pessoas que amo com profundidade e sinceridade...

Obrigado Judá pela relação que construí contigo e por me mostrar o valor de cuidar e se importar com alguém.

Thank you Dennen for not forgetting me even after all this time...and for being a sincere support even being so far away...

Obrigado Jayron por ter sido um divisor de águas na minha vida e por tudo que você me ensinou a ver e apreciar na vida...

Obrigado à todas as professoras e professores que compartilharam tanto comigo e me guiaram até aqui...

Obrigado Lissa, por ter sido tão solícita em me ajudar com as informações da prefeitura. Tive muita sorte de te conhecer durante esse processo...

Obrigado Lilu, por ter se tornado uma gigantesca referência na minha vida.

Obrigado por ter me acompanhado durante todo esse tempo de faculdade, literalmente, desde o primeiro dia, mesmo sem saber que você era você...

E um obrigado especial a tia Toinha...por ter sido minha mãe também...sinto muitas saudades e queria muito que você me visse agora... Você não estava aqui quando eu escolhi esse caminho, mas tenho certeza que estaria muito feliz...do seu jeito...

Esse trabalho é dedicado à você.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01. Vitor e Karine na praça da Graça Loura. Fonte: Arquivo pessoal.	23
Imagem 02: Áreas de intervenção do TRANSLOG. Fonte: Prefeitura de Maracanaú	45
Imagem 03. Vista da CE 065. 44 Fonte: Arquivo pessoal.	46
Imagem 04. Via paisagística. Fonte: Google earth	51
Imagem 05. Venda do tio Dedé. Fonte: Arquivo pessoal	60
Imagem 06. Rua Santa Edvirgens. Fonte: Arquivo pessoal	60
Imagem 07. Rua Santa Isabel próx. à praça Antônio Viana. Fonte: Arquivo pessoal	60
Imagem 08. Rua Trecho da Rua Joaquim Severiano. Fonte: Arquivo pessoal	60
Imagem 09. Moradores. Fonte: Arquivo pessoal	61
Imagem 10. Jardim do Israel (morador). Fonte: Arquivo pessoal	61
Imagem 11. Quintal do tio Luís e da tia Maria. Fonte: Arquivo pessoal	61

Imagem 12. Trecho da Rua Afonso Parente. Fonte: Arquivo pessoal	61
Imagem 13. Por do sol no bairro Parque Tijuca. Fonte: Arquivo pessoal	62
Imagem 14. Rua João Crisóstomo à noite. Fonte: Arquivo pessoal	62
Imagem 15. Rua Cesár Garcia próx. ao espaço do campo. Fonte: Arquivo pessoal	63
Imagem 16. Sede de uma cooperativa de agricultura familiar encontrada no bairro. Fonte: Arquivo pessoal	63
Imagem 17. Brainstorming para o questionário. Fonte: Produzido pelo autor	73
Imagem 18. Ficha de identificação. Fonte: Produzido pelo autor	77
Imagem 19. Perfil do instagram Jaçanaú ordinário. Fonte: Instagram	79
Imagem 20. Story ressaltando uma paisagem do bairro. Fonte: Instagram	79
Imagem 21. Vô e vó quando aqui chegaram. Fonte: Arquivo pessoal	125
Imagem 22. Conta de água. Fonte: Arquivo pessoal	137

- Imagem 23. Conta de energia elétrica. 137
Fonte: Arquivo pessoal
- Imagem 24. Moradores e equipe do Sobreurbana utilizando172
mobiliário criado
Fonte: Casa Fora de Casa, edição 01.
- Imagem 25. Intervenção urbana 173
Fonte: Casa Fora de Casa, edição 01.
- Imagem 26. Agrofloresta. 173
Fonte: Casa Fora de Casa, edição 01.
- Imagem 27. Ou Shaumei na área de produção. 176
Fonte: pcd.org
- Imagem 28. Ou Shaumei e agricultores parceiros. 177
Fonte: pcd.org
- Imagem 29. Mandala na fazenda Luar do Sertão, em Quiterianópolis179
– CE.
Fonte: ematerce
- Imagem 30. Comunidade celebrando a restauração do Dey Pukhu,183
Kirtipur, Nepal.
Fonte: blockbyblock.org
- Imagem 31. Características da praça Antônio Viana. 194
Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal
- Imagem 32. Características da Creche Antônio Viana. 195
Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal

Imagem 33. Características da Rua Joaquim Severiano. Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal	196
Imagem 34. Características da área do campo. Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal	197
Imagem 35. Organograma. Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal	199
Imagem 36. Primeiras ideias para proposição viária Fonte: Elaborado pelo autor	201
Imagem 37. Perspectiva da proposta para Rua Joaquim Severiano Fonte: Elaborado pelo autor	207
Imagem 38. Perspectiva 02 da proposta para Rua Joaquim Severiano Fonte: Elaborado pelo autor	208
Imagem 39. Perspectiva 03 da proposta para Rua Joaquim Severiano Fonte: Elaborado pelo autor	209
Imagem 40. Ideias para Praça Antônio Viana Fonte: Elaborado pelo autor	215
Imagem 41. Perspectiva 01 da proposta para Praça Antônio Viana Fonte: Elaborado pelo autor	224
Imagem 42. Perspectiva 02 para Praça Antônio Viana Fonte: Elaborado pelo autor	225

Imagem 43. Perspectiva 03 da proposta para Praça Antônio Viana	226
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 44. Perspectiva 04 para Praça Antônio Viana	227
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 45. Perspectiva 05 da proposta para Praça Antônio Viana	228
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 46. Perspectiva 06 para Praça Antônio Viana	229
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 47. Perspectiva Playground	230
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 48. Ideias para o playground	230
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 49. Estudos para creche	233
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 50. Estudos para creche 2	236
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 51. Perspectiva interna 01 da Creche A. C. V.	242
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 52. Perspectiva jardim da Creche A. C. V.	244
Fonte: Elaborado pelo autor	
Imagem 53. Perspectiva interna (sala sapinho) da Creche A. C. V.	246
Fonte: Elaborado pelo autor	

Imagem 54. Perspectiva interna (sala estrelinha) da Creche A. C. V. Fonte: Elaborado pelo autor	247
Imagem 55. Perspectiva interna (sala passarinho) da Creche A. C. V. Fonte: Elaborado pelo autor	248
Imagem 56. Perspectiva interna (sala florzinha) da Creche A. C. V. Fonte: Elaborado pelo autor	249
Imagem 57. Proposta esquemática das hortas do sistema mandala Fonte: Elaborado pelo autor	254
Imagem 58. Ideia inicial da praça do campo. Fonte: Elaborado pelo autor	257
Imagem 59. Perspectiva 01 da proposta para Praça do Campo Fonte: Elaborado pelo autor	264
Imagem 60. Perspectiva 02 da proposta para Praça do Campo Fonte: Elaborado pelo autor	265
Imagem 61. Perspectiva 03 da proposta para Praça do Campo Fonte: Elaborado pelo autor	266
Imagem 62. Perspectiva 04 da proposta para Praça do Campo Fonte: Elaborado pelo autor	267
Imagem 63. Ideias iniciais do centro comunitário/mercado. Fonte: Elaborado pelo autor	269
Imagem 64. Perspectiva 01 da proposta para o centro comunitário/ mercado. Fonte: Elaborado pelo autor	280
Imagem 65. Perspectiva 02 da proposta para o centro comunitário/ mercado. Fonte: Elaborado pelo autor	281

LISTA DE COLAGENS

Mãe, tia e os tratores	07
Cheiro-verde	25
Maracanãs	35
Migração	65
Esconde-esconde	69
Contatos	83
O cajueiro	87
Terrive	117
Minúcias	123
Muitos Universos	188
Saudade	289

LISTA DE MAPAS

Mapa 01. Mapa elaborado pelo autor da Região Metropolitana de Fortaleza. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)	33
Mapa 02. Mapa de sistema viário elaborado pelo autor Fonte: Plano Diretor de Maracanaú; Análise Ambiental e Social do Programa de transporte e logística urbana de Maracanaú (TRANSLOG); Google earth	47
Mapa 03. Mapa de zoneamento produzido pelo autor Fonte: Plano Diretor de Maracanaú	53
Mapa 04. Mapa de Áreas Verdes e Institucionais. Mapa produzido pelo autor. Fonte: Prefeitura de Maracanaú	57
Mapa 05. Mapa de diagnóstico elaborado pelo autor Fonte: Google earth; Arquivo pessoal;	59
Mapa 06. Percursos. Mapa produzido pelo autor. Fonte: Prefeitura de Maracanaú; Arquivo pessoal	81

SUMÁRIO

1 Razão de ser	21
1.1 Objetivos gerais	28
1.2 Objetivos específicos	29
2 O bairro	31
2.1 Localização e relação com a cidade;	32
2.2 Um pouco de história	34
2.3 Dados	39
2.3.1 Sistema Viário	46
2.3.2 Legislação	52
2.3.3 Diagnóstico Espacial	58
3 Olhares	67
3.1 A pesquisa	70
3.2 Diário de bordo	82
3.3 Resultados	88
3.4 Conclusão da pesquisa	111
4 Varedas	115
4.1 Programa de necessidades	118
5 Outros	121
5.1 O que dizem os outros?	126
5.1.1 Espaço Público	128
5.1.2 O lugar e seus Territórios	132

5.1.3 Construção de lugar	142
5.1.4 Permacultura	154
5.1.5 Urbanismo Tático	162
5.2 O que fazem os outros?	168
5.2.1 Casa Fora de Casa	170
5.2.2 Ainonghui	174
5.2.3 Projeto Mandala	178
5.2.4 Kathmandu Valley	180
6 O desenho	184
6.1 Proposta Viária	200
6.2 A Praça Antônio Viana	210
6.3 A Creche Antônio Correia Viana	232
6.4 A Horta Comunitária	250
6.5 A Praça do Campo	256
6.6 O Centro Comunitário/ Mercado	268
7 Um caminho de volta	285
8 Bibliografia	291
9 Anexos	303



1

RAZÃO DE SER

A matriz abstrata que compõe minha ideia e dá base à proposta é composta por uma mistura de lembranças de infância e experiências que tive em outros lugares, nos quais pude sentir o prazer de viver o espaço da rua. Até hoje guardo as imagens de mim e meus primos, e amigos meus e amigos de amigos meus, correndo pelas ruas, fazendo barulho, chutando bolas em terrenos alheios, nos escondendo no mato, brincando de esconde-esconde. São imagens de meninos montando suas pipas na 'época das pipas', de triângulos desenhados com a mão, no chão de areia durante a 'época das bilas', de piões girando e lutando na 'época dos piões'.

22

São cenas de briga por causa de uma cartinha roubada, de um ou outro levando uma 'bolada'- durante o jogo de carimba, de toda a "pivettata" correndo quando um carro entrava na rua e depois todos voltando a brincar. São imagens de pés sujos de poeira, de chinelos quebrados, bolas furadas, pipas enganchadas em árvores. Imagens da minha mãe me ensinando a andar de bicicleta, a primeira vez, na rua. Imagens de mim e meus primos andando de bicicleta juntos um tempo depois. São recordações das sombras das árvores que foram cortadas, das pessoas sentadas no banco da rua que foi arrancado, de pessoas esperando outras que não voltaram mais. São imagens de ruas estreitas e floridas durante a época das chuvas, da água transparente da lagoa num dia de sol e pescaria. Imagens da vendedora de verduras que saía de manhã cedo, com um carrinho, o sol sobre o rosto



Imagem 01. Vitor e Karine na praça da Graça Loura.
Fonte: Arquivo pessoal

a vendedora era minha tia

Imagens do meu avô colhendo as verduras que ele mesmo plantou.

Ao longo do trabalho, esta voz se apresentará, a depender do contexto, e trará argumentos informais, pessoais e intuitivos; relatos, imagens e lembranças acerca do processo iniciado e da vida em si. Trata-se de uma composição paralela traçada no intuito de se abrir por completo a brecha que há entre o estudo técnico acadêmico e o ser que dá voz e corpo a tudo isso.

Cheiro-verde



Este trabalho de conclusão de curso visa desenvolver um estudo de possibilidades de requalificação e revitalização urbana que possam ser aplicadas no contexto espacial do bairro Parque Tijuca, situado no município de Maracanaú, Ceará. O repertório a ser construído parte do desejo de estabelecer significados aos diferentes processos que levaram à configuração do bairro atual e trazer à tona qualidades e potencialidades que este possui.

A presente proposta tem fluído de diferentes maneiras, desde sua consolidação. O que torna legítimo este esforço é terem presença aqui, todas as experiências tidas no ambiente acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, bem como vivências em trabalhos extracurriculares e situações pessoais. O contato direto com situações problema em casos reais, permitido através da participação do VARAL, Laboratório de Iniciativas em Design Social, grupo de pesquisa e projeto focado em Design Social, tornou possível a construção de um repertório rico em ações e uma noção mais sensível acerca do que é lidar com o espaço público e as pessoas que o constroem.

O local escolhido é o bairro Parque Tijuca, no município de Maracanaú, local de morada do autor, que contraditoriamente, no decorrer de seu processo de formação pessoal, assistiu onisciente, as transformações ocorridas nesse espaço, dito como lar, mas

nem sempre sentido como um. Essa retomada de contato se dá essencialmente devido a forte carência de equipamentos públicos, bem como de serviços, que o bairro possui, proveniente do seu distanciamento dos grandes centros urbanos, e também, há aqui, um sentimento de retribuição surgido depois de anos de ausência, e até mesmo, repulsa. Além destas justificativas, tem-se o problema da insegurança que até pouco tempo, não se configurava como uma característica do bairro. Contudo, este ponto de vista pessimista, atua como estímulo para esta iniciativa, ao se vislumbrar outra perspectiva, mais humana e diversificada.

Existe um resgate primeiro, de uma história parcialmente vivida pelo autor, histórias vivenciadas e materializadas por aqueles que têm no espaço um elo com suas próprias infâncias, por vezes traçadas não no aqui, mas num lugar longínquo do passado que se refletem na nostalgia do presente. O tempo, incompreensível, volátil e interpretativo, possui um papel ditame no corpo desta proposição, pois foi e é através dele, que as possíveis mudanças poderão vir a surgir. Nas palavras de Pierre Nora, "o que estamos buscando na acumulação religiosa de testemunhos, documentos, imagens, de todos os "sinais visíveis daquilo que foi" é nossa diferença, e "no espetáculo dessa diferença o brilho súbito de uma identidade inencontrável. (1994, apud Marc Augé, p.29)

1.2 OBJETIVOS GERAIS

O objetivo central deste trabalho é uma proposição urbanística e arquitetônica situada no bairro Parque Tijuca, no município de Maracanaú, que inclua um plano de requalificação urbana desenvolvido a partir da implementação de novos equipamentos públicos e de infraestrutura. Mais especificamente, um parque urbano vinculado a um centro comunitário, que reúne diferentes serviços e espaços a serem apropriados pelos moradores. Há o resgate e ressignificação de uma praça pré-existente, de um campo de futebol abandonado e uma creche comunitária, que pretende-se oferecer uma nova configuração espacial, mais completa e adequada à demanda existente. Busca-se, com isso, estreitar a conexão entre os moradores e o bairro por meio da retomada de hábitos antigos, revitalizar a vida urbana, o uso da rua e propiciar o acréscimo de qualidade de vida perdido ao longo dos anos.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Produção, aplicação e análise de questionário social a ser desenvolvido junto à comunidade do bairro Parque Tijuca;
- Concepção de um programa de necessidades por meio dos resultados da pesquisa;
- Revisão bibliográfica acerca das bases teóricas e projetuais escolhidas para fundamentação do trabalho;
- Elaboração de diretrizes gerais e específicas para área;
Proposição urbanística (Masterplan)



2

○ BAIRRO

2.1 LOCALIZAÇÃO E RELAÇÃO COM A CIDADE

O bairro Parque Tijuca encontra-se margeado à leste, pela rodovia estadual CE 065, à norte pela rodovia federal BR 020 - juntamente com o 4º anel viário, à oeste pelo rio Maranguapinho e ao sul por uma área de preservação ambiental. O fluxo predominante acontece em direção à CE 065 que atua com uma grande via coletora para todo o bairro. A falta de permeabilidade interna faz com que a população residente, nesse trecho, se veja obrigada a fazer longos percursos diários em direção a esta via, para utilizar o transporte público que concentra-se completamente na CE 065. Tem-se aqui uma superposição de usos que ocasionam conflitos e acidentes, uma vez que a CE 065 recebe um grande afluxo de veículos de carga, durante todo o dia.



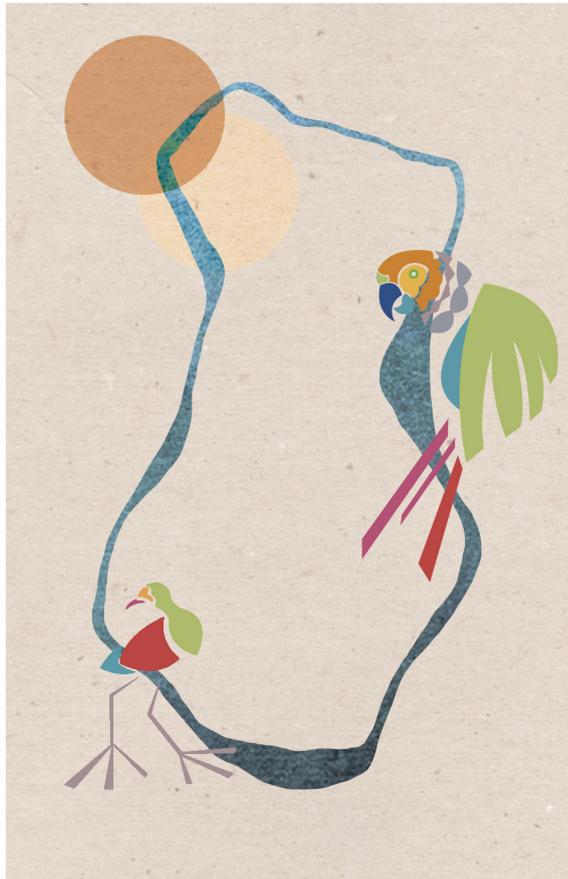
Mapa 01. Mapa elaborado pelo autor da Região Metropolitana de Fortaleza.
 Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

2.2 UM POUCO DE HISTÓRIA

Maracanaú é uma cidade recente que teve sua emancipação datada de 1983, mesmo ano em que passa a integrar a região metropolitana de Fortaleza. A história de Maracanaú, apesar de breve, foi permeada por acontecimentos inusitados.

Originalmente o território era ocupado por povos indígenas potiguares, sob a liderança do Cacique Maracá. Esses povos tiveram contato com as missões exploradoras holandesas em 1648 e a partir dessa aproximação, as ocupações indígenas foram paulatinamente suprimidas por agrupamentos europeus que desenvolveram-se no entorno da lagoa de Maracanaú e depois, nas proximidades das lagoas de Jaçanaú e Pajuçara (Prefeitura de Maracanaú). A inauguração da linha férrea na cidade de Maranguape em 1875, foi precedida de um conflito que culminou com a anexação do povoado que tinha por nome Vila do Santo Antônio do Pitaguary, em 06 de maio de 1882. Maracanaú em surgimento torna-se distrito de Maranguape em 1906. A conquista do distrito de Rodolfo Teófilo pela administração de Maranguape e a sua posterior anexação ao distrito de Maracanaú, dá forças ao movimento de emancipação que se formava entre as lideranças distritais, até que em 1962, numa iniciativa vitoriosa, Maracanaú emancipa-se. Contudo, as intempéries políticas pelas quais o país passava na época, iriam pôr abaixo os logros dessa conquista. Após o golpe militar de 1964, todos os novos municípios formados até

Maracanās



dois anos antes seriam retornados a sua posição de distritos e foi isso que aconteceu com Maracanaú.

Houve duas tentativas frustradas de re-emancipação da cidade, tendo sido alcançada apenas em 1983. O primeiro prefeito eleito para gerir a cidade, Almir Freitas Dutra, não teve a chance de exercer o cargo, pois foi assassinado pelo próprio vice José Raimundo Menezes de Andrade.

Na sequência ocorreram diversas sucessões políticas, dentre as quais a que elevou ao cargo de Prefeito o Senhor Roberto Pessoa, que foi uma das mais longas, 8 anos consecutivos (2004-2012), sendo sucedido por seu vice, o Senhor Firmo Camurça (2012-).

Os primeiros incentivos à industrialização cearense ganharam mais ênfase durante a fase do modelo de substituições das importações, na qual algumas políticas nacionais balizaram esse processo (Magnoli e Araújo, 2005, p.142, apud NETO, 2013, p.77). A criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) promoveu um deslocamento de investimentos do eixo Centro-sul (NETO, 2013, p.77). A busca pela presença de mais indústrias em território cearense levou a promulgação da Lei nº 10.367, de 07 de dezembro de 1979, que criava o Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI), cujo foco era "complementar o sistema de

incentivos regionais para o desenvolvimento industrial, de modo a assegurar às empresas industriais, consideradas fundamentais para o seu crescimento econômico, a concessão de incentivos, abrangendo os itens implantação, funcionamento, realocização, ampliação e até recuperação”. (SOARES et al., 2007, apud NETO, 2013, p.78).

A industrialização cearense, segundo Neto (2013), teve sua ascensão a partir do ano de 1960 até meados da década de 1980, quando passa-se a pôr em prática ações modernizadoras orientadas por princípios neoliberais.

37

Em meio a isso, Maracanaú é contemplada pela onda industrial ao receber em seu território o plano diretor do distrito industrial (1964) que só pode ser posto em prática em 1966. Mesmo após a decadência da SUDENE, Maracanaú manteve-se atrativa para investimentos industriais, através de incentivos fiscais e de infraestrutura ofertada pela prefeitura. Um terceiro e bastante preponderante fator, deveu-se a sua localização estratégica, que configura uma boa relação com os outros municípios, bem como dos então equipamentos de logística para o escoamento da produção.

A implantação do Distrito industrial foi bem sucedida e anos

depois foram criados mais 3 distritos, além da Ceasa - Central de distribuição do Ceará. O fato do município ser cortado pelo Anel Viário (Acesso da BR-020), permitiu o rápido escoamento aos Portos do Pecém - em São Gonçalo do Amarante, distante 50 km, ao Porto do Mucuripe em Fortaleza, distante 25 km, e de Suape, em Pernambuco distante 860 km e Aeroporto Internacional de Fortaleza, distante apenas 14 km. Além disso, Maracanaú é cortado por mais quatro rodovias estaduais (CE 060, CE 065, CE 251 e CE 350), sendo a CE 060 conhecida como Rodovia Padre Cícero, que é a principal ligação da capital ao centro-sul do Estado do Ceará.

2.3 DADOS

Maracanaú possui uma população estimada de 226.128 habitantes (IBGE 2016), distribuídos por uma área de 106,648 km² (IBGE 2018), dos quais 60% são em áreas urbanas e que se encontra 99% da população. Preservação do meio ambiente permanente representa de 10% a 30% da área rural. Possui densidade demográfica de 1.960,25 hab/km².

Maracanaú está entre as 05 cidades responsáveis por mais da metade do PIB do Estado – Fortaleza, Maracanaú, Caucaia, Sobral e Juazeiro do Norte somam juntas 61,73% do PIB cearense. (IBGE 2015/PIB Municípios 2013). O setor terciário ou de serviços dita a dinâmica econômica do Estado, detendo cerca de 75% da economia.

Em 2000, (...) 179.732 habitantes, e em 2003 um PIB per capita de R\$ 9.524 (nove mil, quinhentos e vinte e quatro reais), sendo 0,09% representado pelo setor Agropecuário; 26,39% pelo setor de Serviços; e 73,52% pelo setor Industrial. (IBGE 2000/IPECE 2003). Em 2010, o município apresentava uma população de 209.057 habitantes, e em 2013 um PIB per capita de R\$ 28.723 (vinte e oito mil, setecentos e vinte e três reais), sendo os setores de Agropecuária responsável por 0,09%; Indústria por 46,81%; e Serviços por 53,10%. (IBGE 2010/IPECE 2013).

Contudo, o fato da cidade apresentar um PIB per capita elevado, não significa que a soma da riqueza produzida no município está sendo distribuída igualmente para todos, sendo possível que na proporção que o PIB aumente, os cidadãos munícipes fiquem mais pobres, já que persiste alto índice de concentração de renda, o que potencializa as desigualdades sociais. O município de Maracanaú possui a 2º maior arrecadação do estado, e é a terceira cidade mais desenvolvida do Ceará, segundo estudo da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

40

Segundo dados municipais - Perfil das Famílias do Cadastro Único 2016 - Maracanaú atualmente possui 39.968 famílias em situação de baixa renda, com renda mensal entre zero e 03 (três) salários mínimos, e renda per capita em média de R\$ 200,00 (duzentos reais) mensais. Esse quantitativo representa 123.580 pessoas, o equivalente a 59% da população maracanaense.

17.173 famílias são beneficiárias do Programa de Transferência de Renda Bolsa Família, com renda per capita entre R\$ 85,01 (oitenta e cinco reais e um centavo) a R\$ 170,00 (cento e setenta reais) mensais. Das famílias beneficiárias com a transferência de renda, 12.658 encontram-se na linha da extrema pobreza, com renda per capita de até R\$ 85,00 (oitenta e cinco reais). A maioria delas residem nos bairros correspondentes aos territórios do Jereissati e da Pajuçara.

Maracanaú também possui 3.404 pessoas beneficiárias com o Benefício de Prestação Continuada – BPC Idoso, e 2.947 pessoas beneficiárias com o BPC Pessoa com Deficiência. Tal benefício é concedido aos Idosos ou Deficientes cuja renda per capita familiar não ultrapasse a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Maracanaú é 0,686.

Nesse recorte, a população carente do atendimento dos programas sociais, também sofre com situações de desemprego, empregos informais, falta de moradia, de saneamento básico, e de efetivação de direitos sociais. Dessa forma, é possível identificar que a situação socioeconômica da população maracanaense apresenta um quadro de grande desigualdade econômica e social em face da riqueza produzida no município e sua distribuição desigual.

Maracanaú conta com 61 Unidades de Saúde, sendo 52 públicas e 09 privadas, e 1950 profissionais de saúde ligados ao Sistema Único de Saúde – SUS, segundo dados da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará – SESA.

A taxa de cobertura de esgotamento sanitário do município é de 40,17%, não atingindo nem metade da população, tendo quase 60% dos munícipes utilizando fossas como formas de esgotamento sanitário ou convivem com esgotos correndo a céu aberto.

Os dados do IPECE/CAGECE/2014 revelam que 99,03% da população urbana de Maracanaú possui cobertura d'água, taxa superior à estadual. Segundo Censo IBGE/2010, os domicílios particulares permanentes possuem cobertura de 96,97% no tocante ao abastecimento de água pela rede pública, enquanto 3,03% da população utilizam poço, nascente ou outra forma de abastecimento.

Os dados do IPECE/COELCE/2014 e Censo IBGE/2010 revelam que 77.003 consumidores recebem abastecimento de energia elétrica, o que representa 99,42% da população maracanaense. Quanto ao lixo coletado, o IBGE/2010 aponta que 95,95% da população é atendida pela coleta pública de lixo.

Analisando a mortalidade infantil em Maracanaú, os dados revelam que o município não segue a tendência nacional de declínio desse indicador, apresentando uma taxa de 9,86 em 2009 e 10,70 em 2015, fato que pode ser ocasionado por diversos fatores, como por exemplo: não realização de pré-natal, deficiência na assistência hospitalar aos recém-nascidos, ausência de saneamento básico e desnutrição. Contudo, ainda apresenta uma taxa inferior à estadual.

Os dados revelam que a Educação Infantil e Fundamental têm recebido maiores investimentos dos governos, nas diversas esferas administrativas. A rede municipal é a maior responsável

pelo atendimento educacional do município, abrangendo 91% do total de escolas. No tocante ao Ensino Médio, que representa o quantitativo de 9% das escolas do município, percebemos que o quantitativo é baixo para atender as demandas locais.

Segundo dados no Ministério do Trabalho, ano de 2015, Maracanaú apresenta 61.012 empregos formais, divididos nas áreas da Indústria de Transformação, 47%; Comércio, 21%; Serviços, 15%; Administração Pública, 12%; e Construção Civil, Serviços Industriais de Utilidade Pública, Extrativista Mineral e Agropecuária, 5%. Destes, 39.507 (65%), são ocupados por homens e 21.505 (35%) por mulheres.

43

O município encontra-se dividido em três distritos urbanos - Maracanaú (Sede), Pajuçara e Mucunã, além da área rural.

Na área rural encontra-se parte da reserva indígena Pitaguary, entre os municípios de Maracanaú, Pacatuba e Maranguape. A reserva está situada a 26 km do município de Fortaleza.

A reserva foi instituída pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI em 2006, com superfície aproximada de 1.735 ha e perímetro aproximado de 21 quilômetros.

Dentre as principais estratégias de desenvolvimento lançadas pela administração pública de Maracanaú atualmente, uma delas se destaca pela sua amplitude e impacto no contexto geral da cidade. Trata-se do TRANSLOG, um programa de Transporte e Logística Urbana de Maracanaú, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, que tem por objetivo promover uma maior produtividade do município a partir da melhoria de sua infraestrutura viária, com foco no transporte de cargas e no escoamento da produção industrial. Em acréscimo, visa-se otimizar a mobilidade urbana dos habitantes ao atender algumas demandas de políticas públicas programadas pela gestão municipal.(TRANSLOG, 2017).

44

A forte descontinuidade viária e funcional no eixo leste-oeste da cidade de Maracanaú é bastante evidente e o plano prevê medidas que buscam dinamizar esse fluxo e conseqüentemente gerar um incremento na qualidade de vida da população afetada. Contudo, os focos de intervenção encontram-se distantes da população residente no bairro Parque Tijuca (ver imagem 02) e estes benefícios a priori não as contemplam diretamente ou indiretamente, a curto ou longo prazo. Ao ter isso em vista, pode-se concluir que é pertinente o desenvolvimento de outros meios pelos quais possa-se agregar valores às áreas periféricas estudadas, ao tomar partido de outras estratégias urbanas alternativas, que são aqui propostas. Acredita-se que o crescimento da cidade

deve contemplar de alguma forma todas as áreas dentro dos seus limites administrativos, todavia, é claro que essa evolução conjunta depende do nível de organização política, tanto por parte da administração pública, quanto da população em geral.

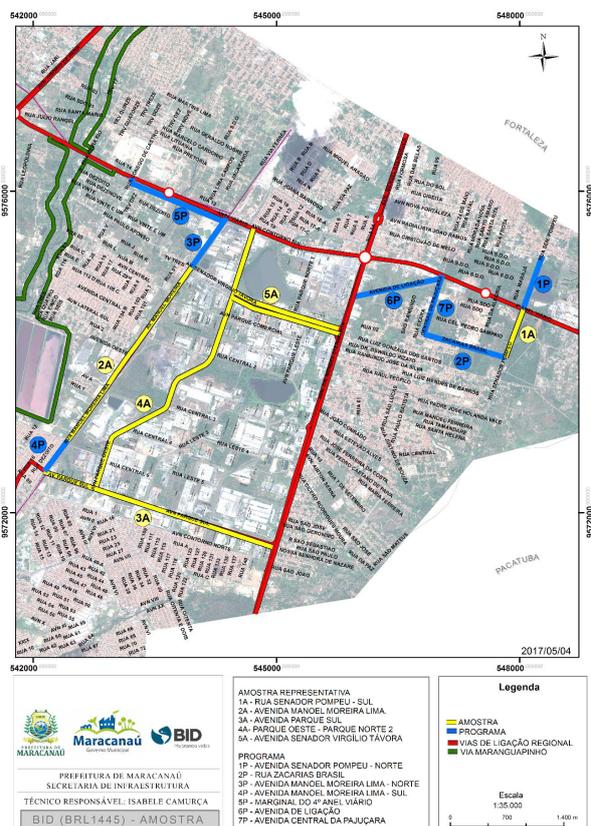


Imagem 02. Áreas de intervenção do TRANSLOG.

Fonte: Prefeitura de Maracanaú

2.3.1 SISTEMA VIÁRIO

O bairro tem como seu principal limite espacial a CE 065, que o margeia em toda a extensão norte-sul. Essa rodovia estadual dá acesso ao município de Maranguape e às serras de Guaramiranga e Pacoti. Possui tráfego nos dois sentidos e tem grande fluxo de veículos de carga. Ela também figura como principal elo entre o bairro e o restante da cidade, bem como de outros municípios, pois concentra boa parte dos itinerários do transporte público ofertado por empresas privadas. Mesmo tendo uma função preponderante, sua configuração espacial e falta de equipamentos que facilitem sua travessia no sentido Leste-Oeste não propiciam a comunicação do bairro com os seus vizinhos. A evolução dessa via foi lembrada por várias pessoas entrevistadas, segundo as quais, sua ampliação foi uma das poucas mudanças observadas ao longo dos anos.

46



Imagem 03. Vista da CE065.
Fonte: Arquivo pessoal



Mapa 02. Sistema viário. Mapa produzido pelo autor.
 Fonte: Prefeitura de Maracanaú

A Rodovia do 4º anel viário delimita o bairro em sua porção norte e faz ligação com as principais rodovias da capital (CE-040, CE-060, CE-065, BR-116, BR-020 e BR-222). Assim como a anterior, apresenta grande movimentação de carga e atualmente encontra-se sob processo de readequação viária. O 4º anel viário é tido como um marco para o início do bairro, contudo nos últimos anos, devido às obras em processo, o fluxo de pedestres e ciclistas encontra-se criticamente comprometido, em todos os turnos (manhã, tarde e noite), sendo a noite o período mais perigoso. Isso se deve especialmente à destruição da ciclovia que ligava o município à capital Fortaleza.

48

Internamente, o bairro é recortado por vias locais e estruturais que não possuem uniformidade quanto à sua caixa, nem em relação à infraestrutura. As vias estruturais Joaquim Pedro Severiano e Henrique Mendes, cruzam o bairro, no sentido norte-sul, nas porções norte e sul, respectivamente. Mesmo que possua uma grande importância para o fluxo interno dos moradores, a Rua Joaquim Pedro Severiano ainda encontra-se sem pavimentação, o que gera problemas de empoçamento no período das chuvas e poeira no restante do ano. Em nenhuma das vias foram identificadas ciclofaixas e/ou equipamentos de assistência à pessoas com deficiências físicas ou idosas. Esse é um problema sério, uma vez que estima-se que boa parte da população é idosa

e tem dificuldades de locomoção. Os problemas relacionados à mobilidade são bastante visíveis e constam nas reclamações feitas pelos moradores. A aquisição das linhas de transporte alternativo 203 e 205 são vistas como melhorias, ainda que o serviço seja bastante precário e não tenha um itinerário previsível.

Por fim, a presença da via paisagística 2 ao longo do trecho do rio Maranguapinho que configura o limite leste do bairro, complementa as tipologias viárias existentes. Ao ter por base as informações obtidas diretamente com a população, essa via não é amplamente utilizada, nem tampouco, conhecida pela comunidade. Seu uso é restringido em especial pela insegurança dos moradores em adentrar o espaço do bairro, na direção leste. A aridez do espaço e a falta de uma urbanização complementar ao longo desta via fomentam seu desuso.

50

Assim, em resumo, a malha viária do bairro apresenta muitas descontinuidades e falta conexão com as outras áreas da cidade. As grandes vias, CE065 e a via paisagística 2, terminam por isolar ainda mais a população ao se configurarem como barreiras físicas e psicológicas.



51

Imagem 04. Via paisagística.
Fonte: Google earth

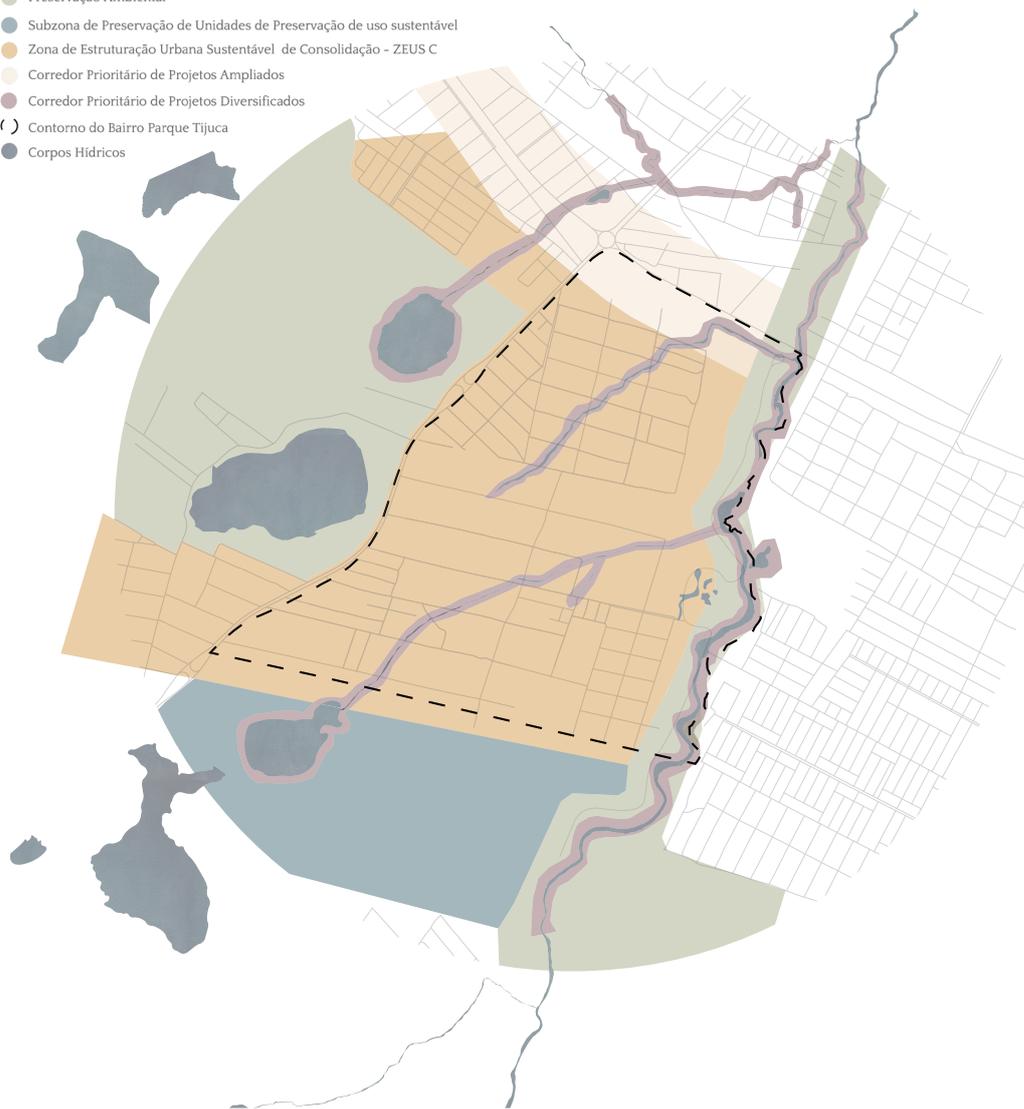
2.3.1 LEGISLAÇÃO

De acordo com a análise do zoneamento urbano apresentado no Plano Diretor Participativo de Maracanaú, a porção norte compreendida pela Rodovia do 4º anel viário, a via paisagística do Rio Maranguapinho, a CE 065 e a rua status, é definida como Corredor Prioritário de Projetos Ampliados, que na subseção VII, artigo 87, exige tratamento urbanístico diferenciado, sobrepondo-se ao Macrozoneamento e observada a integração entre os modais e a segurança nas travessias e percursos de pedestres.

Alguns trechos são classificados como Corredores de Projetos diversificados - COPDIV, subseção VIII, artigo 88, estes, contudo, em menor abrangência, que correspondem às faixas delimitadas por uma distância de 100,00 metros, de uso comercial e misto, e que se sobrepõe aos parâmetros urbanísticos relativos à ZRU - Zona de Requalificação Urbana - Exigindo tratamento urbanístico especial que priorize o percurso de pedestres. Estes trechos encontram-se às margens do trecho do Rio Maranguapinho, bem como suas ramificações e áreas lacustres, sendo o rio o principal divisor do bairro em relação aos bairros vizinhos.

Verifica-se através das atribuições direcionadas ao bairro, que há um evidente estímulo à verticalização habitacional, haver grandes considerações para com o meio no qual estas futuras habitações

- Preservação Ambiental
- Subzona de Preservação de Unidades de Preservação de uso sustentável
- Zona de Estruturação Urbana Sustentável de Consolidação - ZEUS C
- Corredor Prioritário de Projetos Ampliados
- Corredor Prioritário de Projetos Diversificados
- () Contorno do Bairro Parque Tijuca
- Corpos Hídricos



Mapa 03. Mapa de zoneamento. Mapa produzido pelo autor.
 Fonte: Prefeitura de Maracanaú

estariam inseridas. Não há previsões de investimentos em infraestrutura e/ou serviços. Também não se nota preocupação relacionada às possíveis consequências negativas de um crescimento habitacional verticalizado desassistido de uma política de assistência social e de um projeto de manutenção da qualidade do espaço público. É sabido que o desenvolvimento urbano desvinculado de um acompanhamento social, acaba por gerar uma série de conflitos, interpessoais e para com o espaço público, causando um desequilíbrio que promove segregações, insegurança, desvalorização de áreas e equipamentos públicos, dentre outros efeitos negativos.

54

A presença de lagoas e do Rio Maranguapinho acrescentam áreas focadas na preservação da biota, sendo o restante do bairro quase que completamente negligenciado neste aspecto. Não denotam-se previsões para criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes, que por sua vez, funcionam como mantenedores e promotores da qualidade de vida local. As áreas são majoritariamente residenciais e de uso misto.

O uso misto entra em cena como uma possível e viável estratégia para promoção de diversificação dos usos, porém não são traçados meios de como isso poderia ser estabelecido. Assim como o Plano Diretor Participativo da cidade de Fortaleza, o PDP de Maracanaú

é altamente generalista e idealizado, de maneira que sua efetiva aplicação torna a prática quase impossível, tendo em vista que os condicionantes variam muito de uma área para outra, dificultando a aplicação direta dos instrumentos urbanísticos indicados.

No perímetro do bairro são identificadas áreas de interesse ecológico e de preservação ambiental.

Conforme o que está disposto no plano diretor de Maracanaú, o macrozoneamento dispõe as seguintes classificações referentes à área no qual o bairro Parque Tijuca se encontra:

- ZEUS C (Zona de Estruturação Urbana - a consolidar)

Segundo o artigo 74, da subseção III do plano diretor, esta zona é considerada de média densidade populacional, podendo haver diversificação de usos e de gabaritos das edificações. Também é enfatizada a necessidade de melhoria da infraestrutura de suporte, em especial aos aspectos relacionados ao deslocamento da população. Ao tomar como parâmetro as diretrizes propostas para esta zona e a atual configuração do bairro, nota-se que tais orientações não foram postas em ação, uma vez que o bairro ainda possui as mesmas carências indicadas no plano diretor.

Conforme os objetivos deste zoneamento, há o direcionamento para a verticalização, com o incremento do potencial construtivo, implementação de novas tipologias construtivas e diversificação da paisagem urbana. O uso residencial se faz presente no texto e na realidade física do bairro, já que da transição do ano de 2018 para 2019, algumas poucas tipologias multifamiliares têm surgido, com mais de dois pavimentos. Há uma preocupação sucinta acerca do risco de se haver a repetição linear excessiva, tipicamente identificada em empreendimentos multifamiliares padrão.

56

Em relação a áreas verdes e institucionais, menciona-se o uso da região ao longo do Rio Maranguapinho com uso de políticas voltadas para promoção de eventos relacionados às práticas esportivas, artísticas, culturais e de lazer. Também aborda-se a reconversão de usos de espaços próximos à RFFSA, que segundo PD configura-se como uma barreira entre a comunidade do Distrito Industrial e do Alto Alegre. Nesse ponto, não identificam-se menções a revitalização ou requalificação de espaços específicos dentro dos bairros do município. Os problemas apontados são generalistas e não contemplam áreas de fragilidade urbana inseridas em trechos menores, tais como a praça Antônio Viana, que encontra-se degradada, com intervenções pontuais para poda da vegetação que cresce sem controle.

- Áreas Institucionais
- Áreas Verdes
- () Contorno do Bairro Parque Tijuca



Mapa 04. Mapa de Áreas Verdes e Institucionais. Mapa produzido pelo autor.
Fonte: Prefeitura de Maracanaú

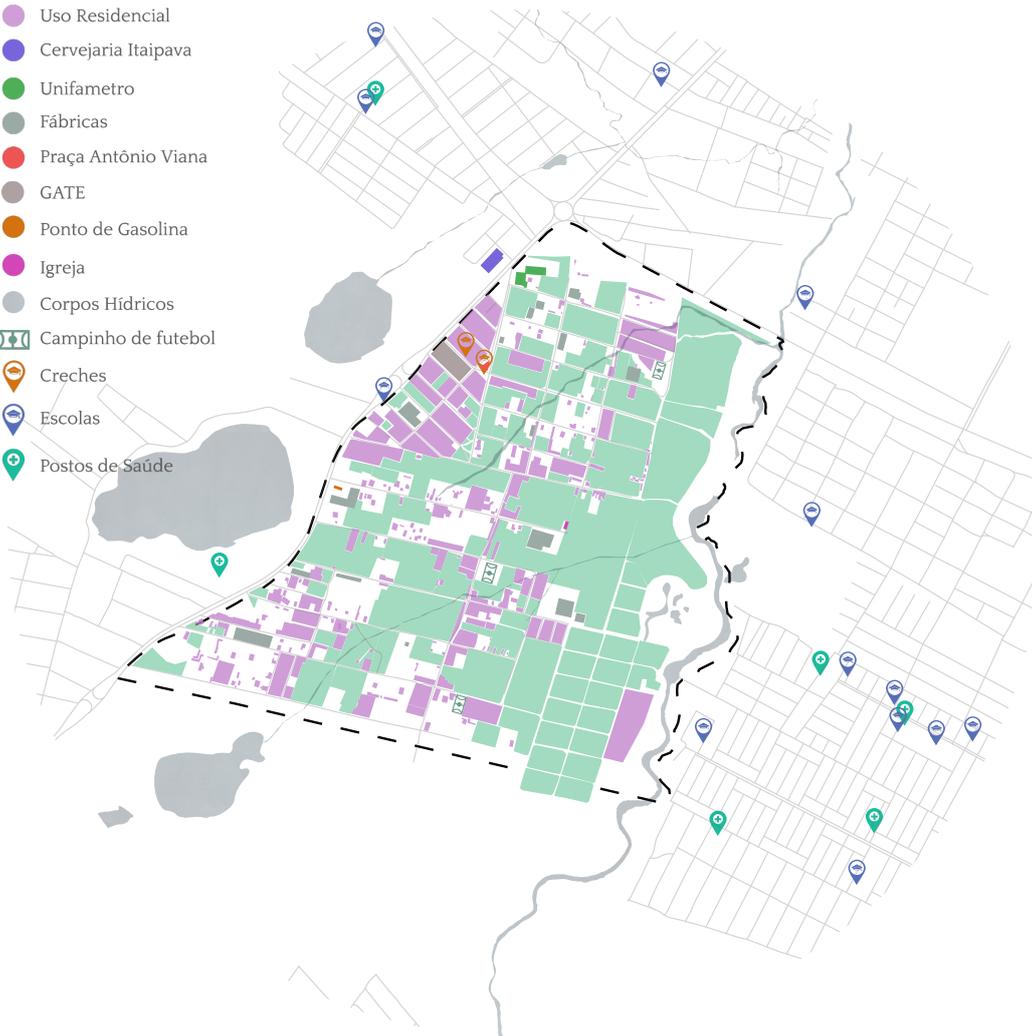
2.3.3 DIAGNÓSTICO ESPACIAL

Como pode ser observado no mapa 05, o bairro não apresenta muitas diferenciações de uso. Trata-se como um bairro residencial, com a presença de grandes vazios e terrenos subutilizados. Nota-se que existem grandes áreas cercadas, sem uso definido com alguns galpões de caráter industrial. Nas porções oeste e sul concentram-se os núcleos habitacionais, que são permeados por grandes discontinuidades espaciais, com uma ocupação difusa e desordenada. A porção leste do bairro é predominante a presença de grandes terrenos vazios, boa parte cercados ou murados. Por não haver uma ocupação bem distribuída, o espaço ganha ares de deserto e é pouco atrativo.

58

Identificou-se uma profunda carência de espaços públicos de lazer, bem como de equipamentos de suporte como creches, postos de saúde, escolas. Foram mapeados alguns campos de futebol, dos quais apenas um tem um uso mais assíduo, que é situado na esquina da rua Henrique Mendes com a Rua Doze de Outubro. São incipientes até mesmo equipamentos de serviços como supermercados, farmácias, padarias, dentre outros de uso básico da população. A ausência de infraestrutura e suporte condiciona a população a uma constante saída do bairro para o suprimento de necessidades básicas e esse deslocamento é dificultado devido a distância aos pontos de ônibus, que ficam situados todos ao longo da CE 065, muito distantes um do outro.

- () Contorno do Bairro
- Vazios
- Uso Residencial
- Cervejaria Itaipava
- Unifametro
- Fábricas
- Praça Antônio Viana
- GATE
- Ponto de Gasolina
- Igreja
- Corpos Hídricos
- 🏟️ Campinho de futebol
- 👶 Creches
- 🎓 Escolas
- 🏥 Postos de Saúde



Mapa 05. Mapa de diagnóstico elaborado pelo autor
 Fonte: Google earth; Arquivo pessoal;



Imagem 05. Venda do tio Dedé.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 06. Rua Santa Edvirens.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 07. Rua Santa Isabel próx. à
praça Antônio Viana.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 08. Trecho da Rua Joaquim
Severiano.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 09. Moradores.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 10. Jardim do Israel (morador).
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 11. Quintal do tio Luís e da tia Maria.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 12. Trecho da Rua Afonso Parente.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 13. Por do sol no bairro Parque Tijuca.
Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 14. Rua João Crisóstomo à noite.
Fonte: Arquivo pessoal

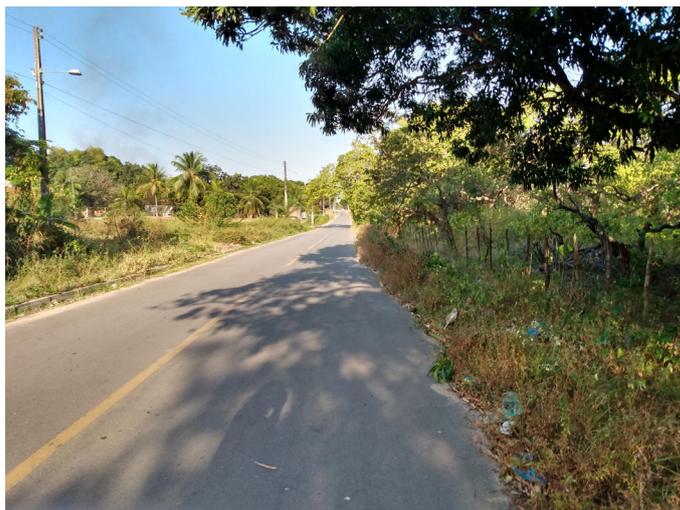


Imagem 15. Rua Cesár Garcia próx. ao espaço do campo.
Fonte: Arquivo pessoal



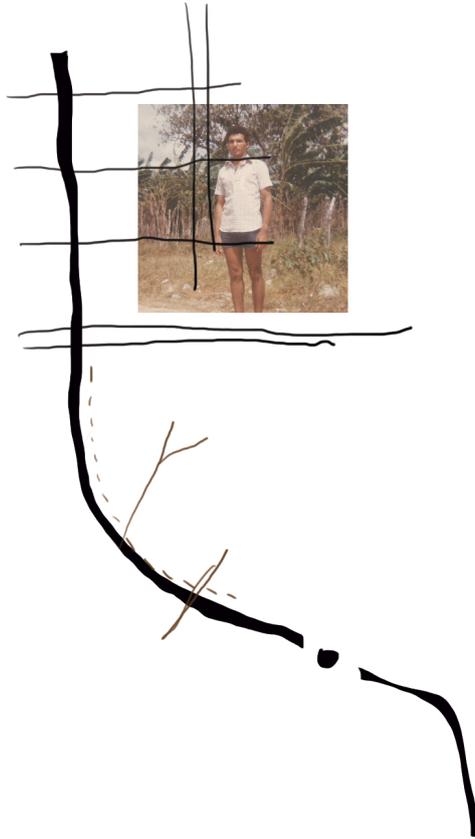
Imagem 16. Sede de uma cooperativa de agricultura familiar encontrada no bairro.
Fonte: Arquivo pessoal

Minha família inteira veio do campo. Chegaram aqui no ano de 1977 e trouxeram consigo as raízes, a "matutez" e a esperança das pessoas simples do interior (daquela época). Meu avô era agricultor. Cultivava e criava animais para consumo próprio e para venda. Minha avó era dona de casa e mãe de 13 filhos. O motivo da mudança foi um fluxo natural. Parentes, amigos e conhecidos, na busca por trabalho e melhores condições, passaram a migrar em direção a capital e como uma reverberação, o mesmo aconteceu com meus avós, mãe, tios e tias. Ficaram no meio do caminho, por assim dizer, dessa caminhada à Fortaleza e se instalaram aqui. E daqui, tem-se início uma história de trabalho e conquista do espaço. Meu avô manteve seu contato com a terra, conseguiu trabalho como jardineiro e até hoje cuida de um roçado aqui próximo. Os filhos cada um tomou seu caminho e hoje apenas alguns ainda moram perto.

Essa história, acredito, toca muitas outras histórias, de outras famílias que aqui se estabeleceram. Contudo, cada movimento migratório teve, com certeza, suas nuances mais particulares. E ainda hoje se vê muito da herança do campo: a forma de construir e alocar as residências, nos jardins de quintal, nos cultivos de milho, feijão, macaxeira... E é por essa razão que tenho orientado meu pensamento a fim de buscar estratégias que resgatem esses aspectos que têm se perdido com o passar das gerações.

Um fluxo também... natural e inevitável.

Migração





3

OLHARES

O ponto de partida desta história foi, sem dúvida, a minha autorreflexão sobre o lugar onde moro e a constatação clara de que estive desconectado dele durante praticamente todos os anos da minha formação estudantil e acadêmica. Mesmo tendo trabalhado em diferentes comunidades e espaços públicos através de projetos de extensão ao longo da faculdade, necessitei de um -longo- tempo para me reaproximar e me dar conta da importância que é ter uma visão múltipla do espaço e não apenas a minha. Então, depois da forte constatação da falta de mais informações sobre o espaço em questão, conclui que era necessário ouvir para então, ter algo a dizer.

Esconde-esconde



3.1 A PESQUISA

Como estratégia metodológica optou-se por realizar um questionário que visava esclarecer dúvidas acerca da relação dos moradores com o bairro. Durante a etapa de pesquisa bibliográfica não foram identificadas informações específicas sobre o bairro Parque Tijuca que pudessem estabelecer um contato efetivo com a realidade atual. Dessa forma, o questionário agregou mais repertório e pontos de vistas locais, que ainda não haviam sido considerados. Ele consistiu em perguntas com temática voltada para o bairro, às quais não mediam a capacidade intelectual dos entrevistados, mas avaliavam suas opiniões, opiniões e aspectos pessoais, com informações biográficas (Yaremko, Harari, Harrison & Lynn, 1986, p. 186, apud MARINA BANDEIRA, 2003, p.2).

70

O percurso desenvolvido nesta etapa encontrou, na pesquisa desenvolvida por Carlos Nelson Ferreira dos Santos, algumas sutis semelhanças que reforçaram a ideia de que tal abordagem e seus reflexos sobre o pensamento projetual são indubitavelmente pertinentes. Segundo Olivieri (2007), que discute sobre o trabalho de Carlos Nelson em sua dissertação de mestrado, a filosofia de Carlos defendia que:

Para agir sobre a cidade, o urbanista deveria abandonar os moldes e modelos, recusar qualquer totalização, generalização ou idealização, para vivenciá-la em seu cotidiano (...) Tratar-se-ia, segundo o próprio Carlos Nelson, de um caso extremo de "observação realmente participante" (1981:27), ou seja, de uma relação sempre em mão-dupla com o fenômeno ou com o "outro" observado, construída por idas e vindas - mesmo se esse "outro" for, em alguns momentos, nós mesmos.(OLIVIEIRI, 2007, p. 138, 139.)

A presença constante do entrevistador/autor/morador durante o decorrer da pesquisa conformou-se não só como uma coletora de dados, mas também um estado mutante, permeável e ouvinte de projeto, uma construção feita por diferentes partes de diferentes origens e pontos de vista. É inegável que o alcance do trabalho aqui desenvolvido foi várias vezes menor do que o obtido por Carlos Nelson em sua saga no Catumbi, entretanto, tal distância não diminui, nem deslegitima o resultado aqui apresentado.

É possível identificar uma descrição de sentimentos e transformações internas feita por Carlos Nelson em seu livro Quando a rua vira casa, que nitidamente tangencia as mesmas reflexões feitas pelo autor deste trabalho:

Comecei cuidando do que pode ser considerado, convencionalmente, do interesse primordial de um arquiteto ou urbanista: casas, sistemas viários, solução de esgoto e de abastecimento de água; redes de distribuição de energia; formas de ocupação do solo. A medida em que ia me familiarizando com aquele ambiente, a princípio tão estranho, fui percebendo que estava cheio de ordens e de códigos.(...) Era como se estivesse ajustando o foco de um câmera e começando a distinguir detalhes no que, visto à distância, podia ser descrito com o recurso a uma só cor, a uma só forma e a uma só textura.
SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos.
Apud OLIVIEIRA, Silvana. pág. 142. 2007.

Assim, as perguntas foram formuladas a partir de alguns aspectos tidos como fundamentais para uma compreensão mais completa do bairro. São eles:

- Evolução do bairro (Ideias de passado, presente e futuro)
- Problemas e Potenciais
- Demandas
- Lideranças
- Perfil dos moradores
- Fluxos e locais de encontro

72

Destes pontos, foi realizado um brainstorming de perguntas (Imagem 17), que foram então analisadas e selecionadas. Um primeiro escopo foi aplicado com pessoas próximas do entrevistador (autor). O método de entrevista consistiu em abordar a pessoa e indagar sobre a possibilidade ou não de se proceder com as questões. No caso de resultado afirmativo, era esclarecido que as respostas seriam gravadas com auxílio de um aparelho celular a fim de que o esforço e o tempo despendido pela pessoa fosse o mais breve e confortável possível.

<p>EVOLUÇÃO DO BAIRRO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que se fazia antes no bairro, que hoje não faz mais? 1. Quanto tempo você mora aqui? / Como se chegou aqui? 2. Você gosta do morar aqui? Porquê? 3. O que você mudaria no bairro se pudesse? 4. Porque se se mora aqui? 5. Como era o bairro quando você chegou? 6. De que se sente falta? 5 7. Quais expectativas para o futuro do bairro? 8. Como se avalia o Bairro hoje? 9. O Bairro mudou muito de que da então? 	<p>REGISTRO ORAL VISUAL CARTOGRAFICO.</p>
<p>PASSADO - PRESENTE - FUTURO</p> <p>3. Você gostaria de compartilhar como foi esse processo?</p> <p>PROBLEMAS & POTENCIAIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que espaços do bairro você utiliza? 1. O que você mais gosta e o que você menos gosta aqui? 2. Quais as vantagens e desvantagens de morar aqui? • Qual é o principal problema que você encontra morando aqui? 	<p>+ REGISTRO DO PONTO DE VISTA DOS MORADORES.</p>
<p>DEMANDAS</p> <p>• Que atividades você realiza no bairro?</p>	<ul style="list-style-type: none"> 1. O que você mudaria no bairro? • O que você sente falta aqui? • Que outras dificuldades você encontra aqui? 	<p>+ ADAPTADO COM A ESCOLA</p>
<p>LIDERANÇAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Você conhece alguém que lidera ou organiza algo aqui? • Você tem alguém dentro do empreendimento aqui? Como são, quais as dificuldades você encontra? 	<p>+ ATIVIDADES PRE-EXISTENTES</p>
<p>PERFIL DOS MORADORES</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nome • Idade • Profissão • Grau de escolaridade • Ocupação • Tem filhos • Renda • Quanto tempo mora aqui? 	<p>+ ENTREVISTAS COM ESPECIALISTAS</p>
<p>7. Fluxos + Fluxos + Fluxos LUGARES DE ENCONTRO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quais lugares são importantes para você dentro do bairro? • Quem são os moradores do bairro pra você? • Quais percursos você realiza no bairro? • Existe algum lugar onde as pessoas se encontram? Onde? 	<p>PREFETURA DE MARACANAU)</p>

Imagem 17. Brainstorming para o questionário.
Fonte: Produzido pelo autor

Como resultado da primeira leva de perguntas, algumas foram retiradas e/ou reformuladas, a fim de se reduzir a redundância entre as respostas, bem como o tempo de entrevista. O produto da reformulação foi a seguinte sequência de perguntas, acompanhadas de um pequeno parágrafo explicativo.

O nosso bairro Parque Tijuca

Olá! Tudo bem? Me chamo Vitor e sou um morador aqui do bairro, filho da Fátima e do Nelson e neto do seu Zé Luís...e sobrinho da Dona Iranir dos pratinhos rss. Estou fazendo esta pesquisa por que decidi concluir minha faculdade com um projeto de revitalização aqui pro nosso bairro, que já a bastante tempo, necessita de uma atenção maior. O objetivo dessas perguntas é entender um pouco mais como é o bairro Parque Tijuca ou Jaçanaú rsrs (Pq até eu não sei mais o quê é o quê) do ponto de vista dos seus moradores. Eu vou estar fazendo essa mesma pesquisa de porta em porta... mas como não garanto que vou conseguir falar com todo mundo... preciso da colaboração de vocês!!! É pro meu TCC!!!!

1) Ficha de identificação

2) O bairro

Primeiro de tudo, você se considera morador de que bairro?

A quanto tempo você mora aqui?

Por que você veio morar aqui?

Você poderia compartilhar um pouco como foi esse começo e como era o bairro? Pode escrever livremente :)

Você sente falta de algo que havia nessa época? Se sim, o quê?

Você gosta de morar aqui? Porque?

O bairro PT mudou ao longo do tempo que esteve aqui? O que mudou?

Como você considera essas mudanças?

Muito positivas; positivas; regular; negativas; muito negativas;

O que você mudaria ou acrescentaria no bairro se pudesse?

3) Fluxos

Onde começa e onde termina o bairro pra você?

Além da sua casa, que outro lugar do BAIRRO é importante pra você?

Quais caminhos você normalmente percorre dentro do bairro?

Existe algum lugar de encontro de pessoas que você conhece? Se sim, onde fica?

4) A força da comunidade

Você conhece alguma liderança de bairro? Se sim, quem é?

Você possui algum sonho que tenha relação com o bairro? Por exemplo, tem vontade de abrir uma padaria ou um salão de beleza...

Você faz algum trabalho que gostaria de divulgar? qual?

Logo após serem realizadas estas perguntas, foi feito um outro questionário que continha informações biográficas do entrevistado, bem como uma avaliação objetiva, de múltipla escolha, com cinco opções de resposta, acerca de onze aspectos do bairro. Os aspectos eram os seguintes:

Condição geral das ruas

Iluminação pública

Saneamento básico

Espaço para fazer atividades ao ar livre

Acessibilidade

Segurança

Escolas públicas

Creches

Posto de Saúde

Serviços em geral, como farmácias, supermercados...

O bairro tem uma identidade?

As opções de resposta eram: Muito bom; Bom; Regular; Ruim; Muito ruim. Apenas na pergunta “O bairro tem uma identidade?” que as opções de resposta eram: Sim; Não; Não sei responder; Não havia um espaço reservado para o registro dos elementos de identidade citados pelos entrevistados, todavia o mesmo foi feito em espaços vazios na ficha de perguntas. Ver imagem 18.

Ficha de identificação - Questionário Bairro Parque Tijuca

Nome:		Data: ___/___/___
Início:	Fim:	Local:
Idade:	Gênero:	Estado civil:
Escolaridade:		Ocupação:
Como você avalia o bairro nos seguintes aspectos:		
Condição geral das ruas		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Iluminação pública		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Saneamento Básico		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Espaço para fazer atividades ao livre		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Acessibilidade		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Segurança		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Escolas públicas		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Creches		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Posto de Saúde		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
Serviços em geral, como farmácias, supermercados...		
<input type="radio"/> Muito Bom <input type="radio"/> Bom <input type="radio"/> Regular <input type="radio"/> Ruim <input type="radio"/> Muito Ruim		
O bairro tem uma identidade?		
<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/> Não sei responder		

Imagem 18. Ficha de identificação
Fonte: Produzido pelo autor

Também fazia parte do objetivo da pesquisa solicitar o registro da imagem do entrevistado(a), bem como um registro feito pelo entrevistado(a) de algo que ele(a) considerasse valoroso ou representativo para si.

A forma de divulgação do questionário seguiu dois caminhos:

1) Durante o processo de formulação das perguntas, descobriu-se a existência de um perfil de usuário na rede social instagram, que intitulava-se Jaçanaú ordinário (Imagens 07 e 08) cujas postagens faziam referência a elementos característicos do bairro, tais como: pessoas conhecidas pela maioria dos moradores; locais que, de certa forma, representavam a identidade do bairro; comportamentos e estereótipos consagrados localmente; profissionais e empresas localizadas dentro do bairro; Essa descoberta inusitada trouxe à tona, novas reflexões que não haviam sido pensadas anteriormente, como por exemplo o nome do bairro. Outro ponto interessante constatado neste descobrimento foi a presença de pessoas preocupadas com o futuro do bairro e com a gradativa perda de identidade e carinho pelo bairro por parte da população. Em conversas tidas com o usuário por trás dessa rede social, revelaram-se questões de preconceitos internos no bairro, referentes a áreas, que ao longo dos anos tiveram seus

limites remodelados sem os moradores terem consciência disso, o que acabou por culminar em uma maior degradação da identidade do bairro. Desse contato surgiu a oportunidade de fazer uso da rede social para divulgar a pesquisa e assim possibilitar que mais pessoas pudessem dar suas opiniões. Assim, o questionário ficou disponível online, no formato de um formulário do google, no qual qualquer pessoa com acesso ao link poderia respondê-lo.



79

Imagem 19. Perfil do instagram Jaçanaú ordinário.
Imagem 20. Story ressaltando uma paisagem do bairro
Fonte: Instagram

2) A outra forma de divulgação foi através de caminhadas realizadas no mês de agosto de 2019, nos dias 04, 08, 09, 10, 11, 13, 14, 15, 17 e 21 (ver mapa 06). Os percursos realizados estão identificados no mapa xx, e foram escolhidos em ordem decrescente do grau de familiaridade do entrevistador (autor). Cada entrevista durou em média de 9 a 10 minutos. Foram entrevistadas um total de 60 pessoas, sendo uma delas um não morador, mas que trabalha no bairro diariamente, e um ex-morador que frequenta o bairro assiduamente, segundo informações cedidas pelo próprio. Com apenas estas duas exceções, todos os outros entrevistados eram moradores do bairro. A análise dos resultados deu-se da seguinte forma: 9 (nove) das respostas foram registradas por pessoas que acessaram o formulário online - google. As outras 51 (cinquenta e uma) foram compiladas individualmente pelo autor deste trabalho, também através do formulário online do google com o intuito de padronização. Ao final do registro, os dados foram transformados em gráficos para fins de melhor visualização das informações. No caso das perguntas dissertativas, após a leitura de todas, em consequência da identificação de uma recorrência de respostas, foi aplicado um filtro no qual era contabilizado o número de vezes que um mesmo elemento era mencionado e assim, chegou-se a uma série de listas de respostas. Por exemplo, mediante a pergunta: "O que você mudaria ou acrescentaria no bairro se pudesse? Muitas pessoas citaram "farmácia", "supermercado", "praça", etc. Por conseguinte, foi possível enumerar quantos respondentes repetiam tais respostas.

Exemplo:

Farmácia - 5 pessoas

Supermercado - 4 pessoas

Praça - 15 pessoas

Deste modo, tornou-se viável elencar as “prioridades” de cada nicho de perguntas.

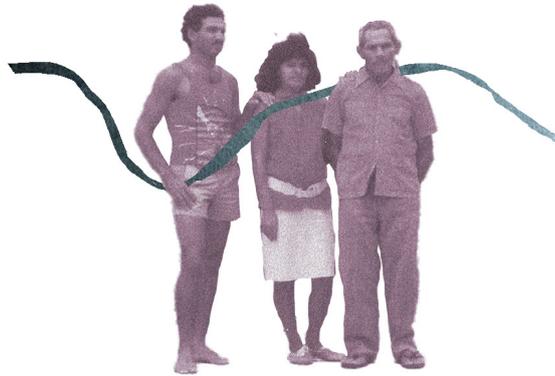


Mapa 06. Percursos. Mapa produzido pelo autor.
Fonte: Prefeitura de Maracanaú; Arquivo pessoal

3.2 DIÁRIO DE BORDO

Os caminhos trilhados durante o mês dedicado à pesquisa de campo contribuíram para reacender os questionamentos iniciais e reforçar o sentimento de retribuição que este trabalho possui, desde seu início. O contato mais próximo com espaços da minha infância, junto com outras infâncias reviveram não apenas saudades, mas tornaram evidente a existência de um cuidado com o lugar. Um cuidado que provavelmente, se não fosse esse empenho da busca, continuaria velado.

Contatos



No decorrer da pesquisa, o primeiro aspecto notado e confirmado foi a aridez dos espaços da rua, que mesmo nos períodos da manhã, entre 8:00 e 10:00 horas, possuem pouca movimentação de pessoas à pé ou de bicicleta, sendo o fluxo de motocicletas e veículos muito mais acentuado. Os principais perfis humanos identificados durante os trajetos, foram pessoas indo ao trabalho, pais a levar os filhos para as creches, movimento entre vizinhos na própria rua e crianças indo ou voltando da escola. É indubitável que outros tipos de fluxos também foram visualizados, porém os citados acima foram os mais frequentes. A falta de pessoas, combinado à presença de casas de muro alto acaba por promover a sensação de isolamento. Ainda que a caixa viária seja bastante generosa, as calçadas não apresentam regularidade, inexistente em vários pontos e o calçamento é limitado a algumas poucas ruas. Contudo, apesar da relativa aspereza dos espaços públicos e das limitações de infraestrutura, durante o dia, em decorrência da ainda abundante vegetação nativa típica do bioma da caatinga, o bairro é bastante agradável de se caminhar, o campo de visão é amplo o que permite o transeunte visualizar de antemão quem vem ou vai ao longo das ruas. É marcante a presença do canto de pássaros e o chacoalhar das folhas das árvores que tornam o ambiente deveras tranquilo, e com isto ameniza o insulamento provocado pela ausência de pessoas. As paisagens do entorno são cartões postais do bairro e de certa forma, para o autor do trabalho, configuram uma identidade do bairro.

Entretanto, já nos períodos entre 11:00 e 15:00 horas e de 19:00 horas em diante, o cenário muda quase que completamente. Devido a ausência de uma iluminação adequada, as ruas se tornam escuras e inóspitas. A vegetação, que durante o dia agrada a vista e contribui para a sensação de bem-estar, à noite torna-se gerador de medo e insegurança. A escassez de empreendimentos que funcionem no período noturno desestimula o uso da rua, que deixa de possuir qualquer atrativo. Assim, a área investigada em questão, apresenta um uso majoritariamente diurno.

A presença de áreas verdes e sem uso, delimitadas por cercas ou muros, é forte. Ao longo das conversas, percebeu-se que os moradores têm consciência desses espaços e muitos mostraram-se sequiosos em verem transformações nesses locais, que por sua vez, beneficiassem a comunidade como um todo, não só os proprietários. Outro ponto interessante e estimulador foi o descobrimento de pessoas com grandes potenciais de transformação e sonhos de crescimento, não só para os próprios negócios, mas também para o bairro. Este fato mostrou ser possível levar a frente, em um segundo momento, uma iniciativa conjunta a unir qualidades encontradas no bairro em prol de um benefício público.

Para além de outros detalhes deste processo profundamente significativo, a busca aqui relatada converteu-se no motor central desta proposta. Em um momento especialmente emocionante, durante a visita a uma das creches do bairro, reencontrei para minha surpresa, minha primeira professora, que ainda trabalhava no mesmo local. Seu depoimento foi crucial para que eu definisse uma das propostas deste trabalho: a reforma da creche.

O cajueiro



3.3 RESULTADOS

No que diz respeito ao perfil do moradores entrevistados a maioria identificou-se como do gênero feminino, casada(o) e com filhos, ver gráfico 01, 02 e 03. A faixa etária foi bastante variada, com respondentes entre 11 - 20 anos até 91-100 anos, com maioria entre 21 - 30 anos, ver gráfico 04.

Quanto ao grau de escolaridade, a maioria possuía o ensino fundamental incompleto e a principal razão apontada para esta evasão escolar precoce era a necessidade de trabalhar e/ou as condições difíceis da vida no campo, no caso das pessoas que vieram de localidades do interior do estado. Apenas 6% das respostas contabilizadas declararam-se analfabeto(a) e 18,3% possuíam ensino superior completo. Ver gráfico 05.

88

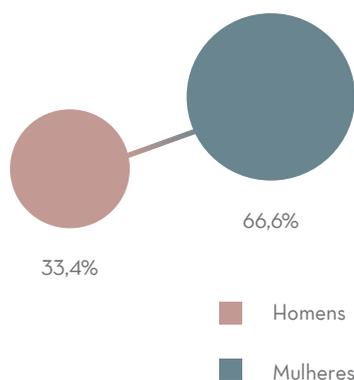


Gráfico 01. Gênero dos entrevistados
Fonte: Questionário feito pelo autor

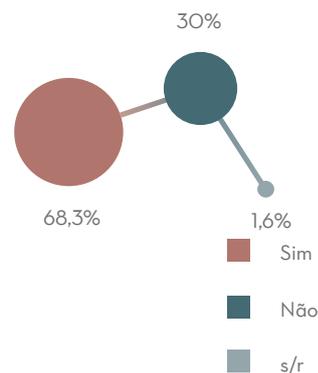


Gráfico 02. Filhos
Fonte: Questionário feito pelo autor

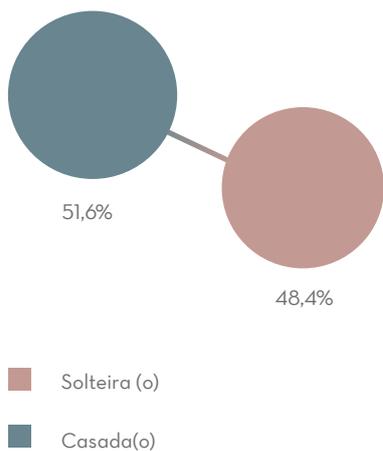


Gráfico 03. Estado civil
Fonte: Questionário feito pelo autor

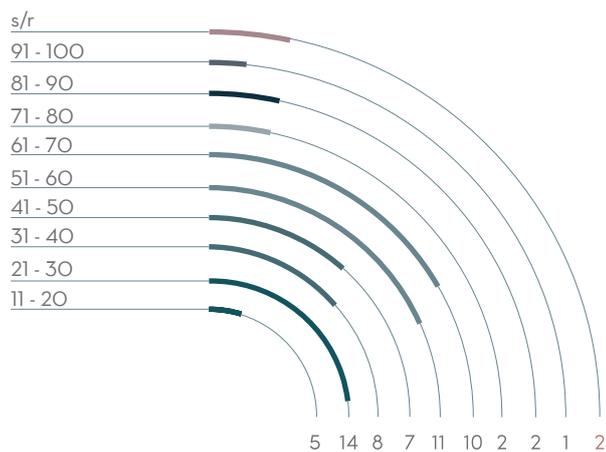


Gráfico 04. Faixas etárias
Fonte: Questionário feito pelo autor

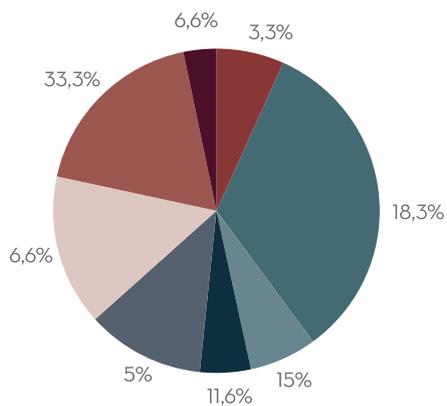


Gráfico 05. Grau de escolaridade
Fonte: Questionário feito pelo autor

As ocupações relatadas foram bastante diversificadas, o que dá precedente para a proposição de estratégias que tiram proveito dos potenciais locais como promotores de desenvolvimento. Ver gráfico 06.

A partir deste ponto, têm início as questões relacionadas ao bairro. A pergunta "Primeiro de tudo, você se considera morador de que bairro?" surgiu da constatação da dificuldade dos moradores identificarem a que bairro realmente pertencem. As delimitações dos bairros Jaçanaú e Parque Tijuca mudaram de forma vertiginosa, o que impossibilitou a assimilação do novo endereço por parte da população. Somado a isso, existe um profundo relacionamento dos moradores com o bairro original, Jaçanaú e muitos defendem veementemente serem jaçanauenses, mesmo atualmente localizados dentro dos limites do bairro Parque Tijuca.

Todas as pessoas entrevistadas, com exceção de 3 (três), moram dentro dos limites do bairro Parque Tijuca (prefeitura de maracanaú, 2019), entretanto, 41,6% delas afirmaram pertencerem ao bairro Jaçanaú. O restante, a maioria, já se identifica como Parque Tijuquense. Ver gráfico 07.



Gráfico 06. Ocupações
 Fonte: Questionário feito pelo autor

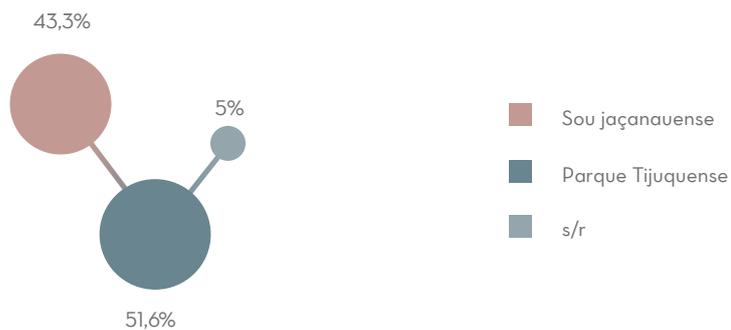


Gráfico 07. Cidadania
 Fonte: Questionário feito pelo autor

O tempo de moradia demonstrou que todos os entrevistados residem no bairro a pelo menos 5 anos, o que leva a entender que mesmo os depoimentos dos moradores mais recentes da pesquisa são visões já maturadas do lugar. Ver gráfico 08.

Dentre as razões para a escolha do bairro como residência, a mais ouvida foi a pré-existência de familiares no bairro, em segundo lugar a busca por uma melhora de vida e em terceiro o surgimento de oportunidades, terrenos baratos ou doados pela prefeitura. Ver gráfico 09.

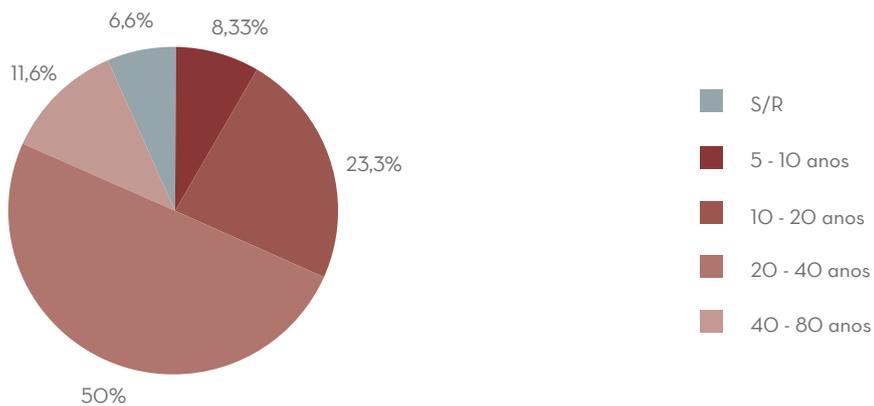


Gráfico 08. Tempo de moradia
Fonte: Questionário feito pelo autor

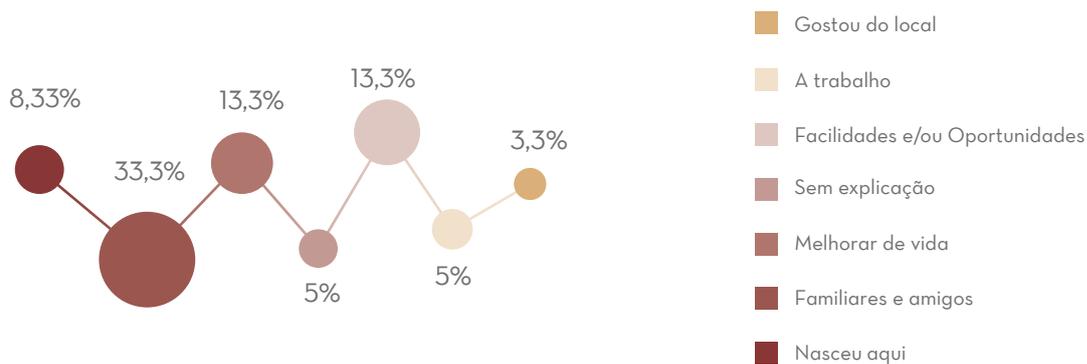


Gráfico 09. Razões de morar
Fonte: Questionário feito pelo autor

Quando questionados se sentiam falta de algo no bairro, que havia quando chegaram, a maioria respondeu que sim e as principais lembranças foram a sensação de tranquilidade e segurança. Segundo alguns entrevistados, o bairro “Era muito diferente. Calmo, uma tranquilidade medonha, aqui era muito bom.” e “Foi uma infância muito tranquila”. Ver gráficos

Outro aspecto recorrente foi a descrição do lugar como sem “nada”:

“Muito mato”

“Só tinha terreno, árvore”

“Não tinha pista, só era pizarra”

“As ruas eram varedas”

“Eu achei estranho. Por que sai de onde tinha pracinha,
onde tinha um lugar pra comprar batatinha frita”

Outras lembranças estavam relacionadas a saudades do uso da rua:

“lembro que quando era criança, tínhamos a liberdade de brincar até tarde da noite, na rua sem medo algum, tinham eventos na pracinha, no Joaquim Aguiar”

“Eu ia pro acaracuzinho (bairro vizinho) a pé”

“Antes tinha os menino que brincava de roda”

“Ninguém solta nem mais raia, era massa demais”

“Lembro-me das cercas de arames farpados... lembro-me também do chão de pedras e as primeiras quedas naqueles calçamentos (risos), da água vinda do chafariz...”

95

Em outras fica evidente as dificuldades enfrentadas.

“Muito carente, muito sofrido”

“Energia que não tinha, nem água”

“Tudo era mais distante”

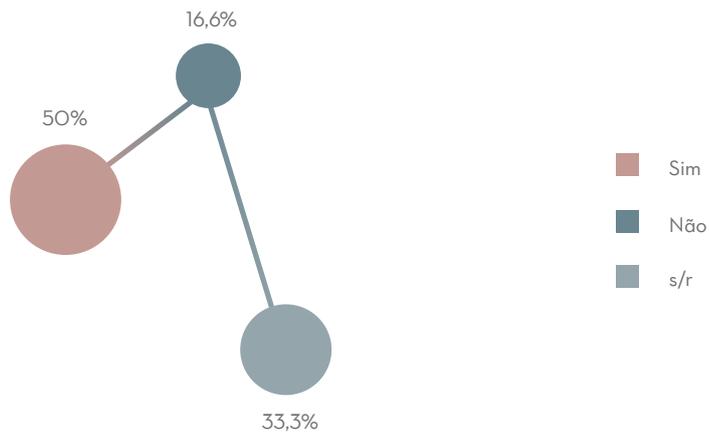


Gráfico 10. Você sente falta de algo que havia nessa época?
 Fonte: Questionário feito pelo autor



Gráfico 11. O quê sente falta?
 Fonte: Questionário feito pelo autor

Surpreendentemente, apesar de todas as reclamações alegadas, 75,4% das pessoas afirmaram gostar de morar no bairro e o principal motivo, em 61,4% das respostas, é a tranquilidade, que ainda é percebida e valorizada. Este dado deixa claro que a conexão dos moradores com o lugar é estreitamente ligada a esse aspecto e é a manutenção dele que garante a permanência das pessoas, e possivelmente, é o atrativo basilar do bairro. Ver gráficos 12,13 e 14.

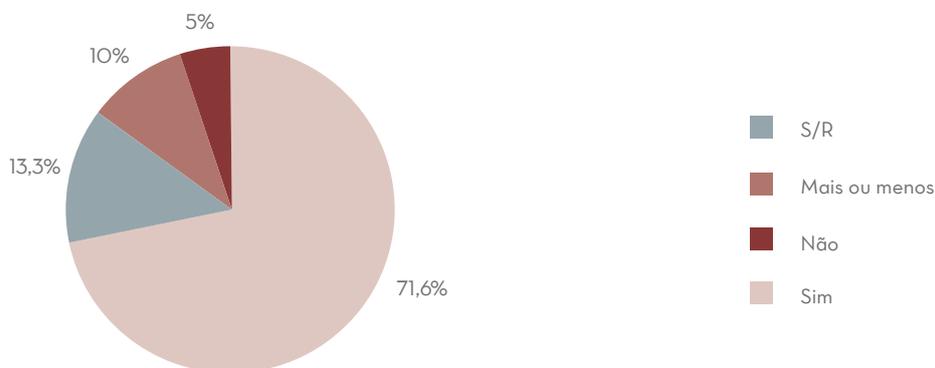


Gráfico 12. Você gosta de morar aqui?
Fonte: Questionário feito pelo autor



Gráfico 13. Por que sim?
Fonte: Questionário feito pelo autor

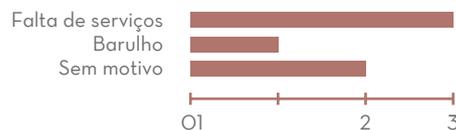


Gráfico 14. Por que não?
Fonte: Questionário feito pelo autor

No tocante às mudanças ocorridas no bairro do ponto de vista dos entrevistados, 59,6% afirmou que sim, houveram mudanças positivas, mas estas foram poucas. 19,3% afirmou que as mudanças foram muito positivas e o bairro está muito melhor. 15,8% alegou não ter verificado nenhuma mudança. Apenas 3,5% disse que o bairro está muito pior do que era antes. Nestes casos, deve ser considerado o tempo de moradia de cada entrevistado, pois pessoas que moram a mais tempo, declararam em sua maioria, que muitas transformações aconteceram, já moradores mais recentes, foram os principais a dizerem que nada difere de quando chegaram. Os exemplos mais recorrentes da prova de mudanças foram: A CE065, com sua ampliação; O aumento do número de casas, conseqüentemente, da população; O surgimento de novas empresas e indústrias; as ruas asfaltadas e/ou com calçamento; O transporte público, com as topics 203 e 205, que forneceram maior mobilidade para população que mora mais distante da CE065; e por fim, a desvirtuação do espaço do campinho de futebol, que situa-se na convergência das ruas Santa Edvirens, João Crisóstomo, César Garcia com a rua Joaquim Pedro Severiano. Ver gráfico 15.

Através da pergunta "O que você mudaria ou acrescentaria no bairro se pudesse? pode-se ter uma noção mais direta das principais demandas dos entrevistados. 29 pessoas indicaram que

implantariam mais áreas de lazer e esporte, tais como quadras poliesportivas, praças e academias ao ar livre. Outros 16 afirmaram sentirem falta de mais equipamentos de serviços, tais como farmácias, supermercados, padarias, depósitos, casas lotéricas, etc. As demais reivindicações remetem-se a infraestrutura de suporte, como mais ruas asfaltadas; uma melhor iluminação pública, com a troca das lâmpadas incandescentes por fluorescentes; Mais transporte público, creches de tempo integral, posto de saúde, implantação de rede de saneamento básico, etc. Ver gráfico 16.

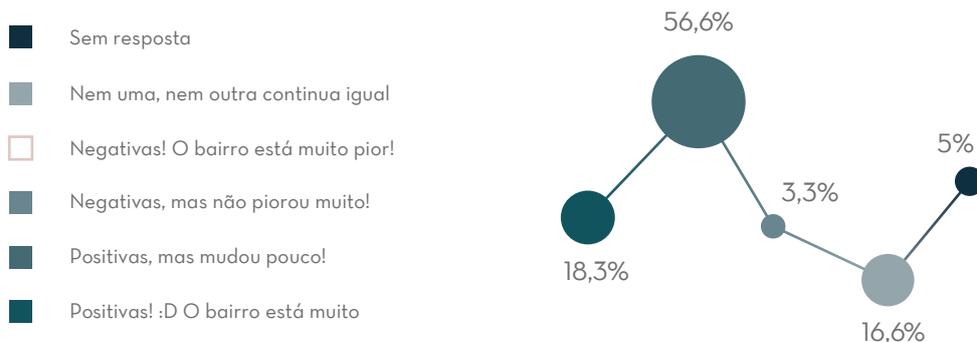


Gráfico 15. Como você considera essas mudanças?
 Fonte: Questionário feito pelo autor

Quando indagados sobre os limites do bairro, 68,3% dos entrevistados tinham alguma noção, por vezes incompleta e quase sempre atrelada a linearidade da CE065 e limitado ao norte pelo 4º anel viário de Fortaleza e ao sul pelo condomínio Virgílio Távora, espaço bastante recente mas que já atua como um marco visual e delimitador. Ver gráfico 17.

Acerca de locais importantes, era recorrente ouvir frases como “aqui não tem quase nada, né?” ou “aqui tem pouca coisa” o que corrobora a falta de elementos, já evidenciada no questionamento sobre as demandas. Mesmo assim, houveram respostas localizáveis, tais como a Igreja, a escola Joaquim Aguiar, o posto de saúde e a creche. Como as respostas eram abertas, algumas pessoas citaram a casa de familiares, projetos sociais que frequentavam ou tinham conhecimento ou mesmo, nenhum lugar. Ver gráfico 18.

Interrogados sobre os caminhos normalmente percorridos dentro do bairro, identificou-se os seguintes trajetos. Ver gráfico 19.



101

Gráfico 16. O que você mudaria ou acrescentaria no bairro se pudesse?
 Fonte: Questionário feito pelo autor

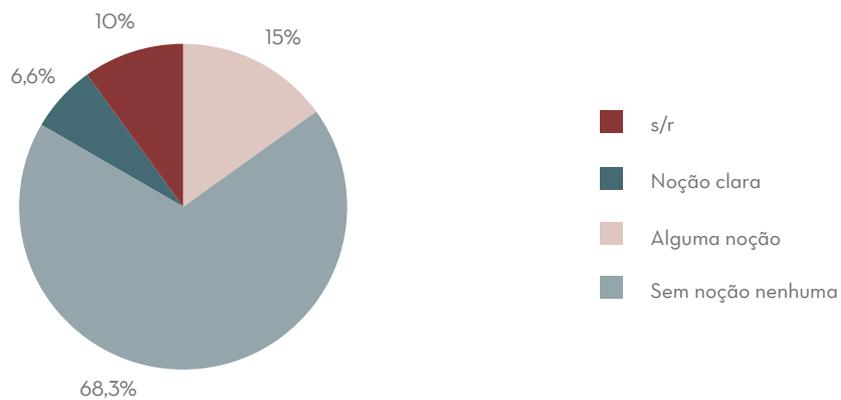


Gráfico 17. Onde começa e onde termina o bairro para você?
 Fonte: Questionário feito pelo autor

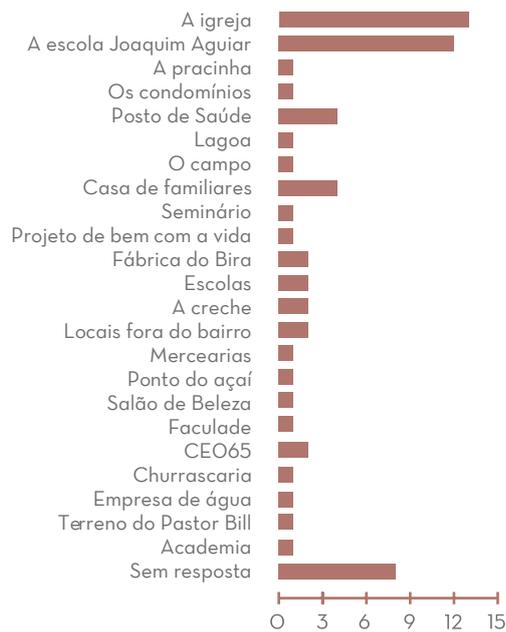


Gráfico 18. Locais importantes.

Fonte: Questionário feito pelo autor

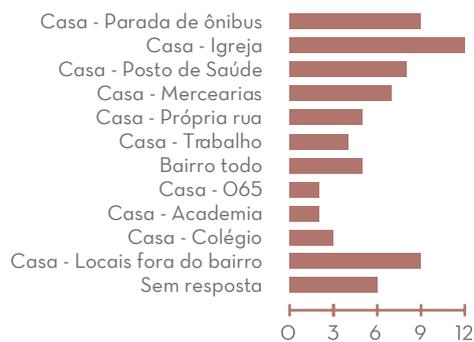


Gráfico 19. Trajetos

Fonte: Questionário feito pelo autor

A partir da visualização dos fluxos citados, é possível inferir que o uso do bairro em si é profundamente limitado e tem relação com os pontos considerados importantes (ver mapa xx) e com o movimento pendular da população que trabalha, normalmente, em Fortaleza, Centro de Maracanaú ou Maranguape. O bairro apresenta características de um bairro dormitório.

A parte final do questionário indagava a respeito de locais de encontro, a presença de lideranças comunitárias e se os entrevistados tinham algum sonho particular ou em relação ao bairro.

Referente aos locais de encontro, 41,6% das respostas foram afirmativas sobre a existência de tais lugares, enquanto houveram 30% negativas. Dentre os espaços citados, a Igreja Nossa Senhora de Fátima e o Colégio Joaquim Aguiar foram os mais registrados. Outros locais, só que privados, também foram mencionados. Ver gráfico 20.

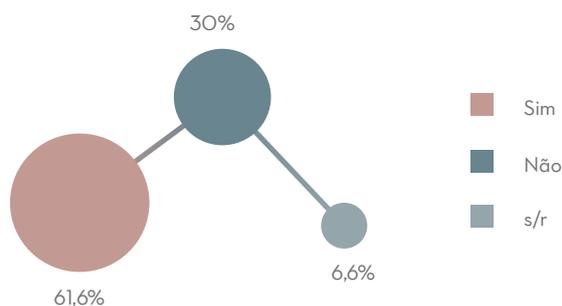


Gráfico 20. Existem algum lugar de encontro de pessoas que você conhece?
Fonte: Questionário feito pelo autor

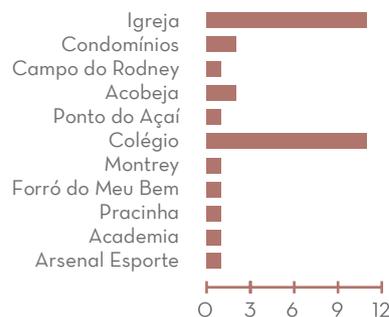


Gráfico 21. Locais de encontro mencionados
Fonte: Questionário feito pelo autor

Quanto a lideranças, ficou claro que falta representatividade popular no bairro no contexto atual. Contudo, esta nem sempre foi uma realidade, pois foram encontrados dentre os entrevistados, pessoas que exerceram despretensiosamente funções de liderança, como é o caso da Dona Francisca, mais conhecida como Dona Fransquinha; e o Seu Barroso, fundador de uma escolinha de futebol chamada Arsenal Esporte, ambos moradores bastante antigos. Ver gráfico 22.

A pergunta referente aos sonhos acabou por se tornar redundante ao final da pesquisa, pois na maioria das vezes, as pessoas já haviam dito o que gostariam de ver no bairro. O que pôde ser destacado nesta pergunta final foi a existência de pessoas empreendedoras, que têm interesse em desenvolver negócios no bairro, independentemente do bairro apresentar as dificuldades mencionadas até então.

Logo após o fim das perguntas abertas, o entrevistado(a) era submetido a uma nova bateria de questionamentos, mais objetivos, nos quais ele(a) avaliava alguns aspectos do bairro em 5 (cinco) níveis de satisfação: Muito bom; bom; regular; ruim; muito ruim.

Os gráficos a seguir expõe os resultados alcançados:

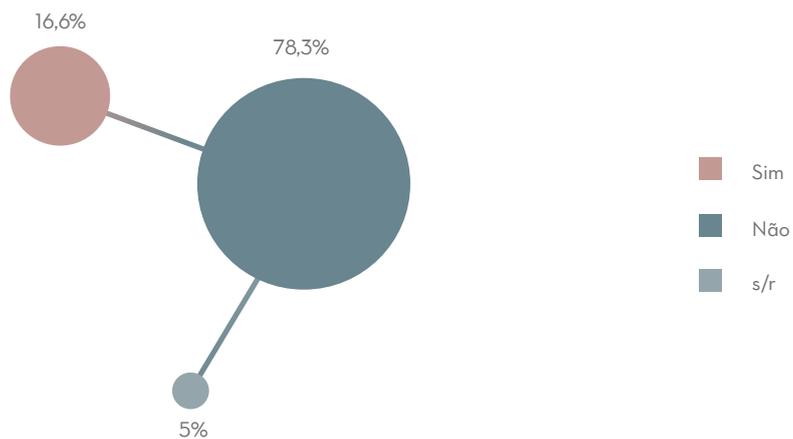


Gráfico 22. Você conhece alguma liderança de bairro?
 Fonte: Questionário feito pelo autor

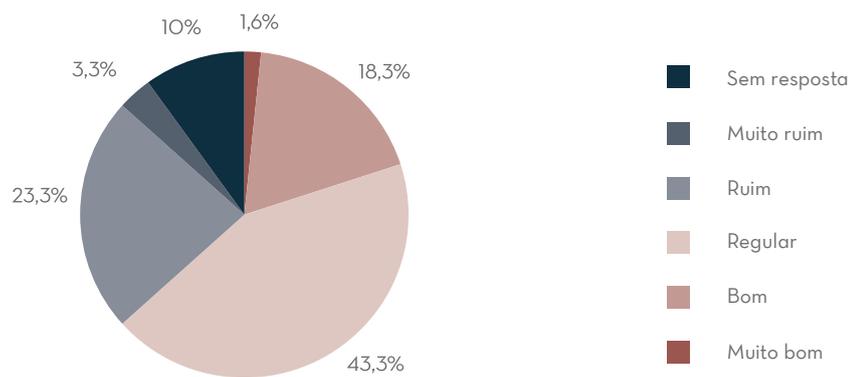
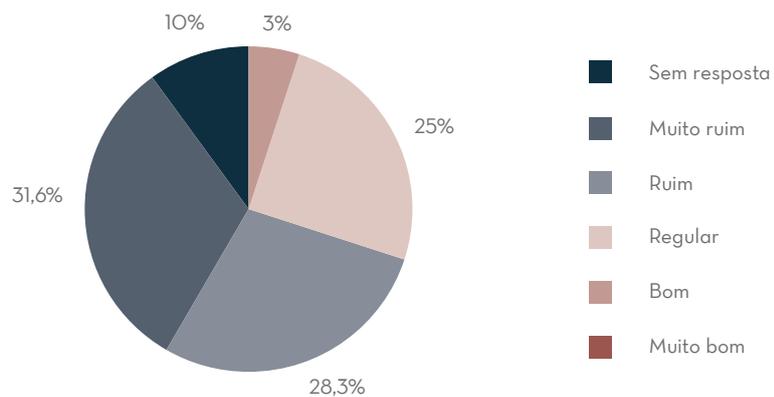


Gráfico 23. Condição das ruas
 Fonte: Questionário feito pelo autor



106

Gráfico 24. Saneamento básico
Fonte: Questionário feito pelo autor

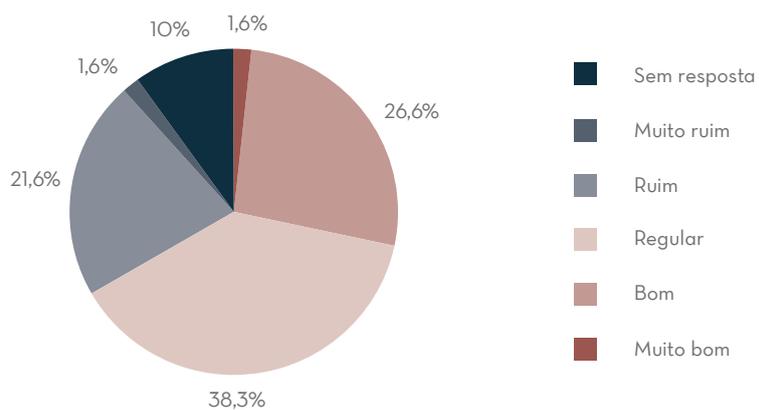
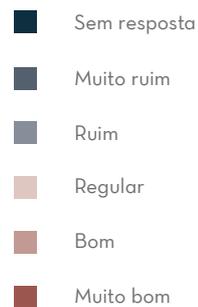
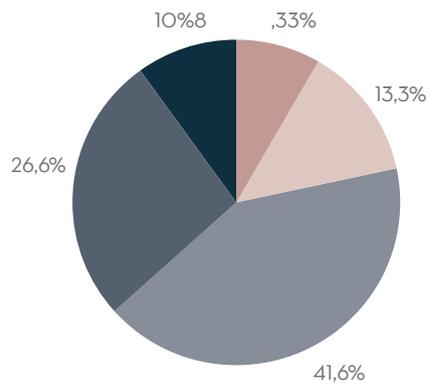


Gráfico 25. Iluminação pública
Fonte: Questionário feito pelo autor



107

Gráfico 26. Espaços para fazer atividades ao ar livre
 Fonte: Questionário feito pelo autor

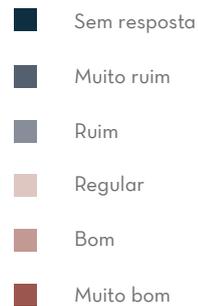
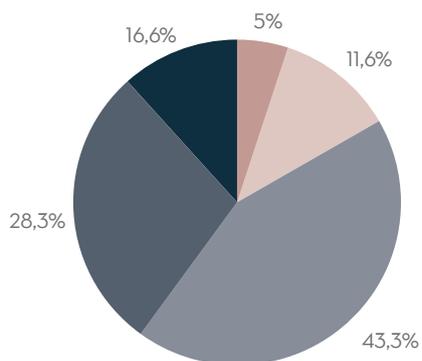
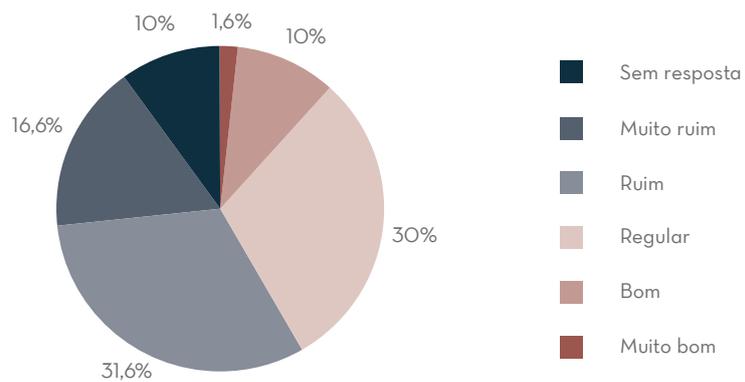


Gráfico 27. Acessibilidade
 Fonte: Questionário feito pelo autor



108

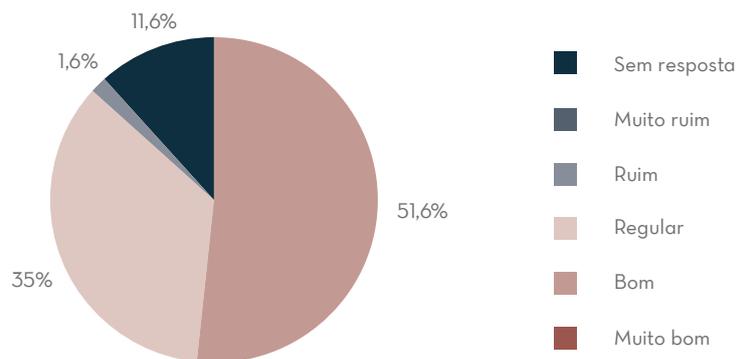


Gráfico 28. Segurança
Fonte: Questionário feito pelo autor

Gráfico 29. Escolas públicas
Fonte: Questionário feito pelo autor

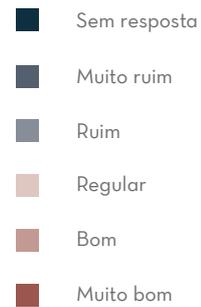
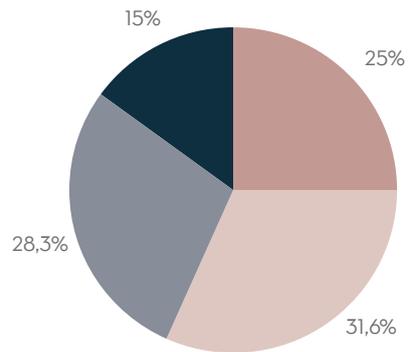


Gráfico 30. Creches

Fonte: Questionário feito pelo autor

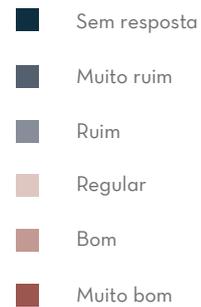
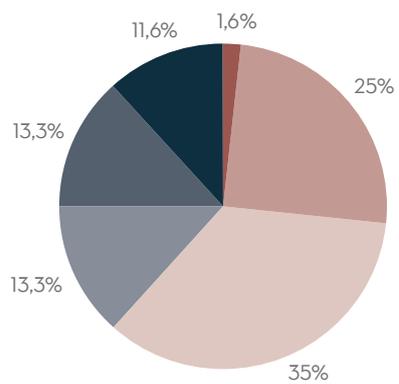
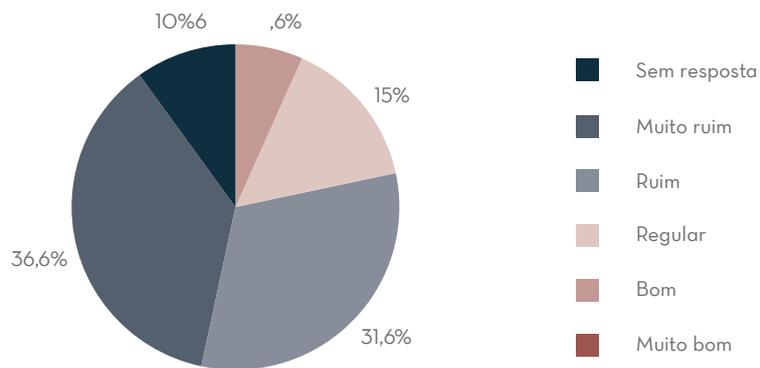


Gráfico 32. Posto de Saúde

Fonte: Questionário feito pelo autor



110

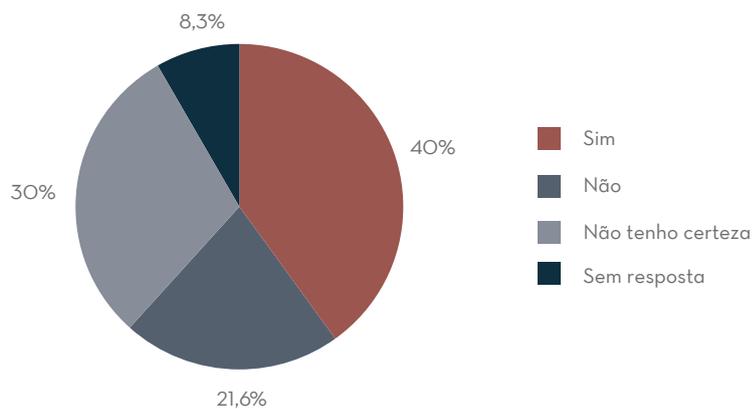


Gráfico 33. O bairro tem uma identidade?
Fonte: Questionário feito pelo autor

Gráfico 32. Serviços em geral
Fonte: Questionário feito pelo autor

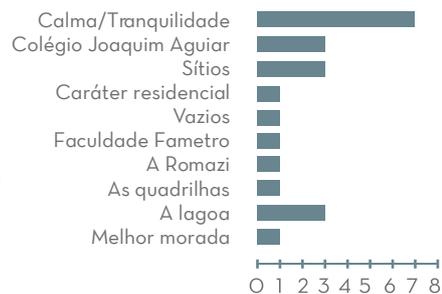


Gráfico 34. O que representa a identidade do bairro?
Fonte: Questionário feito pelo autor

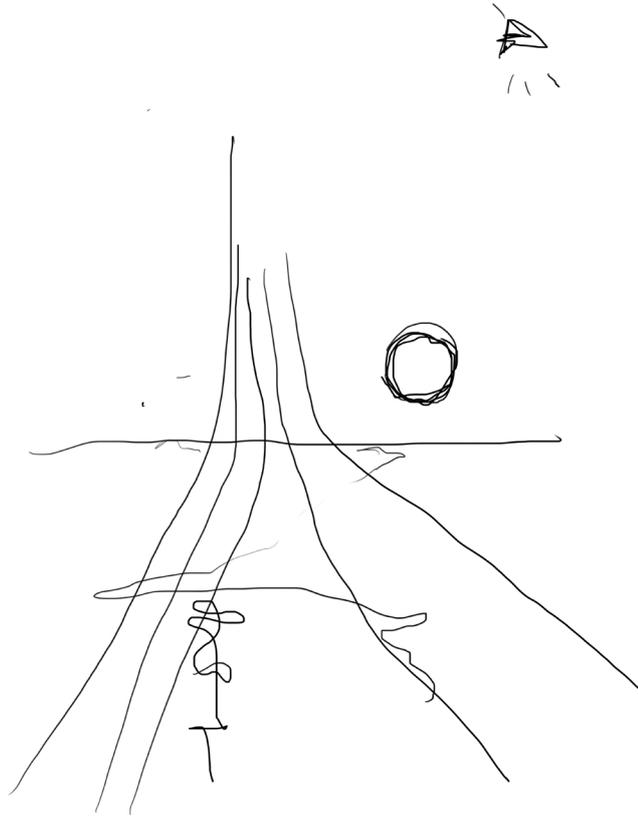
3.4 CONCLUSÃO DA PESQUISA

Através dos resultados da pesquisa pode-se ter uma melhor compreensão tanto do perfil de parte da população do bairro Parque Tijuca, quanto das principais demandas da comunidade, bem como o uso dos poucos espaços públicos que foram identificados durante o processo. Detectou-se um problema de identidade bastante pertinente que acaba por fragilizar o sentimento de pertencimento ao lugar. Também ficou evidente o caráter residencial e familiar do bairro, que possui como principais características a tranquilidade e a falta de equipamentos públicos e de lazer. As descrições do lugar no “passado” não o diferem muito de como é descrito hoje, o que demonstra que as mudanças ocorridas apesar de positivas, não representaram uma melhoria significativa na qualidade de vida da população. Os problemas frequentemente alegados eram relacionados, em sua maioria, ao aumento da insegurança e a persistente escassez de serviços simples, como supermercados, farmácias etc, assim como espaços para prática de esportes e atividades de lazer. Apesar de todas as falhas, 71,6% dos entrevistados deixaram claro que gostam de morar no bairro, muitos afirmando “adoro” “amo morar aqui” “aqui é muito bom”. Isto reforça que há uma forte estima ao bairro e que a realização de atividades que promovam seu desenvolvimento são extremamente bem-vindas e podem se tornar meios de revitalizar a urbanidade do bairro. Nas avaliações dos aspectos do bairro, poucos destes foram avaliados como

“muito bom”, sendo apenas 1 pessoa por quesito, a ter esse ponto de vista, do grupo de 60 que foram entrevistados. Isto evidencia as deficiências em todas as áreas abordadas. A CE065 e o 4º anel viário são os principais delimitadores do bairro, segundo a maioria dos entrevistados. Pouco se tem conhecimento ou contato com os limites Leste e Sul, o que indica que há uma segregação entre o bairro e as localidades vizinhas. Tal fragmentação culmina num bairro sem centralidades e/ou lideranças comunitárias. Não foi identificado um local ou pessoa específica que tenha presença atuante, a quem os moradores possam recorrer em momentos de dificuldade. É perceptível na fala de muitos entrevistados a sensação de abandono. Ao finalizar as entrevistas percebeu-se que os registros audiovisuais, pensados inicialmente, não aconteceram como o planejado. Houve falta de iniciativa e de arrojo por parte do entrevistador no momento de solicitar as fotografias. Também não se pode evitar a insegurança de se utilizar o telefone celular, uma vez que quase todas as entrevistas foram feitas sem companhia de terceiros.

Como reflexões finais a respeito desta etapa do projeto, enfatiza-se a importância de saber ouvir o que o outro tem a dizer, com humildade e atenção, sem em momento algum impor um ponto de vista egocêntrico e totalizante. A intenção foi e continua a ser, valorizar os potenciais locais e dar voz às pessoas que constroem sua realidade com poucos bens materiais, mas com

muita dignidade e trabalho. A partir dos resultados e conclusões extraídos da pesquisa de campo aqui exposta, torna-se factível a produção de um programa de intervenções e/ou programa de necessidades que contemple as deficiências indicadas, com o propósito de promover uma transformação tanto do espaço do bairro, quanto da forma que os moradores o veem.



4

VAREDAS

Aqui chegamos num ponto aguardado por muito tempo.

Que caminho(s) seguimos? Que coisas propor?

As conversas foram pontos chave nessa determinação, uma vez que através delas, consegui sentir aquilo que realmente faz falta... e que bom foi perceber que minhas inquietações encontraram outras semelhantes. Não sou o único por aqui.

E assim... são escolhidas algumas rotas... veredas... visões.

Terrive



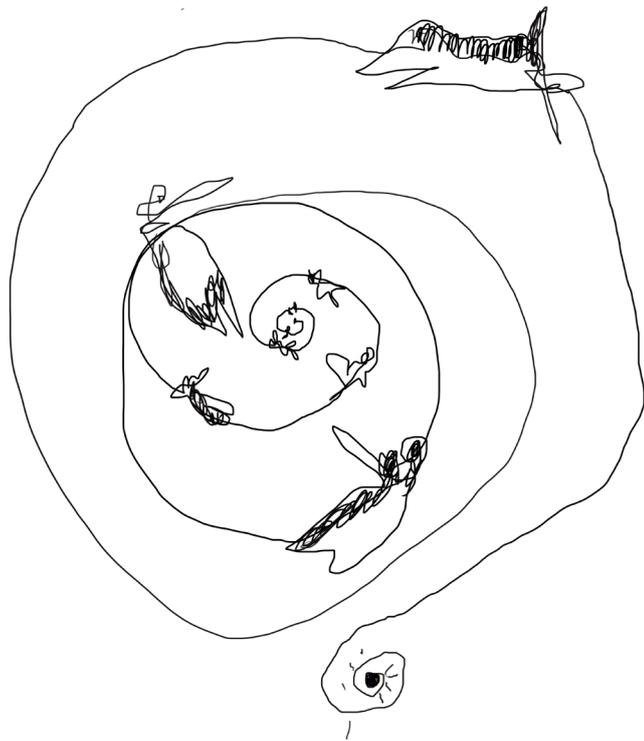
4.1 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O produto analítico do questionário culminou no fortalecimento de algumas estratégias urbanas previamente pensadas na primeira etapa do trabalho (Trabalho de conclusão 1) bem como trouxe novas questões que foram vinculadas às soluções para os problemas urbanos e sociais identificados.

Com base neste produto, é proposto um projeto urbanístico arquitetônico de requalificação/revitalização urbana do bairro Parque Tijuca/Jaçanaú, pautado no estabelecimento de um sistema de análise e interação com o espaço público, que toma partido de duas áreas livres localizadas no bairro para a proposição de um parque urbano composto por diferentes equipamentos, tais como: creche, mercado e hortas comunitárias, espaço multiuso, quadra poliesportiva e praças públicas. A proposta também considera a implantação de um plano de mobilidade com reabilitação da infraestrutura viária existente.

Quanto a evolução deste processo, pode-se verificar que a proposta teve uma redução de escala, ao sair do patamar de um plano de bairro para um parque urbano. Isso porque o resultado do questionário não se mostrou representativo do bairro como um todo, já que as respostas foram obtidas em apenas uma fração do território, assim, não se vê legítimo considerar as ideias apresentadas como um interesse da maioria da população

residente no bairro. Outra diferença, consiste no acréscimo da requalificação da Creche Antônio Correia Viana que entra como uma intervenção arquitetônica, juntamente à proposta espacial do Mercado comunitário e do espaço multiuso.



5

OUTROS

Onde estariam então as imagens da infância?

Segundo Michel de Certeau, praticar o espaço é repetir a experiência jubilosa e silenciosa da infância: é no lugar, ser outro e passar ao outro."

A reflexão sobre a qual me debruço para descrever este contexto, traça conexões entre as experiências que tive quando criança e as percepções de um jovem adulto estudante de arquitetura e urbanismo, e é nessa meditação, que encontro um significado sincero do que é lugar para mim. Uma foto em especial traz consigo o sentimento de um tempo onde ir na praça brincar, estar na rua, era sinônimo de alegria.. Por que quando somos crianças, temos em nós a capacidade de valorizar pequenas e bem pequenas coisas e identificar nelas um potencial tremendo. É o resgate desse ponto de vista que eu procuro fazer aqui.

122

Esse rebuscamento do passado que venho insistindo até então se relaciona intimamente com a história da minha família. Para começar, todos vieram do "interior", generalização que normalmente se usa para descrever qualquer cidade cearense que não faça parte da região metropolitana de Fortaleza. Nas lembranças dessas histórias contadas, havia uma família grande, que criava vacas, galinhas, cavalos, plantava algodão, feijão, milho... havia o rio de água transparente... Havia os "redimuins", ciganos que roubavam as roupas dos varais, os caretas... Havia a rigidez do pai, hoje avô e tataravô...Havia o cuidado da mãe, hoje avó e tataravó estrela. Até o dia que vem a decisão de sair dali.

Minúcias



Então eles vendem as vacas, os cavalos, as galinhas... e num pau de arara rumam em direção à cidade grande, deixando uma cachorrinha pra trás. Atravessam o sertão e a poeira da saudade. E por fim, alcançam um ponto chamado aqui, onde se instalam e iniciam uma vida nova. O tempo passa, se mudam mais algumas vezes até conseguirem comprar um terreno só seu. A vida se expande como os afluentes de um rio e cada um dos 13 filhos tomam seu caminho. Uns se vão, outros ficam perto, outros vão mais longe mas voltam...



125

Imagem 21. Vô e vó quando aqui chegaram
Fonte: Arquivo pessoal

5.1 O QUE DIZEM OS OUTROS

Este capítulo contempla as bases teóricas e referenciais utilizadas neste trabalho. A organização, aqui proposta, parte da aquisição de conhecimentos e experiências vivenciadas ao longo da formação do autor e agrega elementos que nascem da intenção de se trabalhar os conceitos de espaço público, lugar e território, entendidos como elementos essenciais a serem esclarecidos e explorados no contexto deste trabalho, permeado por lembranças, saudades e sonhos. Há um momento no qual se discorre sobre as controvérsias relacionadas à coexistência do sentimento de pertencimento e distanciamento em relação ao lugar. Também são delineados os conceitos de ação/ estratégia basilares da proposta arquitetônica urbanística, os quais contemplam: as ideias de construção de lugar, com sua diversidade de atribuições e a valorização do potencial local; o urbanismo tático, com suas atribuições técnicas voltadas para a ação efetiva na escala humana da cidade ao nível dos olhos. E da permacultura, assimilada como um modo de visualização, compreensão e utilização dos atributos existentes na conjuntura sócio-espacial em questão. O percurso teórico abre espaço para diferentes perspectivas de pensamento que constroem, em sua sintonia, as bases para as diretrizes gerais e específicas, apresentadas no capítulo "O desenho". Alguns trechos citados ao longo da explanação dos conceitos são resultados de uma tradução livre feita pela autor deste trabalho. Por fim, são apresentados brevemente alguns exemplos de ações que encontram semelhanças com a presente proposta projetual.

5.1.1 ESPAÇO PÚBLICO

Aqui se apresentam visões do que vem a ser ou caracterizar o espaço público e que importância este possui dentro do contexto sócio-espacial das cidades e mais especificamente, em regiões periféricas, distantes dos centros de poder. Iniciar a discussão teórica a partir deste conceito provém da noção de que espaços públicos abrangem uma vasta gama de “tipos” de espaços, e assim, configura um olhar mais amplo sobre as possibilidades que são ou poderiam ser desenvolvidas.

O que seriam então, espaços públicos?

128

Carrión (2008, p.1) levanta tal questionamento e abraça a complexidade implícita ao tema. Segundo o autor, trata-se de um “conceito difuso, indefinido e pouco claro, que tanto pode se referir a um espaço físico (uma praça, um parque) ou a própria opinião pública, em seu direito de se expressar com liberdade. Conforme o autor em sua pesquisa sobre o assunto existem três concepções dominantes: a primeira delas é fruto do urbanismo operacional e da especulação imobiliária, e compreende espaço público como o que aqui sobra, que é residual e está em segundo plano, logo após a casa, as edificações e o mercado. A segunda visão é predominantemente jurídica e é advinda do conceito de propriedade e apropriação do espaço. Nessa, espaço público é o

que não é privado, é de todos e é mantido pelo Estado, que exerce o papel de assegurar o uso do que é de todos e aquilo que não é. A terceira interpretação é mais filosófica e define os espaços públicos como pontos nodais, conectados ou não, dentro dos quais a individualidade é gradativamente substituída pela coletividade e com isso, o grau de liberdade do indivíduo diminui, posto que as necessidades coletivas transcendem as particulares. (Carrión, 2008, pg 02).

Em contraposição a todas essas, o autor insere um quarto ponto de vista, no qual, os espaços públicos são elementos resultados da relação entre função e conexão com a cidade, e esse resultado é cambiante, pois adapta-se às demandas de cada período histórico.

Outro acréscimo de significado ao tema é dado por Silva (2011 p.42), que respaldada por pensamentos de urbanistas consagrados, à saber: Oriol Bohigas, Antoni Remesar, Jane Jacobs, Jordi Borjas e Zaida Muxi, dá maior materialidade aos espaços públicos ao enfatizar sua concretude e considerá-los:

“lugares onde os cidadãos têm livre acesso e onde podem usufruir de serviços e equipamentos de infra-estrutura urbana, o que permite a interação social no cotidiano urbano, nas ruas, praças, avenidas e largos.”

Chauí 1998 (apud, ABRAHÃO, pág. 30) vincula ao espaço público a ideia de espaços sociais de luta, nos quais movimentos (sociais, populares, sindicais) e formas políticas de expressão permanente (partidos políticos, Estado de direito, políticas econômicas e sociais). E assim, qualifica o espaço público “como capaz de constituir e consolidar a cidadania no Brasil”.

Trilhados os caminhos de uma aproximação do tema, surge um novo questionamento:

Por que espaços públicos? Qual sua importância e que problemas estariam relacionados a esse assunto?

Assumida a condição de “lugares” e lugares entendidos como espaços significantes e com significados, que identificam e qualificam direta ou indiretamente os que neles transitam e vivenciam - Auge 2008 (apud CARRIÓN 2008, p. 4), os espaços públicos exercem o papel de dar sentido e forma à vida coletiva, e é intrinsecamente, o retrato da própria coletividade (CARRION, 2008). Eles conformam os pontos de chegada e saída, abrigam marcos visuais e as tramas de conexões entre pessoas, nas quais estas certificam seu direito de expressão.

Complementando as visões de Marilena Chauí (1998), Carrión (2008) e Auge (1998), Bohigas, amparado pelas ideias de Borja, ressalta a função transformadora dos espaços públicos ao compartilhar o pensamento de que estes são responsáveis por redesenhar as cidades e qualificar as periferias, sustentar e aprimorar os centros antigos e produzir novos, a fim de entrelaçar a malha urbana e para dar um maior peso às infra-estruturas, do mesmo modo que, também atua como um medidor da qualidade de vida e da cidadania das cidades. Bohigas 2001 (apud ABRAHÃO, pág 47).

O espaço público é a própria cidade. Para este mesmo autor, tal cidade aflora da contraposição ao "urbanismo funcionalista, mais especificamente ao monofuncionalismo, e ao que ele chamou de usos perversos que dele se fez." Borja (apud ABRAHÃO, pág 47). Ainda de acordo com Borja, esse movimento conduziu as cidades há um processo de "dissolução, fragmentação e privatização" com a subsequente escassez de seus espaços públicos.

5.1.2 O TERRITÓRIO E SEUS LUGARES

Uma vez que o presente trabalho almeja ser um canal de valoração do potencial local e da comunidade e tem como uma de suas buscas determinantes a compreensão do lugar - bairro, a abranger suas nuances e mutabilidades, torna-se imprescindível aproximar-se do conceito de lugar e suas variadas apreensões, para assim, amparado por um repertório teórico consistente, traçar soluções para os problemas identificados. Entretanto, julga-se necessário estabelecer previamente a noção de território, que com um campo de abrangência maior, é entendido com uma segunda escala de aproximação.

132

Onde eu moro? ou melhor...aonde eu moro?

O questionamento acima exemplifica a forte falta de identificação com lugar por parte dos moradores entrevistados. A inconsistência dessas respostas levou a perceber que os limites físicos e a apropriação dos espaços eram bastante imprecisos do ponto de vista de quem vive.

Sendo assim, qual seria o território do bairro? o que o determina? Segundo Foucault (apud, SILVA, p.65) território é tido como um conceito geográfico, mas também como aquilo que é controlado com um certo tipo de poder.

Para Santos (1994), território não é apenas um fruto do poder do estado, mas sim uma construção compartilhada por diferentes agentes.

Contudo, não é visível num primeiro olhar, a presença de elementos não físicos, definidores do território do bairro em questão. Há um grande esvaziamento de símbolos por parte de grupos de indivíduos. Ao mesmo tempo que é uma terra de todos, é a terra de ninguém e isso reflete-se na materialidade do espaço.

Porém, contraditoriamente, as pessoas se sentem pertencentes ao bairro, mesmo ele não possuindo elementos fortes, visuais ou culturais. Esse componente afetivo é então o ponto central nesta discussão.

Já o conceito de Lugar é assimilado em sua multidisciplinaridade. Diferentes áreas como a geografia, arquitetura e urbanismo, paisagismo, antropologia, ecologia, possuem suas compreensões acerca do tema, que por envolver características físico-territoriais associadas a fatores humanos, sociais, políticos, econômicos, não permite a coadunação de todos estes pontos de vista.

Lugar, nas palavras de Fábio Duarte refere-se à:

(...) uma porção de espaço significada, ou seja, cujos fixos e fluxos são atribuídos signos e valores que refletem a cultura de uma pessoa ou grupo. Essa significação é menos uma forma de se apossar

desses elementos e mais de impregná-los culturalmente para que sirvam para a identificação da pessoa ou do grupo no espaço, para que encontrem a si mesmos refletidos em determinados objetos e ações, assim, guiar-se encontrar-se e construir sua medida cultural no espaço. (2002 apud SILVA 2011, pág 53)

134

Na busca por mais definições de lugar, chegou-se ao conceito de lugar antropológico, descoberto através de Marc Augé (1994), que traz três qualidades para a definição como tal. Segundo o autor, os lugares são em sua essência identitários, relacionais e históricos e o quadro da paisagem congrega os elementos que constroem essas características: casas, regras das casas, os guardiões, os locais de culto, as praças, dentre outros. A leitura desta paisagem do lugar é decodificada em argumentos geométricos que se inter cruzam. A linha, a interseção das linhas e os pontos de interseção são identificados no papel dos itinerários/caminhos/eixos, nos cruzamentos e praças e nos centros, respectivamente.

Entretanto, da mesma forma que a presença de tais elementos pode revelar a presença de um lugar-significado, também favorece a evidência dos traços de anos de quase total abandono. Esse abandono resulta de um uso fragmentado e debilitado do espaço, restrito às suas funções utilitárias, isentas de personalidade, que configuram em si o não lugar - como local de trânsito e de medo.

Neste contexto vê-se a consolidação de um espaço alienado, e

assim, retrocede do ponto de vista social, ao encarcerar-se num vazio de perspectivas. O espaço então, ganha ares de um não-lugar, um entremeio, um lado de fora sem relevância. Augé define tais espaços como:

(...) instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta. (1994, AUGÉ, Marc. p. 36)

Outro conflito constatado refere-se a “crise de identidade” que acomete a maioria dos entrevistados que não se sentiam seguros em afirmar a qual bairro pertenciam. “De que bairro eu sou?” “Onde eu moro?” são questionamentos indiretos que algumas pessoas se faziam. Na maioria dos casos, o elemento definidor do pertencimento era a conta de luz ou de água, nos quais continham um endereço junto ao nome do bairro. Todavia, em alguns casos, até mesmo essa documentação apresentava endereços imprecisos, sendo um como bairro Jaçanaú e outro como bairro Parque Tijuca. As imagens 22 e 23 comprovam tal indefinição. Este problema mostra que faltam referências espaciais, lugares com significado.

A principal característica de um lugar que o diferencia de um espaço qualquer, é seu atributo de identidade, o sentido de pertencer, fazer parte. Aspectos físicos e social, político, funcional e simbólico do contexto que implique vivência, convivência e identificação. Silva (2011, p.63.)

A falta de uma clareza sobre o lugar também coincidiu com uma noção fragmentada de território, que por si só não configura um aspecto negativo, uma vez que essa noção é inevitavelmente partilhada e repartida entre os agentes do espaço. Segundo SOUZA, 2003 (apud QUEIROZ, 2014, pág 157), O limites de apropriação do bairro associam-se majoritariamente a componentes físicos e extrapola ou reduz-se das delimitações impostas pelos órgãos de poder, o que confirma o posicionamento de Milton Santos ao afirmar que o território não é um produto único, resultado do Estado. Percebe-se que uma grande dissonância entre o território usado e o território forma, sendo o primeiro na maioria das vezes menos amplo que o segundo, com base nos resultados nas entrevistas.

 **Nº de Inscrição:**
008786283

DADOS DO CLIENTE
 Nome: **MARIA F VIEIRA**
 End. Leitura: **RU STA EDWIRGES ST-83, 81, R. TJUCA**
 Cidade: **MARACANAU** CEP: **60767-511**
 End. Entrega:
 Cidade:
 Local: **146** Setor: **083** Quadra: **0144** Lote: **0257** Comp: **0040**
 Subsetor: **00** Subquadra: **00**

ECONOMIAS
 Residencial: **001** Comercial: **000** Industrial: **000** Pábil: **000**

INFORMAÇÕES SOBRE MEDIÇÃO

Serviço	Medidor	Leitura Anterior	Leitura Atual	Volumem ¹	Média Semestral (m ³)
ÁGUA	A08F354336	1104	1111	7	7

Imagem 22. Conta de água
 Fonte: Arquivo pessoal

Nº DO CLIENTE
2018163

A Tarifa Social de energia elétrica foi criada pela Lei Nº 10.438 de 26 de abril de 2002

Companhia Energética do Ceará
 Rua Padre Valdevino, 150
 CEP 60135-040 | Fortaleza CE
 CNPJ Nº 07.251/0001-70 | CGF 06.106.848-3

CONTA DE ENERGIA ELÉTRICA GRUPO B | SÉRIE B-4 | Nº 579091382

Rota 34 26005 02 062200 - 7 Data de Emissão 19/06/2019

Nome **MARIA DE FATIMA VIEIRA ARAUJO**
 End. Postal **RU STA EDWIRGENS 00245**
DISTRITO JACANAU - MARACANAU - 61917050

Medidor 9027222 Poste 0000 0000

Classe **B1 - 01-RESIDENCIAL 01-NORMAL MONOFASICO**
 RG / CPF / CNPJ 425841913-34 CGF

Nome do Responsável

DATAS **INDIC. DE QUALIDADE DO FORNECIMENTO**

Imagem 23. Conta de energia elétrica
 Fonte: Arquivo pessoal

A valorização desigual desse fragmento de cidade, visualmente negligenciado pela força globalizante do atual perfil urbanista estratégico desvaneceu os usos populares que utilizavam dos poucos espaços públicos que haviam. Contudo, de um ponto de vista mais amplo, têm surgido pensamentos destoantes desse cenário retrocessivo. São experiências nas quais as limitações são vistas como desafios que demandam um processo de adaptação e resiliência. E o ponto de partida na maioria dos casos encontra-se na dimensão local. Manzini (2017, p.16) enfatiza essa realidade ao afirmar que:

138

(...) o primeiro é o mundo dominante, ainda a referência para muitos, que molda as principais estruturas econômicas e institucionais e deduz, a partir da sua história de sucesso, a certeza de que a sua continuidade no tempo é inevitável. O segundo, por outro lado, assemelha-se a um grupo de ilhas no qual as pessoas pensam e agem de maneiras distintas.

Bonzatto (2010, p.13) também contribui na mesma linha de raciocínio ao citar o exemplo do desemprego que “é sempre uma ameaça e nunca, nunca uma oportunidade de produzir um outro registro, uma outra forma de sobrevivência, embora muitas pessoas, diante da inevitabilidade de sua inclusão no mundo do consumo, realmente produzam outras formas de viver.”

É quando fala-se em “local” que as ideias e críticas aglutinadas neste trabalho começam a fazer sentido, pois a dimensão local

nunca teve tantas chances de se tornar transformadora, quanto no agora. Isso se dá graças ao alto nível de conectividade no qual a maioria das pessoas está imersa. O mundo conectado permite que pequenas ações tenham um alcance superlativo e influencie diversas outras propostas e vice-versa.

Entretanto, as particularidades de cada local e dos indivíduos que a ele pertencem antecedem a difusão de informações e a conectividade em si. Ao adentrar nesse campo de ação, tem-se nas mãos um amplo leque de possibilidades que nem sempre são facilmente identificados. A intenção é trazer esse indivíduo para o centro da discussão e torná-lo “o protagonista” da história, e através dele criar um canal de comunicação entre a realidade material do lugar e suas diferentes capacidades e potenciais.

MANZINI afirma: “(...) um sujeito imerso em sua vida diária, que participa de vários diálogos; um nó em várias formas sociais. A partir desse ponto de observação e ação, ele planeja e replaneja a sua ação no mundo (...)”. Manzini (2017, p.18)

E é nesse aspecto que reside a essência do segundo mundo apresentado por Manzini. É o potencial local, que articulado com outros, podem criar uma contraposição aos sistemas de massa e promover um desenvolvimento real de qualidade de vida, mais

resiliente e verdadeiramente sustentável.

Diferentemente do sistema totalizante e homogeneizador que ainda predomina na grande maioria das relações de trabalho atuais, a abordagem aqui levantada busca criar descontinuidades, em especial aquelas relacionadas ao espaço público, no intuito de instigar e promover o surgimento de novos comportamentos e posturas, se possível, essencialmente radicais. Acredita-se que através da criação de interstícios ricos em variantes de contato, novos pontos de vista passam a surgir e problemas que atualmente são ignorados ou simplesmente não visualizados terão a chance de se tornarem oportunidades de mudança, tanto para o espaço do bairro, quanto para a vida das próprias pessoas.

140

O trabalho pelo qual esse processo se desenvolve é imbuído de significado e os envolvidos são munidos da consciência do seu poder de escolha e de “fazer acontecer” dentro de ecossistema colaborativo e complexo, no qual múltiplos “tempos”, com múltiplas características e múltiplos passos, coexistem. Manzini (2017, p.25)

Como base prática, são explorados dois conceitos que traçam diretrizes referentes ao modo de lidar com o espaço, física e politicamente, com o intuito de fazer com que as ideias

propostas tenham um sentido verdadeiramente transformador: a
Permacultura e o Urbanismo Tático.

5.1.3 CONSTRUÇÃO DE LUGAR

Ao considerar a necessidade que se apresenta através da análise do lugar, sob a perspectiva técnica e pessoal, e por meio da aplicação do pensamento holístico da permacultura, a intervenção/interação com o espaço ganha lugar. Um dos pontos chave consiste na reconstrução dos vínculos perdidos ao longo do tempo e este processo não é algo que se pode direcionar deliberadamente e requer um lento processo de maturação. Entretanto, almeja-se tomar partido de estratégias não convencionais para, através de uma tentativa, iniciar esse movimento.

142

O processo de Construção de lugar ou Placemaking é um termo resultado de uma grande variedade de experiências - positivas e negativas - realizadas em diferentes locais pelo mundo, nos mais diversos contextos, que possui um significado variável, porém unânime no que diz respeito ao ato de reimaginar e reinventar espaços públicos de maneira colaborativa e torná-los verdadeiramente públicos, de todos, sem distinções.

As práticas de construção de lugar buscam reforçar a conexão entre as pessoas e o espaço que permeia e preenche a vida humana exatamente no intermédio entre indivíduo/lar e indivíduo/trabalho. Tais práticas se alicerçam nas particularidades físicas, culturais e sociais de cada lugar e vislumbram um processo progressivo de mudanças.

Lugar, termo que abrange tantas significações, é aqui entendido como o espaço construído ao longo do tempo por comunidades humanas, as quais transferem a este espaço suas marcas, anseios, angústias, sentimentos, que assim compõe uma identidade única e multidimensional. Quando se fala em construção de lugar, o que se pretende expressar é a conciliação entre a profusa ou escassa variedade de elementos presentes em um contexto urbano, sejam eles abstratos ou físicos, a promover uma subsequente valorização do espaço público dentro da comunidade.

Esse processo de significação, na maioria dos casos, acontece lentamente, a partir de uma evolução natural dos laços dos moradores entre si e o lugar em que vivem, através da lida diária com problemas em comum, da comunhão de momentos festivos, de dificuldade e de mudança. Contudo, na sociedade contemporânea essa interação tem se difundido e adquirido perfis menos relacionais. Como afirma Manzini (2017, p.205) "a comunicação não mais é impossibilitada pelas distâncias, as pessoas participam de uma multiplicidade de diálogos com interlocutores que podem estar espalhados por toda parte".

E ao encarar essa realidade, percebe-se que a não necessidade de contato direto entre as pessoas dificulta ou inviabiliza a construção de identidade para o espaço, logo, não há construção de lugar. Para

se evitar que esta tendência avance, faz-se necessário estimular um pensamento conjunto para com o espaço público que o torne responsável de todos e seja reconhecido como um ambiente potencial.

O que atrai as pessoas para a rua hoje?

O trabalho junto a um componente da vida social tão complexo demanda bastante delicadeza por assim dizer, atenção e cuidado. O espaço público é uma grande interface, uma grande borda que traz em seu bojo uma intrincada rede de conexões, conflitos, confluências, divergências, concomitâncias e eventos aleatórios. Com a proposta de traduzir e tornar mais administrável essa complexidade, a organização não governamental Project for Public Spaces (PPS) elencou 10 questões pertinentes a processos de construção de lugar. São eles: equidade e inclusão; ruas como lugares; arquitetura do lugar; centros de inovação; mercados comunitários; lideranças comunitárias; resiliência e sustentabilidade; comunidades rurais; construção de lugar criativa e saúde;

O PPS também desenvolveu um método de análise propositiva no qual os espaços públicos são trabalhados em diferentes escalas e em cada uma delas existem 10 pontos que requerem uma ênfase

maior de atuação. Segundo a publicação do PPS de 2016, todas as cidades precisam de 10 destinações importantes as quais devem atrair pessoas, sejam elas do próprio local ou de outrem. Numa maior escala, estas destinações são regiões que concentram algum setor de atividade - comercial, recreativa, habitacional. Ao se diminuir a escala de observação, em cada uma dessas regiões, deve-se identificar 10 pontos de destino, que podem ser uma praça, um mercado, uma biblioteca pública, um teatro ou um campinho de futebol. Por fim, no conteúdo de cada um destes destinos deve ser possível distinguir 10 coisas para se fazer, 10 qualidades do espaço que garantam seu uso e sua manutenção ao longo do tempo. Esse modo de pensar o espaço público é chamado "Poder dos 10".

145

Contudo, o que precede a análise do poder do 10 é a identificação de 4 pontos-chave para qualquer espaço público de qualidade. São eles:

- Sociabilidade
- Acessos e conexões
- Conforto e imagem
- Usos e Atividades

E destes pontos chave são derivados outras duas camadas de reconhecimento: os valores intangíveis e as quantificações.

As quatro chaves de um bom espaço público são bastante claras e fáceis de se compreender. Todavia, para fins elucidativos, segue uma breve explanação sobre cada um deles:

Acessos e ligações

Visibilidade e acessibilidade são imprescindíveis a qualquer espaço público que se pretende ser rico e bem utilizado. As pessoas precisam sentir-se orientadas e estarem sempre amparadas por caminhos que as levem efetivamente para algum lugar. É preciso haver uma ligação entre os elementos internos reciprocamente, bem como entre elementos internos e externos ao espaço que por sua vez, sempre deve estar conectado com outras partes da cidade. E assim como é necessário acessar, é preciso ver através dos espaços, de maneira a fornecer uma noção completa das possibilidades de uso, de fuga, de trânsito e permanência.

Conforto e imagem

Este ponto refere-se às impressões e possibilidades de estar no espaço público. Que sensações o aspecto visual do espaço

proporciona às pessoas? Existem locais confortáveis para se estar, para se tirar fotos, para se proteger do sol forte ou da chuva ou o oposto, para se aproveitar o sol e a chuva? Existe um número similar de mulheres tal qual o de homens? existem crianças, pessoas idosas? O lugar transmite segurança? São indagações como estas que preenchem este aspecto chave dos bons espaços públicos.

Usos e Atividades

Qualquer espaço público de qualidade possui diferentes e variadas atividades concomitantes ou sistematicamente distribuídas em diferentes horários do dia. É importante se evitar o esvaziamento do espaço, independente do momento. Por isso, deve-se evitar o monofuncionalismo, tal como uma praça que é conhecida por vender muitas comidas à noite, mas durante o dia, devido a ausência de vendedores se torna árida e transmite insegurança.

Sociabilidade

E por fim, o aspecto mais almejado e difícil a ser alcançado pelo espaço público é o seu potencial de agregar pessoas e mantê-las no espaço mais de uma vez. Esse fator depende intimamente dos outros aspectos e sua sinergia, de maneira a tornar efetivo o

estreitamento de laços com o espaço e entre seus usuários.

Através do PPS, muitos profissionais têm trabalhado conjuntamente a buscar alternativas para os mais diferentes contextos urbanos. O texto aqui delineado tem se pautado, em grande parte, em dados fornecidos por essa organização não-governamental, que tem reconhecimento internacional e figuras ilustres da Arquitetura e Urbanismo com Jan Gehl como um de seus mais ativos e engajados participantes. Baseado no trabalho feito por esse grupo, alguns princípios para a criação de espaços públicos funcionais e relevantes foram selecionados. São eles:

148

1 - A comunidade é o melhor

Uma importante forma de começar um projeto de construção de lugar é estabelecer um vínculo com as pessoas da comunidade e através destes indivíduos conhecer mais de perto as minúcias do lugar, detalhes que muitas vezes são apenas identificados por aqueles que convivem diretamente com determinada realidade.

2 - Criar um lugar, e não um design

Pensar nas pessoas em primeiro lugar e não na estética ou no requinte projetual. Muitas vezes, um detalhe que para o indivíduo

projetista é vital, para a comunidade é supérfluo, e vice-versa. É essencial se ater às legítimas demandas para não se cometer o erro de projetar para si próprio. Contudo, não é preciso abrir mão da sofisticação e sim, aprimorar o olhar no sentido daquilo que realmente importa.

3 - Procure parceiros

Um projeto comunitário envolve muitas pessoas em seus processos de discussão, elaboração e execução. Parceiros são indiscutivelmente essenciais para que o andamento siga conectado com diferentes agentes que contribuirão para o sucesso do todo. Estes parceiros podem ser moradores, prefeituras, escolas, creches, museus, centros culturais, empresários...

149

4 - Eles sempre dizem "Isso não vai dar certo"

Obstáculos sempre estarão presentes no processo de construção de lugar. Na realidade a construção de um lugar é uma atitude que a maioria dos profissionais, mesmo os da área de arquitetura e urbanismo ou serviço social, não é orientada a como se fazer. Os caminhos são múltiplos e todos incertos. Começar de baixo, com pequenos contextos é a melhor maneira de inaugurar um movimento de placemaking.

5 - Você pode ver muito apenas “observando”

Este princípio relaciona-se intimamente com o princípio da Permacultura que é a observação atenta a padrões e elementos que compõem um sistema. Sensibilizar o olhar na identificação de fluxos, conflitos e possíveis soluções ou problemas é vital para o sucesso da construção de lugares.

6 - Tenha uma visão

Consiste em extrair do lugar uma imagem multifacetada que contempla, de alguma maneira, cada integrante ligado direta ou indiretamente a este espaço. Quais funções são inerentes ao lugar? O que fará com que aquelas pessoas, daquela área permaneçam e usem o espaço público?

7 - Forma acompanha função

Este princípio conversa com a ideia de ouvir a comunidade e a partir dessas informações, moldar a forma, a matéria concreta com a qual o espaço irá se constituir.

8 - Triangular

Os elementos inseridos no espaço devem estar dispostos de forma a se complementarem. A conexão entre um banco, uma paisagem e uma cesta de lixo deve ser pensada e articulada de maneira que beneficie a todos.

9 - Leve, Rápido e Barato

Pensar em como iniciativas simples, fáceis de administrar e manter com baixo custo, podem a longo prazo trazer maior consciência sobre o espaço público e torná-lo fértil a novas intervenções, e maleável a futuras transformações.

151

10 - Dinheiro não é um problema

A ideia sobre os gastos com intervenções para construção de lugares é aos poucos diluída, à medida que mais pessoas inserem-se no processo e o retorno dos benefícios de tais iniciativas tornam-se mais evidentes. Também a consonância entre os envolvidos, o correto posicionamento de elementos contribuem para diminuição dos gastos.

11 - Você nunca acaba

Como disse a sábia arquiteta Lina Bo Bardi, "sejamos rigorosamente

flexíveis” às necessidades de mudanças e aos imprevistos que sempre se sucederão ao longo de qualquer processo da vida.

Ideia de processo

O PPS sinaliza uma sequência de eventos com as quais pode-se - ou não - obter resultados positivos de um processo de construção de lugar. Esse esquema pauta-se essencialmente na comunidade.

Definição do lugar | Identificação dos envolvidos

Avaliação do lugar | Detecção dos problemas

Visão do lugar

Experimentos leves, rápidos e baratos (LRB)

Reavaliação contínua | Proposições a longo prazo

Nessa proposta há um curso cíclico de retomada à visão do lugar e à novos experimentos LRB.

5.1.4 PERMACULTURA

Imerso num contexto onde as potencialidades locais devem prevalecer e aflorar, surge espaço para a implementação de uma filosofia pautada na complexidade do sistema interpretada por meio de elementos simples e de baixo custo. Trata-se da Permacultura.

O termo Permacultura foi cunhado em 1974 como um resultado da convergência de ideias de Bill Mollison e David Holmgren, o qual buscava designar um sistema integrado entre animais e plantas naturalmente úteis ao ser humano. Em seus primórdios, a Permacultura aplicava-se essencialmente a sistemas agrícolas, nos quais teoricamente havia espaço suficiente para desenvolver todas as técnicas e estratégias propostas pelo novo sistema e que seu objetivo central era o fornecimento de alimentos para o ser humano.

No livro Permacultura Um:

Permacultura é uma palavra que cunhamos para um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes ou auto-perpetuantes úteis ao homem. Em essência, é um ecossistema agrícola completo, modelado sobre exemplos existentes, porém mais simples. Mollison, Bill. Holmgren, David. Permacultura Um. (1978, 1981. p.15)

Devido ao pioneirismo desse sistema na época, transformações

remodelaram e expandiram a compreensão dessa ideia nos anos posteriores. Holmgren (2007, p. 03) readapta sua concepção do termo ao descrevê-lo como: "Paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais."

A lógica permacultural demanda que todas as pessoas tenham acesso à terra, à informação e recursos financeiros. O que implicou numa adaptação que assimila estratégias financeiras e legais coerentes, com o intuito de dar acesso à terra, negócios e autofinanciamento regional. Dessa forma, a Permacultura passou a ser vista não só como um sistema agroecológico, mas sim, como um sistema humano completo.

Desta forma, o significado maior para Permacultura foi seu entendimento como uma cultura permanente sustentável, que fornece todos os elementos e nutrientes essenciais para a manutenção da vida humana, bem como garante que todos os organismos pertencentes a esse sistema, tenham um ciclo de vida contínuo e inesgotável. Holmgren (2007) acrescenta a visão da Permacultura como o uso do pensamento sistêmico e de princípios de design que fornecem a base conceitual para alcançar

os objetivos de auto-suficiência. Para isso, é imprescindível que as diferentes ideias, métodos e modos de vida sejam maleáveis à necessidade de mudança.

Entretanto, essa estrutura conceitual não é sempre bem vista pelo meio empresarial, acadêmico e político. No primeiro caso, devido ao fato da Permacultura se opor à lógica dominante do consumismo irracional que vende uma falsa e idealizada visão de bem-estar e progresso. Também, essa adversidade surge devido a oposição ao sistema cooperativo da Permacultura e não competitivo. Já o meio acadêmico, apresenta relutâncias em aceitar o pensamento holístico que em diversas partes confia sua eficiência aos conhecimentos ou crenças populares, ditas não-científicas. O viés, político por sua vez, teme que a autossuficiência proposta pela Permacultura, venha pôr em risco as estruturas de poder dominantes.

O conceito de Permacultura levado à consciência do pensamento antropológico é levantado por Bonzatto (2010), que ressalta a decadência do sistema político-religioso do capitalismo e lança como alternativa o conceito de suficiência antropológica, que coaduna com os princípios mais essenciais da Permacultura.

Ainda segundo o autor:

Não se trata de autossuficiência, visto que é diferença, relação com a alteridade,[...] Mas sim de autodeterminação, de capacidade de determinar a si mesmo, como projeto político, uma vida que seja boa o bastante.[...] O que precisamos é de um conceito de suficiência, não de necessidade. [...] A suficiência é uma relação mais livre que a necessidade. Bonzatto (2010, pgs. 11-12)

Dessa maneira, a Permacultura surge neste trabalho como um argumento, um apelo ou até mesmo um guia de como o projeto pretende se constituir.

Holmgren (2007) traz em seu didático artigo, 12 princípios da Permacultura com os quais ele estrutura a ideia do tema e são provenientes de uma observação do mundo natural e das sociedades sustentáveis da era pré-industrial. São conceitos aplicáveis de forma universal, que proporcionam de maneira sintética e rápida o caminho para se adotar uma postura verdadeiramente auto-suficiente.

Seguem os 12 princípios:

1 - Observe e interaja

Relação livre e harmônica entre natureza e as pessoas;

Fazer mais uso das capacidades humanas e redução da dependência de alta tecnologia e de energias não renováveis;

Uso da tecnologia local / modelos locais;

Facilitar a geração de pensamento de longo prazo independente;

2 - Capte Energia e Armazene

Capturar fluxos locais de formas renováveis e não-renováveis de energia;

Reconstrução do capital natural, modelos de custo, modelos baseados em combustíveis fósseis subsidiados, experiência prática, saber-como e tecnologias criativas;

3 - Obtenha rendimento

Planejar o sistema para que ele proporcione auto-suficiência em todos os níveis;

Flexibilidade e criatividade para buscar novos meios de obtenção de rendimentos

4 - Pratique a auto-regulação e aceite feed-back

Entender a importância dos feedbacks positivos e negativos e de

como atuam na natureza, torna possível a criação de sistemas que são mais auto-reguláveis e com menos necessidade de correções; “Um sistema composto de elementos auto-suficientes e independentes é mais robusto para enfrentar turbulências.”

5 - Use e valorize os serviços e recursos renováveis

Usar da melhor maneira os recursos naturais renováveis para assegurar rendimentos;

6 - Não produza desperdícios

Cuidado com os bens materiais, lida com a poluição e visão dos desperdícios como recursos e oportunidades

Afastar substâncias poluidoras, que segundo Bill Mollison são produtos ou subprodutos de qualquer componente do sistema que não é usado de maneira produtiva por qualquer outro componente do sistema;

7 - Design a partir de padrões para chegar aos detalhes

Reconhecer padrões pré-existentes;

Planejamento de árvores por zonas e setores;

Os sistemas complexos que funcionam tendem a evoluir a partir de sistemas simples que funcionam;

8 - Integrar ao invés de segregar

Dispor os elementos de tal maneira que cada um deles supra as demandas e assimile os produtos do restante dos elementos;
A habilidade de um designer para criar sistemas que sejam estreitamente integradas depende de uma ampla visão de uma série de inter-relacionamentos do tipo encaixe-perfeito;
Cada elemento exerce muitas funções;
Cada função importante é apoiada por muitos elementos;

9 - Use soluções pequenas e lentas

Os sistemas devem ser projetados para executar funções na menor escala que seja prática e eficiente no uso da energia para aquela função;

10 - Use e valorize a diversidade

A grande diversidade de formas, funções e interações na natureza e na humanidade são a fonte da complexidade sistêmica que evolui ao longo dos tempos;

11 - Use as bordas e valorize os elementos marginais

É na borda de alguma coisa - sistema ou meio, que acontecem os eventos mais interessantes;

12 - Use criativamente e responda às mudanças

Realizar um design levando em consideração as mudanças de

uma forma deliberada e cooperativa, e responder criativamente ou adaptar o design às mudanças de larga escala do sistema que escapa do controle;

Mudanças rápidas, de pequena escala e duração dos seus elementos contribuem, na realidade, para uma estabilidade de ordem mais elevada do próprio sistema;

Ao dispor de tais argumentos, a Permacultura surge como um meio de atuação em sintonia com outro fundamento deste trabalho, que compartilha princípios semelhantes sobre como tratar e lidar com conflitos relacionados ao espaço. Da mesma forma que a Permacultura faz uso dos recursos humanos e materiais disponíveis, atenta a padrões e sistemas pré-existentes, as atividades de construção de lugar trilham o mesmo caminho, com acréscimos de novas metodologias e filosofias. Assim, torna-se válido apresentar o termo de forma mais detalhada no intuito de esclarecer as intenções desta proposta.

5.1.5 URBANISMO TÁTICO

Outro direcionamento que se adota neste trabalho, consiste no emprego do urbanismo tático como alternativa mais objetiva de interagir e intervir no espaço, numa escala mais humana e pessoal, na qual se faz uso de estratégias mais baratas, rápidas e acessíveis à comunidade em questão.

O Urbanismo Tático (UT) consiste em um guarda-chuva de projetos urbanos emergentes, temporários.

Na maioria dos casos, configura-se como um movimento de baixo para cima - "bottom-up" -, que não representa nenhuma corporação, grupo ou ideologias específicas. É um movimento idealizado por pessoas e para pessoas que, contudo, mantém-se continuamente aberto a possíveis parcerias com empresas ou entidades financiadoras.

A flexibilidade, a expansibilidade e prototipagem são algumas das qualidades mais promissoras do Urbanismo Tático.

De acordo com Brenner (2016) as estratégias de UT tendem a ter um caráter mais imediato. A abrangência de tais intervenções também é menos ampla, pois visa transformar, a priori, pequenos espaços, para que dado um ponto de partida, outras transformações possam ocorrer e assim, alcançar mais pessoas. A intenção é gerar

um movimento que possa minimamente fomentar uma melhor qualidade de vida para os indivíduos contemplados, estimular novas relações interpessoais e ressignificar usos e espaços, até então desvalorizados ou esquecidos. O modelo de “fonte aberta” empregado nessa vertente urbanística torna possível que uma visão de base se faça presente, juntamente com a participação ativa daqueles que são diretamente afetados pela intervenção/situação problema; O “faça você mesmo” é uma prática corriqueira com a qual dá-se continuidade ou manutenção ao processo iniciado.

A expressão “Mais leve, mais rápido e mais barato” é comumente associada à intervenções de urbanismo tático, uma vez que ela resume os princípios de simplicidade, rapidez na execução e baixo-custo. Segundo a publicação online do PPS, tais iniciativas têm tido repercussão mundo afora, ao demonstrar o potencial transformador que as pessoas em geral dispõem e que este poder pode influenciar a realidade física diretamente, mesmo diante dos obstáculos sociais, econômicos e políticos. É uma filosofia que beira a utopia em alguns casos, mas que faz uso de métodos e sistemas holísticos fundamentados para levar à frente suas iniciativas.

Ao decidir adotar este caminho como forma de ação no espaço, esta proposta arquitetônico-urbanística toma por base as

respostas do questionário e a vivência em família/comunidade do autor, para propor ações que mesmo de maneira pontual, possam criar descontinuidades no espaço público, nas ruas em especial, e assim estimular um outro contato, mais afetivo e solidário.

Todavia, esta caracterização bastante otimista acerca do tema não o exime de apresentar repercussões não tão positivas e ao considerar esta possibilidade, viu-se necessário complementar a fundamentação com uma visão mais crítica acerca do urbanismo tático.

164

Sabe-se que nas propostas de UT há uma forte intenção de subverter o fluxo generalizante imposto pelos modelos de planejamento neoliberais modernistas-estatistas, que naturalmente predominam em praticamente todas as grandes cidades do mundo atual. Essa intenção, mesmo que latente, não determina que as práticas adotadas pelo UT vão de encontro ao sistema dominante.

Brenner (2016) levanta 5 cenários distintos, dos quais apenas 2 vislumbram transformações mais profundas do contexto neoliberal vigente. Segue um breve resumo dos 5 cenários:

1- Reforço

O UT atenua a ineficiência do poder vigente, sem realmente combatê-lo ou ameaçá-lo. É apenas um reforço.

2 - Entrincheiramento

Ao levantar a bandeira da auto-gestão, o UT colabora com a agenda neoliberal que preza pelo desligamento de órgãos e gestões públicas de movimentos de cunho popular. Ao se caracterizar dessa forma, a prática UT acaba por fortalecer o sistema hegemônico.

3 - Neutralidade

Os espaços intersticiais visados pelo UT como locais para intervenção, por serem em sua maioria disfuncionais ou desprezíveis ao projeto neoliberal, acabam por não influir nem contribuir para nenhuma transformação significativa no espaço urbano. Assim, o neoliberalismo convive sem conflitos com estas práticas.

4 - Contingência

As experimentações a que o UT se abre podem, eventualmente, dar sequência a um processo de real subversão do contexto neoliberal. Contudo, isso depende, e daí vem o termo contingência, de fatores externos, e na melhor das hipóteses, da sincronia entre esses fatores.

5 - Subversão

O UT prima pelo desenvolvimento de futuros urbanos alternativos fundamentados em formas mais verdadeiras de inclusão, equidade social, democracia de base e justiça espacial.

Desta análise, surge o questionamento: De que forma então, o Urbanismo Tático pode eficazmente, contribuir para uma real transformação urbana, não apenas no nível espacial-físico, mas também no que diz respeito à vida das pessoas?

O fundamento do projeto neoliberal almeja estabelecer a mercantilização de instituições públicas e espaços urbanos, para que conseqüentemente, a vida coletiva da cidade seja pautada por relações de mercado, a favorecer sempre um grupo diminuto de pessoas, o direito à cidade. E neste processo, tudo aquilo que se opõe a esse movimento, é gradualmente suprimido. A existência de núcleos de força responsáveis por tal realidade, faz com que seja imprescindível a formulação de uma pauta combativa e engajada na criação de um novo status quo.

Assim, as ações do UT, bem como de outras áreas da Arquitetura, Urbanismo e Design, comprometidas com tal questão, devem suplantar intervenções "decorativas" e investir em ações que estimulem forças criativas coletivas compartilhadas, por meio

das quais se possa "coproduzir a cidade" e novos modelos de convivência e coexistência.

5.2 O QUE FAZEM OS OUTROS

Saber que não estamos sozinhos, mesmo que durante o processo esse sentimento surja...

É um conforto...que não se toca, mas se sente.

À distância...mas bem de perto também.

Uma grande parte no todo, uma parte completa. Partes completas.

Aqui são apresentados alguns projetos e ações tidos como referência para este trabalho. São iniciativas em lugares distintos que guardam semelhanças com o contexto desta proposta, que por sua vez, contempla diferentes ações no espaço.

5.2.1 CASA FORA DE CASA

O projeto em questão trata-se de uma intervenção de urbanismo tático, que por meio de aproximações artísticas, deu início a criação de uma identidade coletiva acompanhada de uma apropriação de espaços públicos da cidade de Goiânia - GO. Em síntese, foram promovidas diferentes atividades em 4 praças da área verde do bairro Setor-Sul, que de acordo com os autores[1] tinham como objetivo estimular o imaginário das pessoas quanto ao tipo de espaço público que elas queriam, e assim, desenvolver um reposicionamento cidadão e afetivo. Por intermédio de encontros periódicos houve a busca pela construção coletiva de uma visão de futuro para a região, sendo as ideias mais viáveis testadas em momentos de intervenção urbana.

170

Um dos vários aspectos que aproxima essa iniciativa da intenção do presente trabalho é o enfático estímulo à inserção da comunidade no processo, como “agente central e protagonista da mudança por eles desejada para o bairro” nas palavras do autor. Além disso, o fato de se tratarem de praças, a presença do urbanismo colaborativo, o incentivo ao olhar crítico e a relevância da postura proativa e criativa relacionada à ocupação do território são fortes elos entre os dois contextos, que apesar de distantes espacialmente, preservam semelhanças contundentes.

A metodologia utilizada por este grupo consistiu em pesquisas

de observação dos espaços públicos para identificação de usos e usuários, enquetes online. A partir dos dados coletados foi estipulada uma sequência de ações que foram implementadas nas quatro praças, com variações adequadas às especificidades de cada uma:

A - Encontro de desenho

Prática de desenho de observação ao ar livre;

B - Encontro Reconhecer e Criar

Deteção de problemas e potencialidades;

Primeiras ideias de intervenção;

171

C - Mutirão de limpeza

Limpeza do local com pessoas da comunidade;

D - Encontro Fazer e Brindar

Oficinas, arte urbana, prototipagem, cartografia e espaços de interação;

E - Encontro Apreciar

Avaliação do que foi produzido; ajustes finais;

Como elementos que fizeram parte do processo têm-se lambe-lambes, serigrafias, estampas em camisetas com elementos do bairro, passeios de bicicleta e cinema de rua.



Imagem 24. Moradores e equipe do Sobreurbana utilizando mobiliário criado
Fonte: Casa Fora de Casa, edição 01.



Imagem 25.
Intervenção urbana
Fonte: Casa Fora de
Casa, edição 01.



Imagem 26.
Agrofloresta
Fonte: Casa Fora de
Casa, edição 01.

5.2.2 AINONGHUI

Ainonghui é um grupo de comunidades focadas na produção de alimentos em escala local, que buscam estabelecer um elo entre os novos membros da comunidade com produtores orgânicos. Esse modelo de produção tem uma forte relação com a lógica do slow food, que aproxima consumidores dos produtores e propõe um novo olhar para o alimento, visto não só como sustento, mas também como um vínculo entre pessoas. É um modelo que conecta-se com o local e se mantém aberto ao fluxo global de pessoas e ideias. (MANZINI, 2017).

174

Os produtores orgânicos são focados na produção de vegetais típicos e a criação de aves domésticas, usando métodos tradicionais, bem como insumos locais. O resultado entra em contato com a população dos centros urbanos próximos que envolvem-se através de encomendas e da compra direta. Essa foi uma maneira de sustentar a diversidade de espécies vegetais locais consumíveis, sem fazer uso de tecnologias da agricultura moderna consideradas nocivas, como é o caso do uso de agrotóxicos ou fertilizantes sintéticos. A economia local é fortalecida e encorajada, não só por meio da produção agrícola, mas também por conta do network promovido e do turismo.

O mercado popular que se forma a partir desse sistema traz consigo o potencial de criação de identidade para o lugar e para o trabalho

das pessoas envolvidas. Nas palavras de Peter Groenendaal, os mercados tornam-se catalisadores para a gênese de centros locais que tiveram o senso de lugar diluído ao longo do tempo. Essa identidade, por sua vez, configura a diferença entre um mercado orgânico e local e um supermercado convencional. No primeiro, as chances do produtor ter um real conhecimento sobre o produto vendido, são muito maiores. As possibilidades de uma conversa, conseqüentemente, uma troca de informações e a formação de laços passam a dar sentido ao ato de ir ao mercado. Não resume-se apenas em adquirir produtos, mas sim, vivenciar o lugar onde se mora. A busca por esse sentido, se faz cada vez mais presente na "era digital" o que agrega valor, social e financeiro.



Imagem 27. Ou Shaumei na área de
produção
Fonte: pcd.org



Imagem 28. Ou Shaumei e agricultores parceiros.
Fonte: pcd.org

5.2.3 PROJETO MANDALA DO SERTÃO

Ao aproximar geograficamente o contexto do projeto anterior, o projeto Mandala do Sertão, localizado no município de Morada Nova/CE, trata-se de um sistema que passou a ser difundido após a expansão do conceito de agroecologia em regiões do interior do estado do Ceará e relaciona-se diretamente com os princípios da permacultura, já mencionados neste trabalho. A ideia aqui é utilizar racionalmente a água, de maneira a viabilizar uma produção contínua de alimentos, mesmo durante os períodos de estiagem. De acordo com a reportagem da Record News Rural (2010)[1], na época, 40 famílias no município se beneficiavam deste sistema e trabalhavam conjuntamente com as escolas, com a venda dos excedentes para a merenda escolar.

178

Este projeto é apenas um exemplo dentre vários outros espalhados em municípios do estado do Ceará. Conforme dados da reportagem do Diário do Nordeste (2010)[2] Lavras da Mangabeira, Amaniutuba e Iborepi também têm se destacado nesse tipo de produção familiar sustentável com o uso de mandalas.



179

Imagem 29. Mandala na fazenda Luar do Sertão, em Quiterianópolis – CE
Fonte: ematerce

5.2.4 KATHMANDU VALLEY

Os espaços públicos abertos em Kathmandu Valley, Nepal, sempre foram muito importantes para a estruturação das comunidades locais. Eles consistiam em pátios abertos, que possuíam em seu centro, áreas agricultáveis ou lagos. Estes locais serviam como suporte às mais diversas atividades cotidianas, à comemorações e eventos sociais em geral, bem como promoviam um sentimento de segurança, originado da congregação de pessoas no entorno de tais estruturas. Alguns, inclusive, eram utilizados como refúgio durante catástrofes ambientais.

180

Por muito tempo, a cultura desses espaços prevaleceu, porém, com a avanço da mentalidade moderna, a população passou a ter comportamentos mais individualistas, e paulatinamente esses espaços entraram em processo de degradação. A má gestão dos mesmos ocasionou sua ocupação irregular por estacionamentos e outros estabelecimentos comerciais irregulares.

Contudo, um destes locais no qual se situava o templo Bagh Bhairav recebeu um tratamento diferenciado dos outros. Com a reunião de esforços da prefeitura e da comunidade local, os lugares de descanso foram recuperados, a estética original foi resgatada e o espaço construiu uma nova face mais acolhedora. A participação comunitária e o envolvimento imprescindível de alguns stakeholders fizeram com que um plano de revitalização

fosse criado e expandiu a proposta para outros locais, sempre a manter a necessidade das pessoas em primeiro lugar. Houveram processos de capacitação local no intuito de imbuir nos moradores a capacidade de planejamento e autogestão, o que por sua vez garantiria a sustentabilidade do projeto.

Dentre as estratégias adotadas, têm-se:

- Aprimoramento do espaço físico;
- Restauração de pátios e outros espaços abertos;
- Formulação de diretrizes e regulamentações em relação à invasões.;
- Inserção de novos usos,
- Criação de um sistema de manutenção da infra-estrutura aplicada.

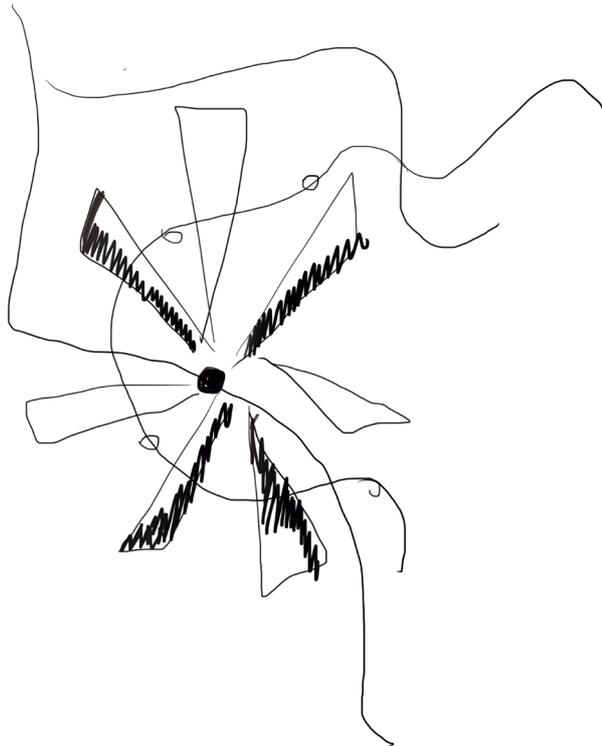
Como resultado, houve uma evidente melhoria na qualidade da imagem da cidade e uma valorização da paisagem ao nível dos olhos. Vários benefícios econômicos surgiram, tais como a promoção de atividades turísticas de visitação, aumento do valor da propriedade e de negócios locais. A infraestrutura urbana também foi impactada através do incremento da rede de ruas e rotas de pedestre.

Em tal contexto, percebe-se claramente que iniciativas comunitárias, simples e pontuais podem ter repercussões valiosas. Observa-se uma proximidade entre os espaços públicos de Kirtipur e do bairro Parque Tijuca, na qual, ambos possuem raízes agrícolas e ambos enfrentam o mesmo processo de degradação e desvirtuação do uso de suas áreas. A abordagem holística aplicada no projeto, coincide com a ideia defendida neste trabalho.



183

Imagem 30. Comunidade celebrando a restauração do Dey Pukhu, Kirtipur, Nepal.
Fonte: blockbyblock.org



6

○ DESENHO

Finalmente.

É o que tenho a dizer para início deste capítulo.

Os caminhos desvendados até então foram buscas de outras falas e outros contextos que pudessem contribuir na construção de sentido, para o que venho durante esse tempo, tentando compor.

E assim, mesmo ainda inseguro e percebendo algumas das falhas, permito nascer espaço para a ação do desenho.

Muitos universos



Diante do que foi explanado e discutido até então, dá-se prosseguimento à organização do programa de necessidades exposto no capítulo Veredas. A partir daqui, o trabalho estrutura-se da seguinte maneira:

Ideias iniciais: contempla o conceito de projeto adotado e as primeiras premissas;

Espacialização: contém a organização espacial dos equipamentos públicos propostos, bem como a proposição das atividades vinculadas à comunidade;

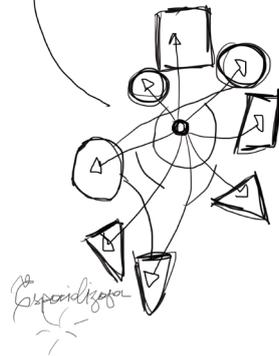
Aproximação: apresenta o desenho urbano com maior nível de detalhe de algumas áreas escolhidas: Praça Antônio Viana + creche e Praça do campo; São feitas as proposições de configuração das vias, dentro do perímetro do parque urbano;

Masterplan: contém o masterplan da proposta arquitetônico - urbanística;

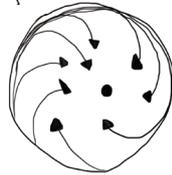
Começo!



Motivação, ideias,
iniciativas....

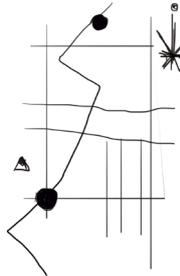


Especialização



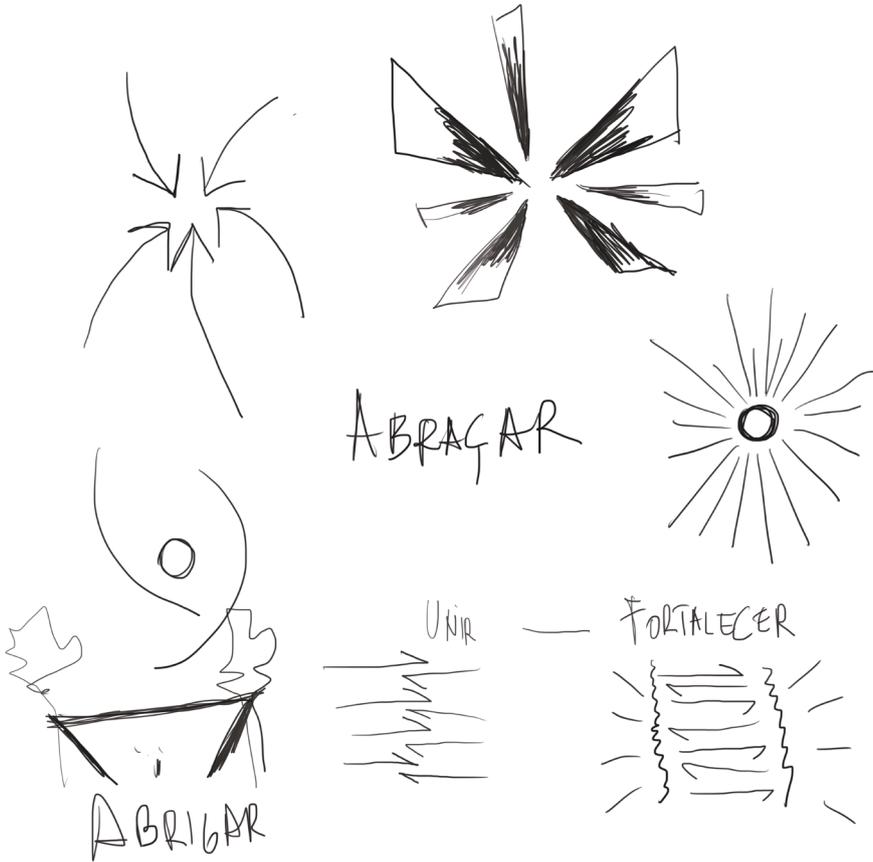
Juntando as
coisas....

Confinar...
num desenho



O ponto de partida, após ter como suporte toda a informação compilada, foi definir que conceitos dinamizadores seriam adotados na concepção projetual. O primeiro deles e o mais intuitivo de todos foi a ideia de abraçar, que vem acompanhada dos sinônimos, envolver, unir, reunir, concentrar, conectar e assim, fortalecer, enfatizar, enaltecer, ressaltar a beleza, a força e o potencial da comunidade em questão...

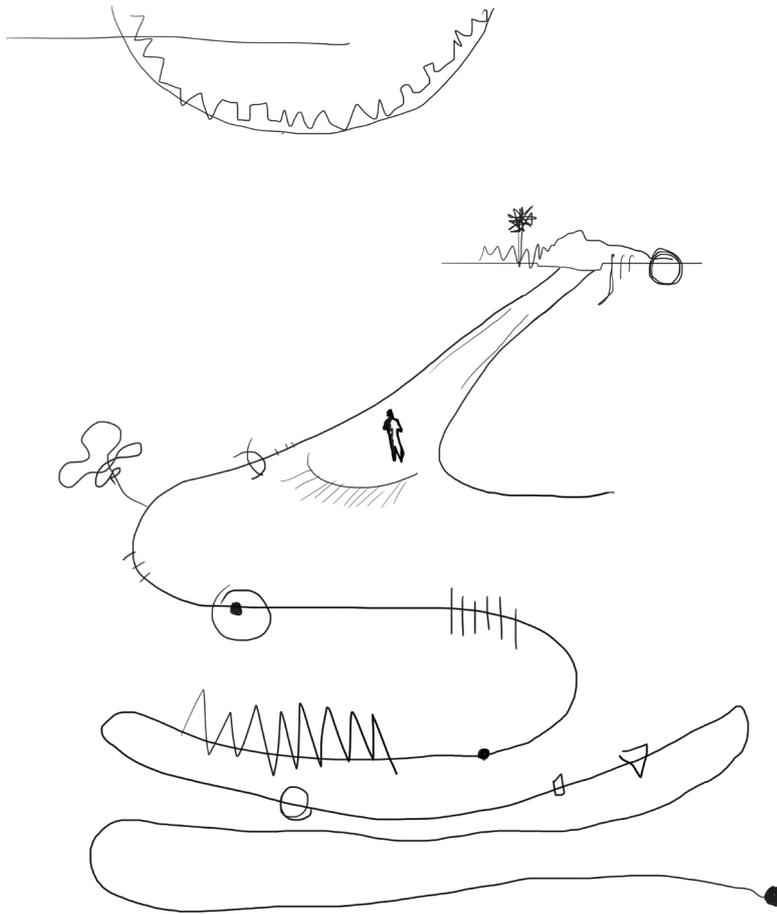
A qual pertença.



Amparado por estes princípios, determinou-se o espaço da intervenção.

Um espaço que já estava em mente desde o início, mas precisou de todo um processo, lento, estreito e sinuoso, para que então pudesse receber as primeiras linhas de projeto.

Dessa determinação, foram identificados os elementos sócio-espaciais envolvidos, juntamente a suas potencialidades e deficiências.



Pracinha Antônio Viana

194



Imagem 31. Características da praça Antônio Viana.
Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal

A creche Antônio Correia Viana



195

Imagem 32. Características da Creche Antônio Viana.
Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal

A rua Joaquim Severiano

- É BASTANTE UTILIZADA
- É UMA VIA ESTRUTURAL
- POSSUI MUITO POTENCIAL

SEM
PAVIMENTAÇÃO



196



- FICA PERIGOSA À NOITE
- NÃO POSSUI USOS DIVERSIFICADOS
- SEM CALÇADAS
- ACESSIBILIDADE RUIM

MUITA POEIRA (VERÃO)
MUITA LAMA (CHUVAS)

ILUMINAÇÃO RUIM

Imagem 33. Características da Rua Joaquim Severiano. Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal

Espaço campo

- Espaço amplo
- Tem visibilidade
- É lembrado pelas pessoas
- Oferece várias possibilidades de interação



ACESSIBILIDADE
RUIM



- Está abandonado
- É usado como depósito de lixo
- Já foi ocupado indevidamente
- Já houveram tentativas de privatização

MUITO MAL CUIDADO

Imagem 34. Características da área do campo.
Fonte: Elaborado pelo autor; Arquivo pessoal

Feita essa identificação, a intenção foi reunir esses espaços, conectá-los de maneira a configurar uma centralidade para o bairro que pudesse contemplar todas as funções que um espaço público de qualidade deveria possuir. Deu-se total prioridade às demandas expostas pelos moradores.

Através de um organograma intuitivo (imagem 35), conceitos, ideias, metodologias e equipamentos foram associados a um sistema que pudesse ser aplicado em outros contextos urbanos similares dentro do próprio bairro ou até mesmo em outras localidades. Contudo, não significa dizer que trata-se de um sistema fechado, uma vez que ele parte da especificidade de cada local para então propor as transformações adequadas.

198

Como resultado, o projeto compreendeu uma proposta urbanística-arquitetônica que tem como diretrizes gerais: o traçado de uma proposta viária que almeja conectar melhor diferentes modais de transporte utilizados pela população, bem como fornecer uma configuração mais humanizada para as vias; a ampliação e revitalização da praça Antônio Viana; a reforma da creche Antônio Correia Viana; a requalificação da rua Joaquim Severiano com a implementação do conceito de lugar compartilhado; a requalificação/renovação/revitalização da área denominada neste trabalho de "Praça do campo"; e a proposição de um mercado comunitário, entendido também como um espaço multiuso; o resgate da herança cultural das pessoas vindas do campo por meio da proposição de um sistema de hortas comunitárias;

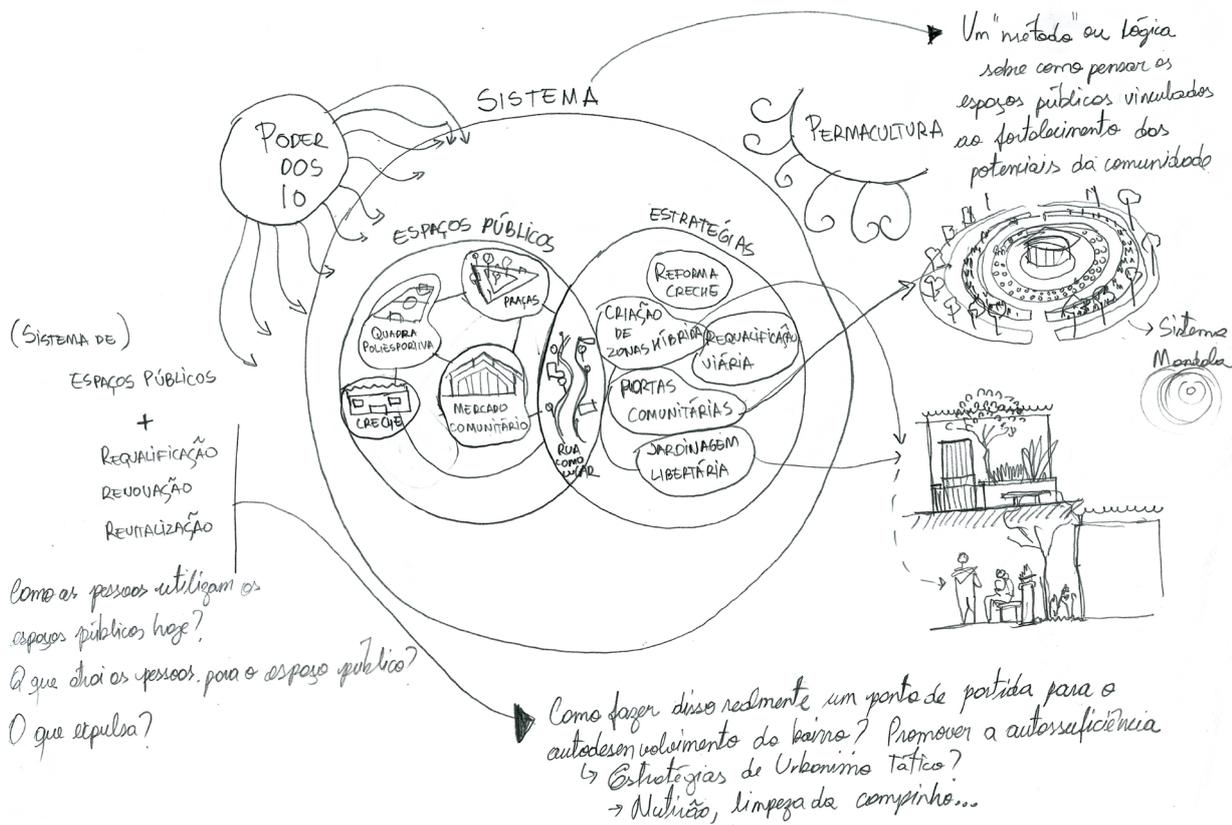


Imagem 35. Organograma.
 Fonte: Elaborado pelo autor

6.1 PROPOSTA VIÁRIA

O aspecto primordial no tratamento dos eixos viários da proposta foi a apropriação destes espaços para além de suas funções de circulação de pessoas e mercadorias. O entendimento da rua também como um espaço de convivência, de trocas e descobertas fez com que surgisse a intenção de resgatar e ressignificar a relação da população com esse elemento urbano por meio da ideia de “lugar compartilhado” (termo original shared spaces) e visão da rua como lugar, permeada por significados. “Lugar compartilhado” em tradução livre foi uma expressão desenvolvida e difundida pelo engenheiro holandês Hans Modermann que enfatizava o uso humano da rua sobre o uso do tráfego de veículos. ¹ As diretrizes que esse conceito propõe são a de pensar a rua como um espaço público, a enfatizar a importância das calçadas, bem como mobiliários e usos diversos que as acompanham; Planejar as ruas de maneira a se obter resultados compartilhados, a atender as diferentes demandas; E desenvolver um desenho coerente às velocidades necessárias do lugar. A utilização de estratégias de traffic calming fazem-se presentes como soluções de mitigadoras dos problemas relacionadas ao tráfego, que para além de simples desaceleradores, também conformam pequenos núcleos de convivência que empoderam a presença humana. É nesse ponto que a rua passa a ter um caráter de lugar e coaduna usos que juntos objetivam pedestrianizar o espaço.



201

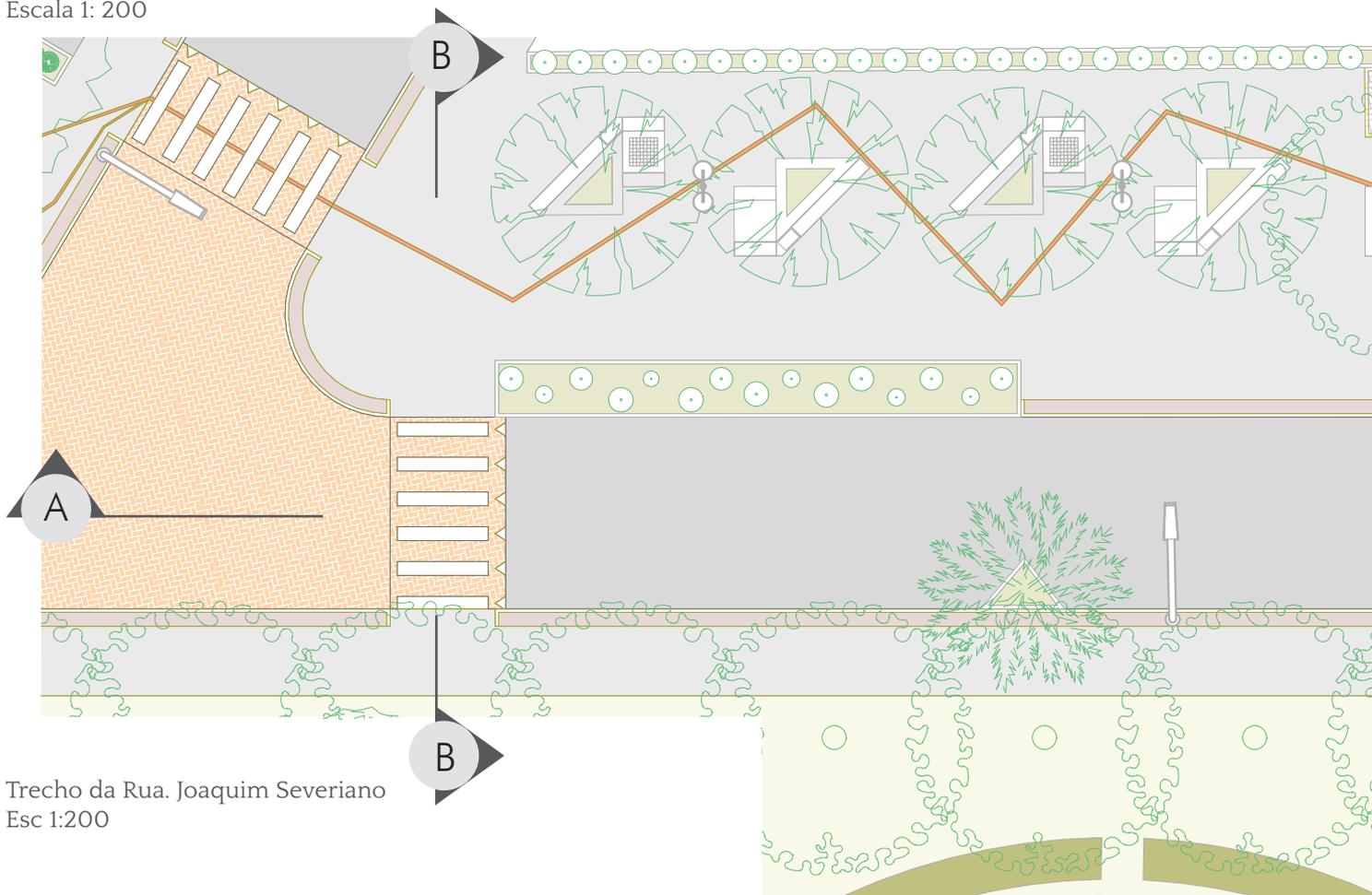
Imagem 36. Primeiras ideias para proposição viária
Fonte: Elaborado pelo autor

Assim as intervenções sugeridas balizam-se por essas ideias, que são reforçadas pelas ideias de construção de lugar. Em primeiro lugar, nas vias locais, definiu-se o espaço de calçada (2 metros) com um trecho mínimo de serviço (50 centímetros) que pudessem garantir incondicionalmente o fluxo de pessoas entre as quadras e o acesso ao parque urbano proposto (ver imagem 25). A caixa de rolamento encontra-se no mesmo nível que os espaços de calçada, a partir da intenção de estabelecer um real compartilhamento da via, sendo o espaços exclusivamente de pedestres delimitados pela faixa de serviço e por uma linha vegetacional que fornece sombra e pontos de apoio. Em algumas esquinas foram propostos estreitamentos vinculados com faixas de pedestre elevadas que buscam desacelerar o fluxo de veículos automotivos e facilitar as travessias. A rua Joaquim Severiano recebeu uma maior definição de espaços em decorrência de seu uso mais frequente e pelo fato de ao longo do seu perímetro estarem estruturadas as duas praças, com seus respectivos equipamentos urbanos e as hortas comunitárias. Nos trechos intermediários às praças, o conceito de lugar compartilhado fica mais evidente com a proposta de espaços de estar sombreados, associados a pequenos pontos comerciais, com diferentes possibilidades de apropriação. Também fazem-se presentes estratégias de traffic calming como canteiros no eixo central da via, faixas de pedestres elevadas e platôs. Algumas intervenções do campo do urbanismo tático fazem se presentes

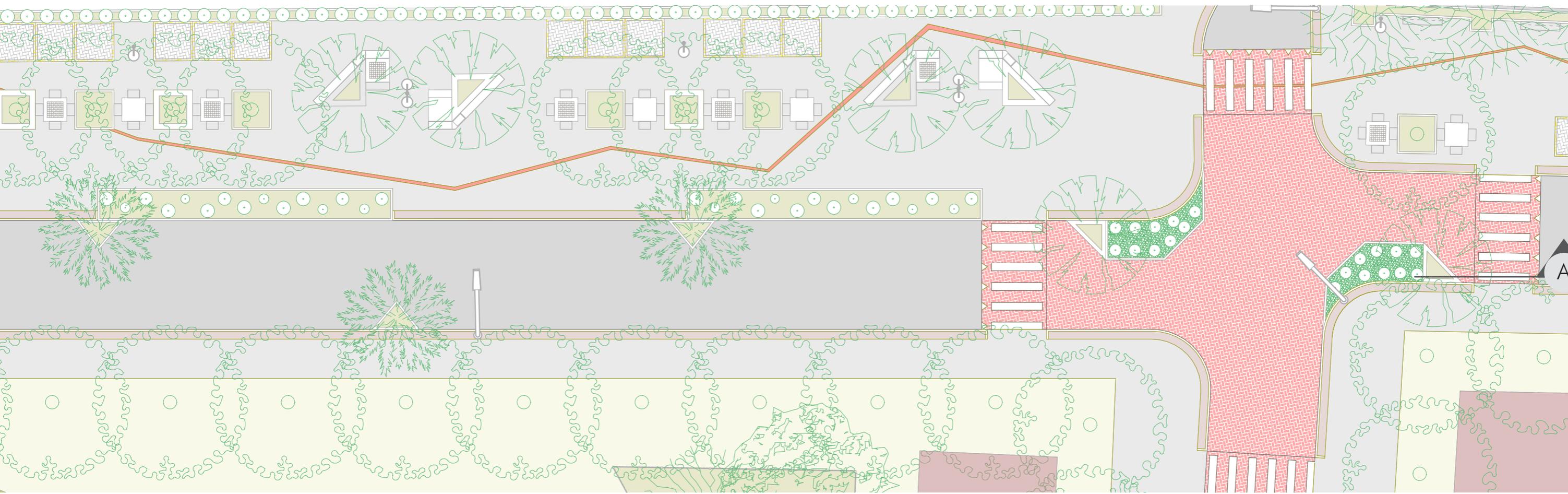
ao longo das vias. Nas vias locais, é estimulado o cultivo de jardins nas frentes das casas, de maneira a estabelecer uma zona híbrida de contato com o espaço da rua. Já no corredor paisagístico proposto, é feita uma linha de piso intertravado vermelho que remete ao vô das jaçanãs, que é um pássaro da caatinga, que deu origem ao nome jaçanaú, que apesar de não ser o bairro no qual a intervenção se encontra, a memória coletiva se faz mais forte e associa o local ao bairro com esse nome. Por isso, vê-se legítimo trazer e enfatizar tal identidade. Essa linha configura não só um detalhe a mais no desenho urbano, mas também reforça o intuito de ligar os espaços entre si.



Corte Longitudinal AA Rua Joaquim Severiano
Escala 1: 200



Trecho da Rua. Joaquim Severiano
Esc 1:200





Corte esquemático BB Rua Joaquim Severiano

Escala 1:100



Imagem 37. Perspectiva da proposta para Rua Joaquim Severiano
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 38. Perspectiva 02 da proposta para Rua Joaquim Severiano
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 39. Perspectiva 03 da proposta para Rua Joaquim Severiano
Fonte: Elaborado pelo autor

6.2 A PRAÇA ANTÔNIO VIANA

Nesse espaço pretende-se dar ênfase a revitalização da praça existente que encontra-se parcialmente degradada e não é reconhecida pela comunidade como um espaço público atraente e utilizável. Durante algum tempo, desde de sua inauguração, essa praça foi ponto focal do bairro, local em que eram realizados festejos, em algumas épocas do ano, especialmente no período Junino, no qual as ruas a sua volta serviam de palco para apresentação de grupos de quadrilha e a praça oferecia suporte para carrinhos de comida e bebida. Todavia, com o decorrer dos anos, seu uso se mostrou extremamente sazonal. Devido a crescente sensação de insegurança a praça passou a ser menos frequentada, e a ausência de pessoas, equipamentos públicos e serviços em geral somaram-se como empecilhos ao uso. A proximidade com a Creche Antônio Correia Viana não é explorada de forma nenhuma, o que conforma uma vazia comunicacional entre os dois espaços. Atualmente, a área continua desabitada, com uma forte sensação de desamparo e isolamento, dando margem para outros sentimentos, como despreteção e medo.

A identificação destas características, somada aos relatos obtidos com o questionário, percebe-se a importância de resgatar o uso e vitalidade deste espaço público, promovendo uma melhor comunicação e visibilidade dentro bairro. Trata-se de uma reconquista do lugar através de uma expansão da área de praça, com o uso voltado para as pessoas.

A ideia de que praças são espaços fundamentais para o fortalecimento da conexão entre moradores e o lugar em que vivem, é algo aceito por muitos autores e moradores no sentido geral, pois proporcionam um meio no qual suas expressões, suas atividades de lazer, relaxamento e seu exercício cívico de usufruir da cidade podem acontecer. Em países como a Itália, a associação com as piazzas é tão profundo que o senso comum afirma que todos (população em geral) têm alguma ligação, mínima que seja, com alguma praça. As piazzas são locais de encontro. Ao analisar os estudos de casos e experiências práticas realizados pelo PPS - Project for Public Spaces - no meio social, identificaram-se algumas premissas para qualificação de praças como ambientes de sucesso. Estão são um resumo destas diretrizes, compiladas por meio de uma tradução livre de um artigo do PPS.

211

1) Imagem e identidade

Criação ou fortalecimento de símbolos que eles possuem em si ou a sua volta.

2) Atração e destinações

Variedade de pequenos espaços: cafés, fontes, esculturas, vendedores de comida.

10 bons lugares com 10 coisas para se fazer (Poder dos 10)

3) Amenidades

Lugares para ficar e estar, iluminação adequada, arte pública;

4) Design flexível

5) Estratégia sazonal

6) Acesso

Fácil de chegar e percorrer

7) Praça de dentro e Praça de fora

Relação entre o espaço de dentro e o de fora da praça

8) Expandir-se como um polvo

A influência da praça deve ser maior que seus limites físicos

9) A regra central de gerenciamento

Sinergia entre os usuários da praça

10) Diversas formas de investimento

Bem gerenciadas praças, requerem parceiros engajados e interessados em fazer algo no espaço delas.

A definição do programa de necessidades deste espaço foi

baseada nas respostas/demandas dos moradores e nos princípios citados anteriormente, com o elenco de 10 elementos focais que em sinergia proporciona um constante atrativo de pessoas, uma diversidade de usos, com a criação de espaços de contemplação e permanência.

A expansão da área de praça surge como uma defesa da escala humana em espaços públicos, que conciliada com a delimitação das vias de passagem de veículos propicia uma maior segurança e conforto, bem como garante o acesso à todos os grupos sociais existentes. Outro ponto chave é a conexão entre praça e creche. Tenciona-se estabelecer um amplo espaço de contato que permita o uso por parte das crianças, como atividades de extensão escolar, assim como, abrigue concomitantemente ou não o uso pela comunidade em geral. Como alternativa de consolidação desse contato, é proposta uma plataforma elevada, devidamente amparada por rampas, que conecta a entrada da creche com um dos acessos à praça. Há a restauração do mobiliário urbano degradado da praça atual, com o acréscimo de novos bancos, lixeiras, canteiros, faixas de pedestre, mesas para jogos, bicicletário, espaço para esportes radicais, equipamentos de ginástica e brinquedos, estes últimos posicionados estrategicamente de maneira a convidar à itinerância do uso. Junto aos espaços de lazer são associados pontos comercial, a fim de dinamizar as atividades

e a movimentação de pessoas. Como um resgate da memória do bairro, é proposta uma fonte que remonta aos antigos chafarizes, que eram o destino diário de muitas pessoas, na época que não havia a rede de distribuição de água. Uma parada de ônibus é inserida, uma vez que há a promoção de uma linha de ônibus que circule internamente ao bairro.

Nesta praça também há um contato direto com o espaço das hortas comunitárias propostas nos terrenos adjacentes. A intenção é favorecer uma inter-relação entre todos os elementos de forma que se complementem e os eventuais resíduos de um setor, seja suplemento para outro e assim se desenvolva um ciclo de contribuições mútuas.

Esse conjunto de espaços conforma um dos extremos do parque urbano.

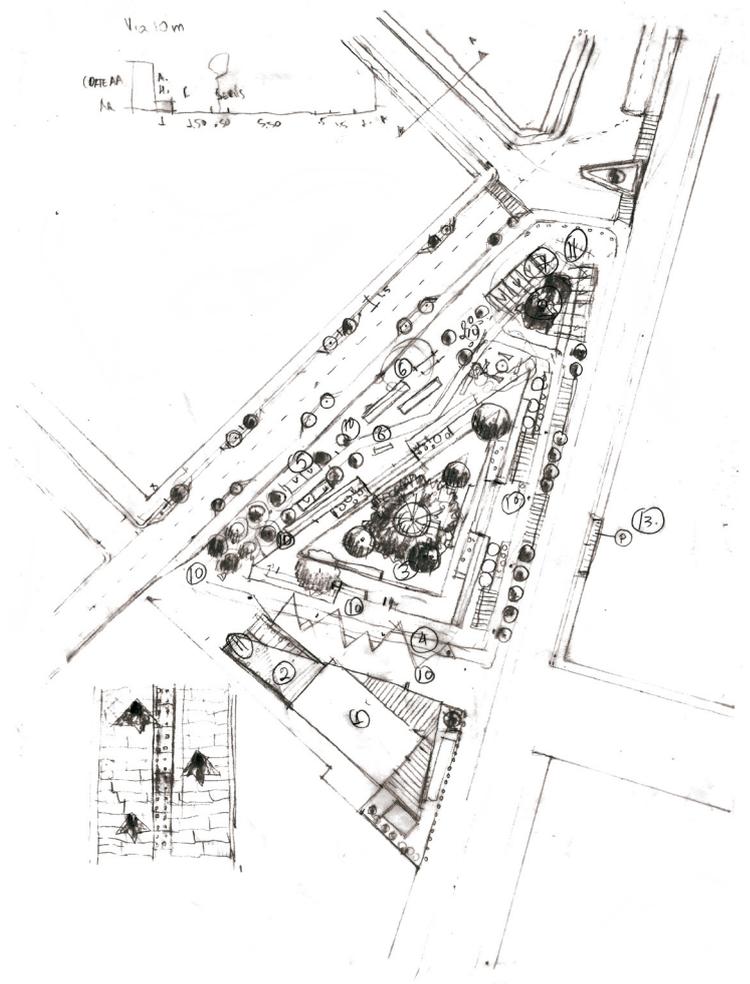
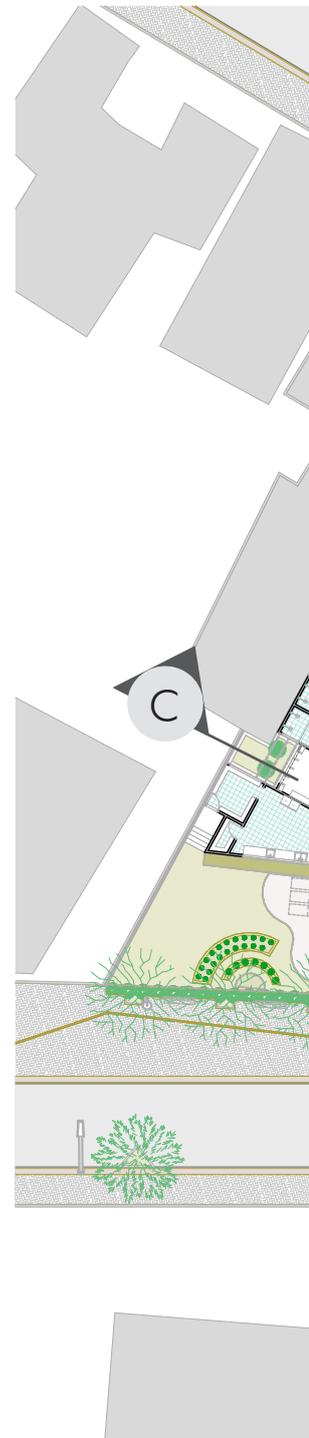


Imagem 40. Ideias para Praça Antônio Viana
Fonte: Elaborado pelo autor

Legenda

- 1 - Creche Antônio Viana
- 2 - Espaço Multiuso
- 3 - Praça Reformada
- 4 - Playground
- 5 - Pista de Skate
- 6 - Chafariz
- 7 - Espaços de Comércio
- 8 - Áreas de estar
- 9 - Hortas
- 10 - Bicicletário



Planta da praça Antônio Viana
Esc. 1:500



E

D

2

10

7

3

4

5

6

8

D

C

E

9

Lista de Espécies Vegetais

GRANDE PORTE

aENT - Timbaúba (*Enterolobium trinbouva*)
aGOG - Abriçó de macaco (*Gouroutita guianensis*)
aCEO - Cedro (*Cedrela odorata*)
aCHS - Paineira rosa (*Chorisia speciosa*)
aEUM - Jambo (*Eugenia malaccensis*)
aTAI - Tamarindo (*Tamarindus indica*)
aMAI - Mangueira (*Mangifera indica*)
aANO - Cajueiro (*Anacardium occidentale*)
aGEA - Genipapo (*Genipa americana*)
aACS - Sapotizeiro (*Acharas sapota*)
aSPM - Cajazeira (*Spondias mombin*)

MÉDIO PORTE

aHAS - Ipê amarelo (*Handroanthus serratifolius*)
aPLR - Jasmim manga (*Plumeria rubra*)
aTAP - Ipê rosa (*Tabebuia pentaphylla*)
aSEA - Cássia siameza (*Senna siamea*)
aCA - Pau-ferro (*Caesalpinia*)
aJAB - Caroba (*Jacaranda brasiliana*)
aPLC - Jasmim manga da venezuela (*Plumeria caracasana*)
aSEM - Cássia são joão (*Senna macranthera*)
aZIJ - Juazeiro (*Ziziphus juazeiro*)
aINA - Ingazeira (*Inga affinis*)
aPIP - Camunzé (*Pithecolabium polycephalum*)
aINAU - Ingaí (*Inga aurina*)
aTAE - Pitomba (*Talisia esculenta*)
aPED - Canafistula (*Peltophorum dubium*)
aBAF - Pata de vaca (*Bauhinia forficata*)
aDER - Flamboyant (*Delonix regia*)
aPIH - Catanduba (*Piptadenia honifolia*)

aSCM - Aroeira salsa (*Schinus molle*)
aJAP - Carobinha (*Jacaranda puberula*)
aPSG - Goiabeira (*Psidium guajava*)
aHASE - Ipê roxo (*Handroanthus serratifolius*)

PEQUENO PORTE

aERC - Mulungu (*Eritrina candelabro*)
aTAR-A - Ipê branco (*Tabebuia roseo-alba*)
aCAF - Chuva de ouro (*Cassia fistula*)
aEUU - Pitanga (*Eugenia uniflora*)
aHIR-S - Papoula (*Hibiscus rosa-sinensis*)

PALMEIRAS

pEUO - Açaí (*Euterpe oleracea*)
pATA - Babaçu (*Attalea apeciosa*)
pCOP - Carnaúba (*Copernicia prunifera*)

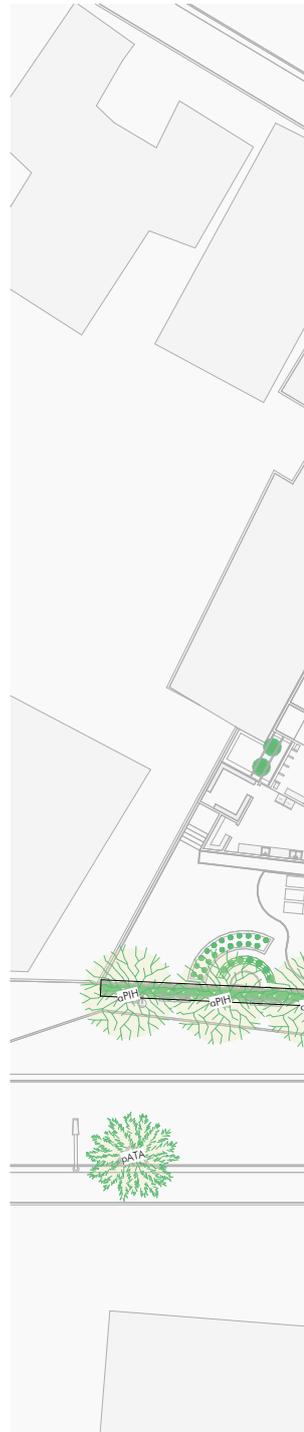
MEDICINAIS

mCYC - Capim Santo (*Cymbopogon citratus*)
mCYW - Capim citronela (*Cymbopogon winterianus*)
mOCM - Alfavaca (*Ocimum micratum* L)

ARBUSTIVAS

arSAC - Espada de São Jorge (*Sansevieria cylindrica*)
arXC - Lacre-vermelho (*Ixora coccinea*)
arCEC - Crista de galo (*Celosia cristata*)

Proposta Paisagística Planta da praça Antônio Viana
Esc. 1:500





Corte Longitudinal CC Praça Antônio Viana
Esc. 1: 200



Corte Longitudinal 2 DD Praça Antônio Viana
Esc. 1: 200





Corte Transversal EE Praça Antônio Viana
Esc. 1: 200





Imagem 41. Perspectiva 01 da proposta para Praça Antônio Viana
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 42. Perspectiva 02 para Praça Antônio Viana
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 43. Perspectiva 03 da proposta para Praça Antônio Viana
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 44. Perspectiva 04 para Praça Antônio Viana
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 45. Perspectiva 05 da proposta para Praça Antônio Viana
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 46. Perspectiva 06 para Praça Antônio Viana
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 47. Perspectiva Playground
 Fonte: Elaborado pelo autor

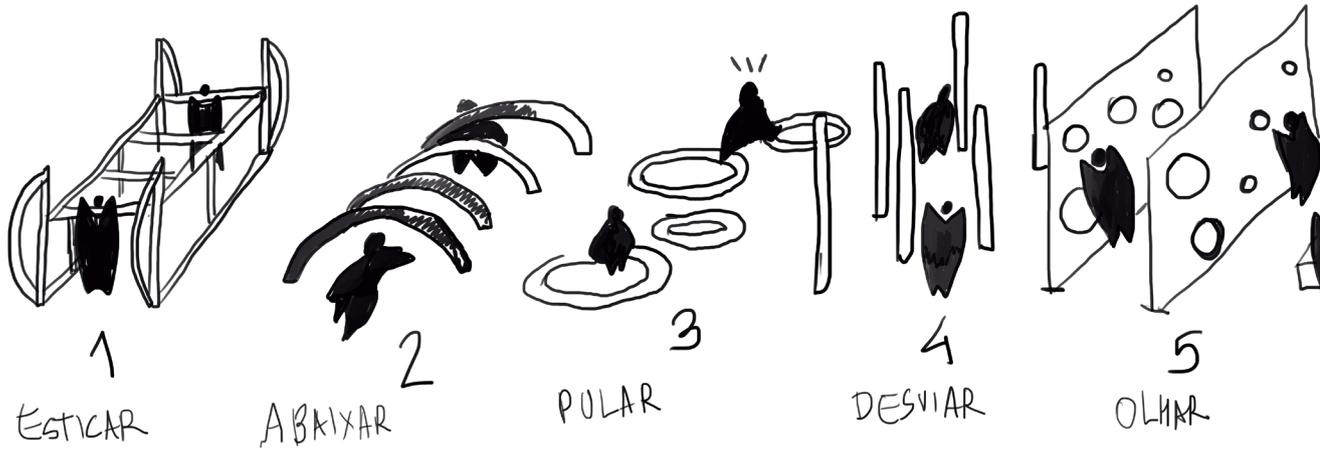
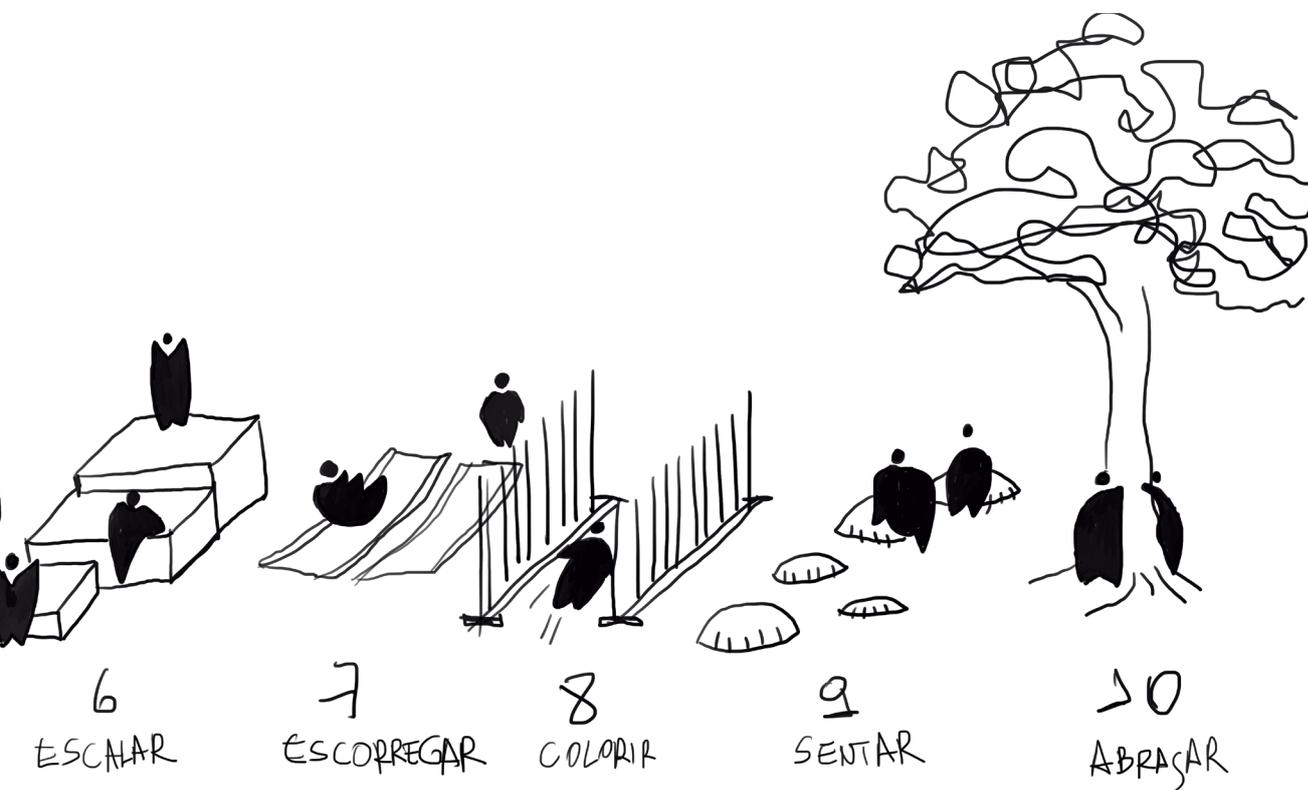


Imagem 48. Ideias
 Fonte: Elabora



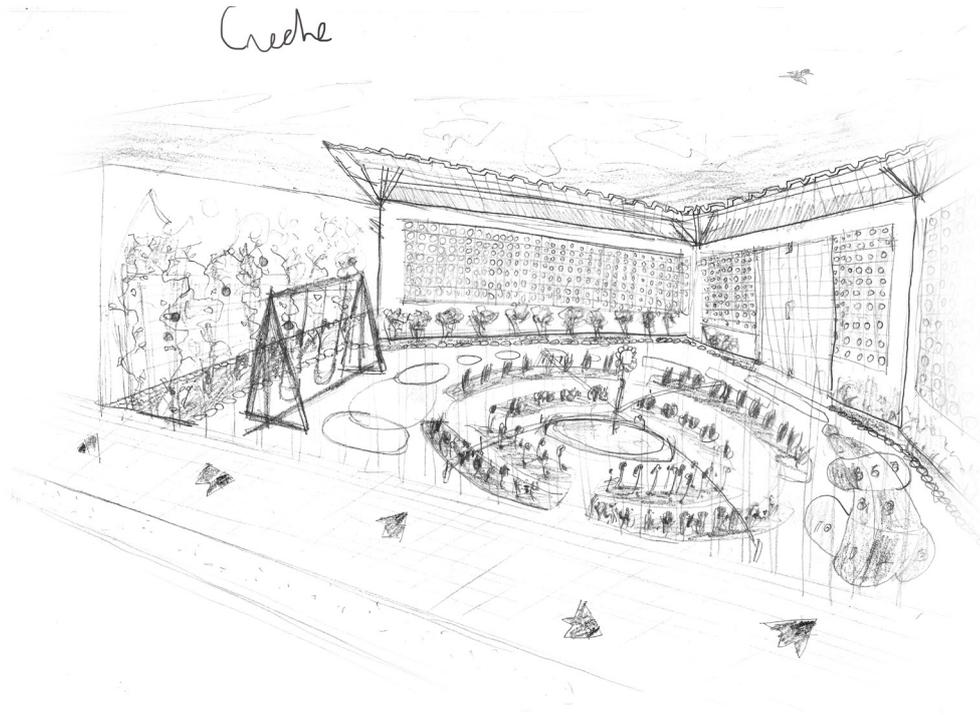
para o playground
feito pelo autor

6.3 A CRECHE ANTÔNIO CORREIA VIANA

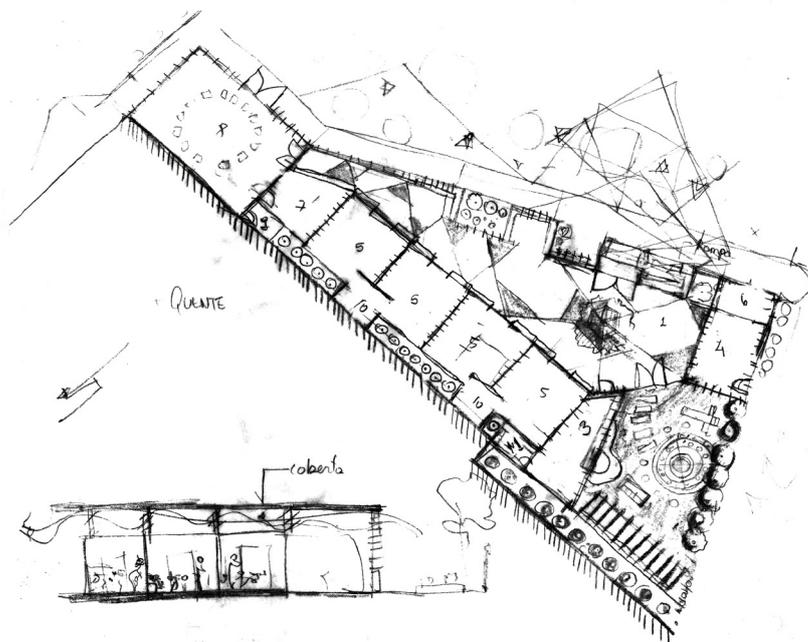
A reforma da creche Antônio Correia Viana foi incluída na proposta no período das entrevistas, depois de uma conversa com uma das professoras. Com o objetivo de torná-la um local mais receptivo e confortável para as crianças, pais e a comunidade, o conceito de abraçar foi bastante norteador do desenho. O espaço interno foi ampliado a partir de uma ocupação mais ampla do terreno destinado à creche. O pátio que se estende interiormente ao longo das salas de aula, é marcado por um jardim interno e sheds que se distribuem ao longo do edifício, agregando luz natural e realizando a exaustão dos ambientes. A fachada foi trabalhada de maneira a se comunicar melhor com o ambiente externo, por meio do uso de cobogós triangulares cujo o módulo é 30 cm x 30 cm. O mesmo cobogó encontra-se nas paredes que compreendem as salas de aula, permitindo que o ar seja constantemente renovado. As salas de aulas foram pensadas em consonância com a área disponível, bem como com o ideal de proporcionar um espaço lúdico, convidativo à criatividade e multifuncional. O trecho mais a sul (nos fundos da salas) foi aproveitado para a criação de um jardim interno que é visto como uma experiência a mais dentro da proposta didática. Também se buscou propor um mobiliário simples que estivesse ao alcance das crianças, a fim de que elas possam adquirir mais autonomia. Foi definido um espaço maior para alocação da sala das professoras e almoxarifado que compartilha o espaço com o que seria a secretaria da creche.

A cozinha, área de dispensa e DML encontram-se interligados e possuem um acesso direto pela área externa. Com o propósito de fortalecer ainda mais as experiências multisensoriais das crianças, foi delimitado uma área de jardim externa, mas protegida, na qual as crianças possam brincar e ter contato com o solo, a natureza e o espaço aberto da rua, indiretamente, construindo um sentimento de maior vínculo com o espaço público, em oposição a imagem de encarceramento, que muitas instituições de ensino assumem. O jardim também apresenta um caráter funcional, ao conter um sistema de aproveitamento de águas cinzas provenientes das atividades da cozinha. Além disso, a presença de uma pequena horta com plantas comestíveis e medicinais complementam as demandas nutricionais dos alunos, assim como dão um destino mais promissor para os resíduos orgânicos produzidos na creche. Por fim, é proposta uma sala de multiusos que é compartilhada entre a creche e a comunidade em geral. Esta foi uma demanda direta das professoras e que foi visto como mais um abraço, a partir do momento em que ele convida a comunidade a utilizar os equipamentos existentes no próprio bairro.

Ideia quintal
Cresce

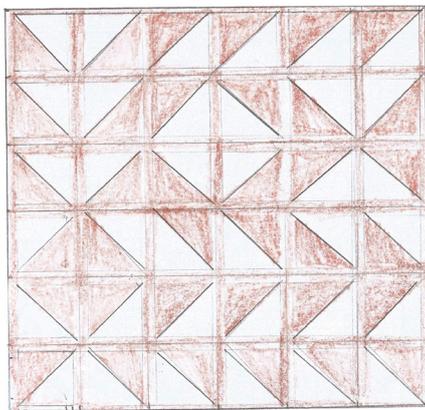


234

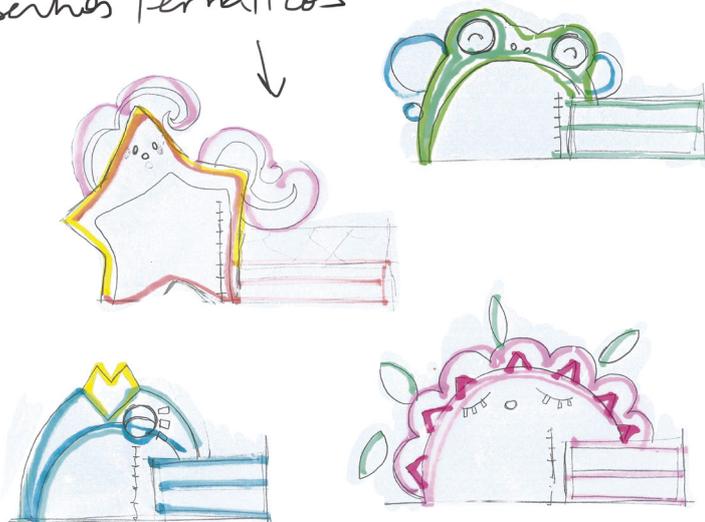


- 1 - Pátio
- 2 - Bicicleta
- 3 - Sala Professor
- 4 - Cozinha
- 5 - SALAS DE AULA
- 6 - DICTENSA
- 7 - Sala extra/Sala de Apoio
- 8 - Sala multiuso
- 9 - WC Sala MU
- 10 - Banheiros crianças
- 11 - WC Funis

Idéia de colagem

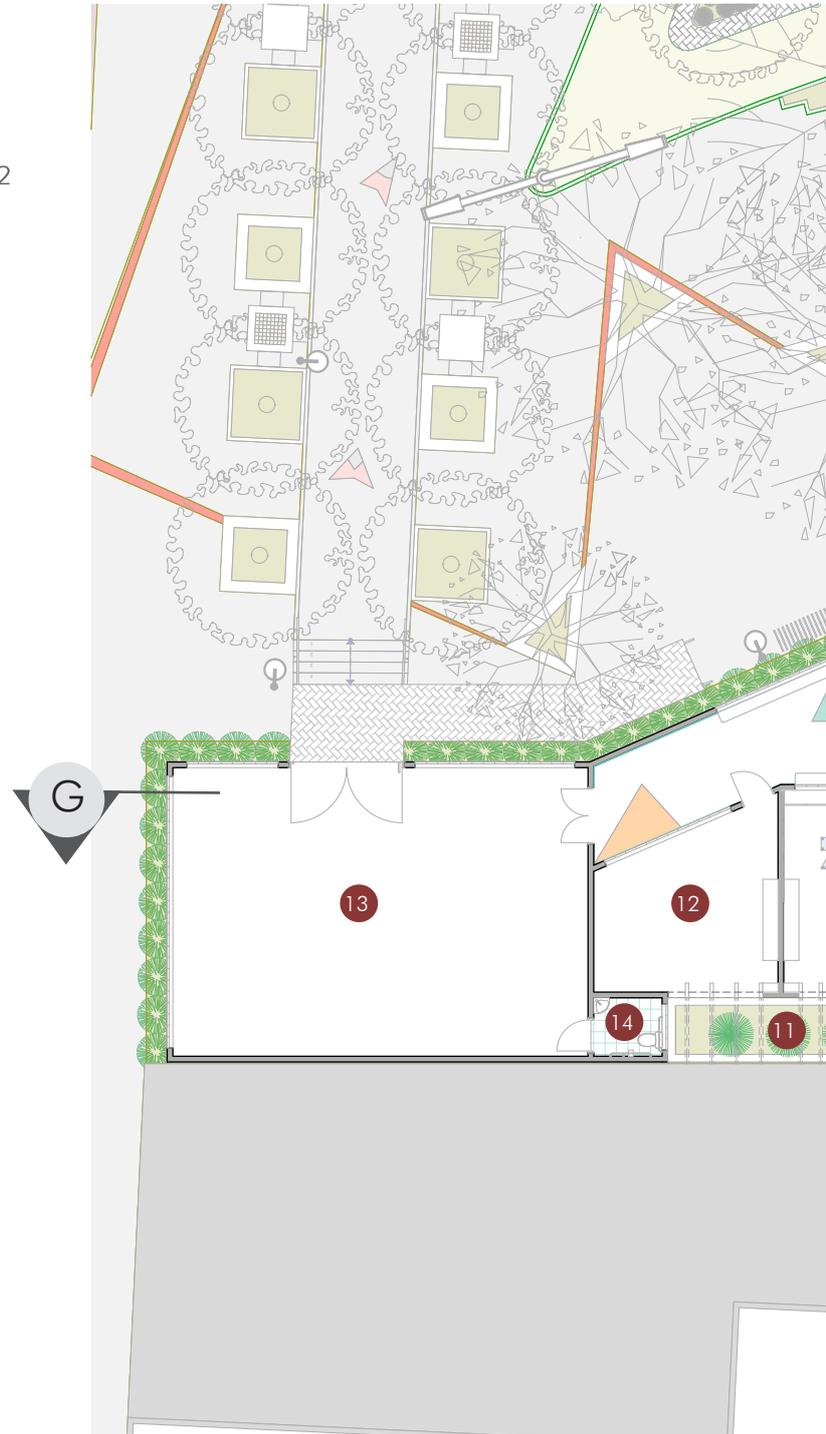


Desenhos temáticos (Creche)



Legenda

- 1 - Pátio - 183,50m²
- 2 - Sala das Professoras - 25,58m²
- 3 - Banheiro Professoras - 4,20m²
- 4 - Playground - 136m²
- 5 - Mini Horta
- 6 - Cozinha - 23,97m²
- 7 - DML - 2,64m²
- 8 - Dispensa - 8,33m²
- 9 - Sala de Aula - 25,58m²
- 10 - Banheiros - 5,80m²
- 11 - Jardim Especial
- 12 - Sala Extra - 20,62m²
- 13 - Sala Multiuso - 83,55m²
- 14 - Banheiro - 2,79m²
- 15 - Bicicletário







Corte Longitudinal Creche A. C. V
Esc. 1:100

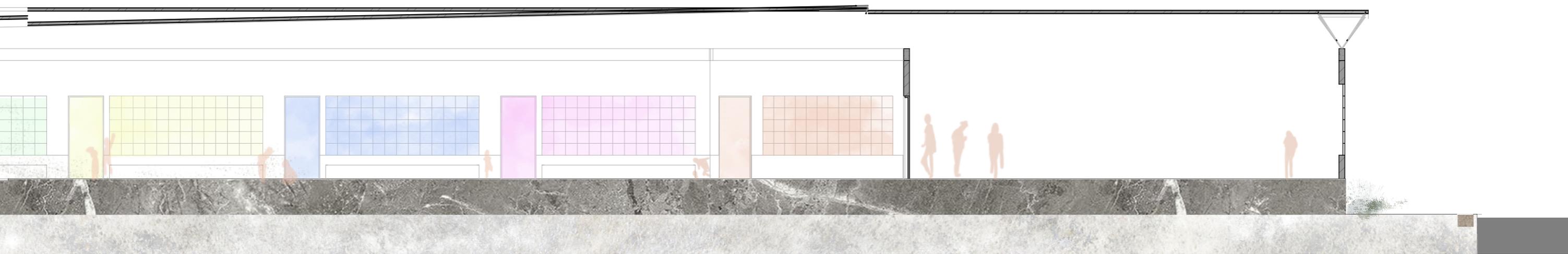




Imagem 51. Perspectiva interna 01 da Creche A. C. V.
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 52. Perspectiva jardim da Creche A. C. V.
Fonte: Elaborado pelo autor



Corte Transversal Creche A. C. V
Esc. 1:100





Imagem 53. Perspectiva interna (sala sapinho) da Creche A. C. V.
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 54. Perspectiva interna (sala estrelinha) da Creche A. C. V.
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 55. Perspectiva interna (sala passarinho) da Creche A. C. V.
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 56. Perspectiva interna (sala florzinha) da Creche A. C. V.
Fonte: Elaborado pelo autor

6.4 A HORTA COMUNITÁRIA

A proposta de utilizar a agricultura como estratégia de revitalização urbana é uma ideia amplamente utilizada em diferentes regiões do mundo e tem ganhado cada vez mais força, em consequência da evolução da consciência sobre o alimento. Maia (2019, p.15) afirma que há um crescente avanço de políticas públicas concatenadas à relação entre alimentação de qualidade e planejamento urbano. Ainda segundo o autor, muitas cidades pelo mundo tem inovado ao buscar estabelecer sistemas alimentares sustentáveis e conciliá-los com zoneamentos e regulamentações. Não apenas como rota de fuga à alimentação tóxica produzida em larga escala pelas grandes indústrias agropecuárias, mas a produção agroecológica local tem sido instrumento de resgate para comunidades carentes e entendida com uma catalizador de transformações sociais e processos de planejamento.

250

Além de ter suporte desse pensamento em maior escala, o contexto social do bairro possui claros potenciais de aplicação de sistemas agroecológicos, uma vez que há uma forte herança cultural da população que veio do campo, bem como a presença de amplos espaços ociosos. Ainda que esteja numa área considerada urbana e a proposta em si, se auto denomine como uma revitalização urbana, os padrões espaciais do bairro mantêm evidentes traços rurais, considerados aqui como positivos pois asseguram uma qualidade de vida, apontada pela maioria das pessoas entrevistadas.

A Permacultura tem seu papel enfatizado neste ponto já que ela foi escolhida como uma das filosofias norteadoras do projeto. Assim a concepção dos espaços das hortas comunitárias são estruturadas tomando por base os princípios permaculturais citados nesse trabalho, com a implementação de algumas soluções urbanas sustentáveis (MAGRINI, 2009) e de orientações cedidas pelo sistema PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) através de duas cartilhas, uma concedida pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e a Fundação Banco do Brasil, 2009; e outra com o mesmo teor didático fornecida pela Assocene (Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste) em parceria com a Fundação Banco do Brasil, 2009. Durante o processo de pesquisa desta intervenção foram encontrados outras fontes de informação que dão suporte à iniciativas como esta. Os links estão na bibliografia.

251

O sistema empregado em questão trata-se da mandala, que baseia-se num design circular de canteiros, cujo o centro abriga uma fonte de nutrientes e/ou água para irrigação. O seguinte esquema (pág. xx) ilustra os elementos necessários para a execução desse sistema e como eles interagem entre si.

Magrini (2007, p. 66) descreve o sistema da seguinte forma:

“No centro da horta é construído um tanque, que armazena a água para irrigação e abriga patos, gansos e peixes. Ao redor dele são construídos nove canteiros em círculo, o primeiro círculo também é destinado à criação de animais, como vacas, cabras, codornas, coelhos ou galinhas. Os próximos três círculos são destinados a um plantio diversificado de hortaliças, Os outros quatro círculos recebem culturas diversas. O último círculo serve como proteção ambiental, onde serão cultivadas plantas nativas, medicinais e frutíferas.”

252

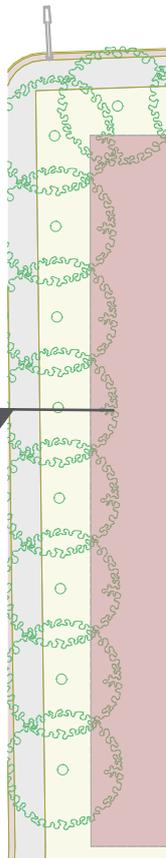
Em complemento aos canteiros são indicadas áreas de pastagem para os animais utilizados no sistema, que demandam uma área mínima de 100m² para seu funcionamento. Estas áreas de pastagem por sua vez, contemplam espécies arbóreas e arbustivas, com espécies frutíferas e medicinais. São essas áreas em especial que pretende-se relacionar à presença de pessoas no entorno das hortas, como um mecanismo de apropriação do espaço e estabelecimento de vínculos. Conforma-se então um sistema de vila, que relembram brevemente os conceitos de co-housing, nos quais a população compartilha um espaço comum, nos quais frequentemente existem pessoas realizando diferentes atividades, em diferentes turnos. O tipo de habitação não é definida com muitos detalhes, pois este não é o objetivo deste trabalho,

contudo orienta-se que os usos sejam uma mescla heterogênea entre funções residenciais e comerciais, com vistas a manter a dinamicidade do espaço.



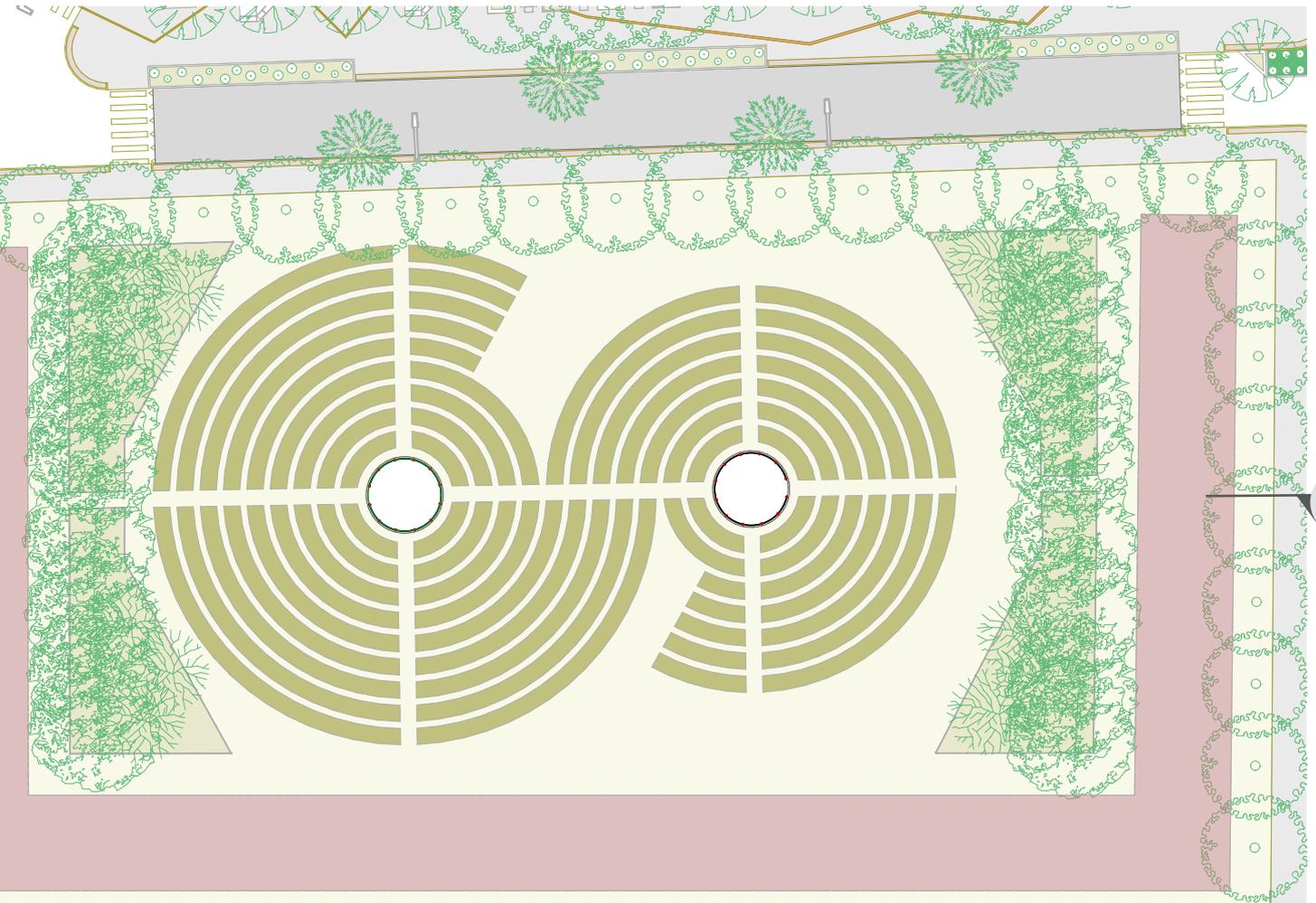
Imagem 57. Proposta esquemática das hortas do sistema mandala
Fonte: Elaborado pelo autor

Corte Esquemático
Esc. 1:500



Planta das Hortas Comunitárias
Esc. 1:500

Plano das Hortas Comunitárias



6.5 A PRAÇA DO CAMPO

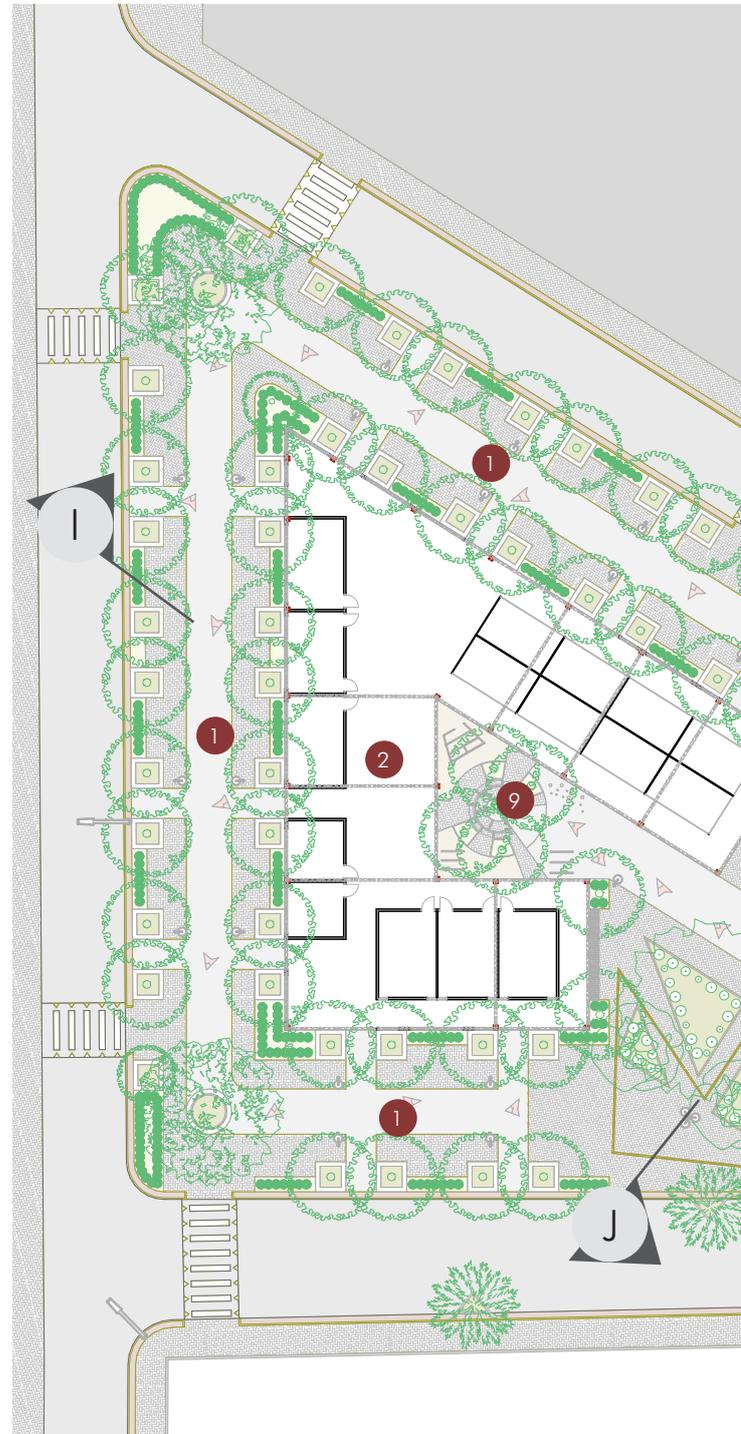
Na região mais ao sul encontra-se a segunda praça proposta, que diferentemente da anterior não apresenta nenhum desenho precedente. Aqui implementa-se dois grandes equipamentos urbanos: o centro comunitário e a quadra poliesportiva. O centro comunitário será explicado mais à frente, com maior cuidado. A quadra surge como um resgate do antigo campo de futebol que era amplamente utilizado pela população, mas que teve sua força reduzida ao longo dos anos, sem aparente explicação. O espaço ficou em desuso por um longo período de tempo, até ser utilizado como área de depósito de lixo. Como alternativa, é indicado um perímetro de 20m x 40m para abrigar a construção de um novo campo, neste caso poliesportivo, o qual é rodeado por uma vegetação arbórea de sombra e uma arquibancada de concreto. São também inseridos neste contexto, banheiros públicos, um espaço de capoeira, área para exercícios físicos, um lago geométrico e espaços para comércio ambulante.



Imagem 58. Ideia inicial da praça do campo.
Fonte: Elaborado pelo autor

Legenda

- 1 - Espaço Feira
- 2 - Centro Comunitário/Mercado
- 3 - Quadra Poliesportiva
- 4 - Arquibancada
- 5 - Banheiros Públicos
- 6 - Área de Academia ao Ar Livre
- 7 - Roda de Capoeira
- 8 - Lago
- 9 - Playground
- 10 - Guarita



Planta da praça do Campo
Esc. 1:500



Lista de Espécies Vegetais

GRANDE PORTE

- aENT - Timbaúba (*Enterolobium trinbouva*)
- aGOG - Abriçó de macaco (*Gouroutita guianensis*)
- aCEO - Cedro (*Cedrela odorata*)
- aCHS - Paineira rosa (*Chorisia speciosa*)
- aEUM - Jambo (*Eugenia malaccensis*)
- aTAI - Tamarindo (*Tamarindus indica*)
- aMAI - Mangueira (*Mangifera indica*)
- aANO - Cajueiro (*Anacardium occidentale*)
- aGEA - Genipapo (*Genipa americana*)
- aACS - Sapotizeiro (*Acharas sapota*)
- aSPM - Cajazeira (*Spondias mombin*)

MÉDIO PORTE

- aHAS - Ipê amarelo (*Handroanthus serralifolius*)
- aPLR - Jasmim manga (*Plumeria rubra*)
- aTAP - Ipê rosa (*Tabebuia pentaphylla*)
- aSEA - Cássia siameza (*Senna siamea*)
- aCA - Pau-ferro (*Caesalpinia*)
- aJAB - Caroba (*Jacaranda brasiliana*)
- aPLC - Jasmim manga da venezuela (*Plumeria caracasana*)
- aSEM - Cássia são joão (*Senna macranthera*)
- aZIJ - Juazeiro (*Ziziphus juazeiro*)
- aINA - Ingazeira (*Inga affinis*)
- aPIP - Camunzé (*Pithecolobium polycephalum*)
- aINAU - Ingai (*Inga aurina*)
- aTAE - Pitomba (*Talisia esculenta*)
- aPED - Canafistula (*Peltophorum dubium*)
- aBAF - Pata de vaca (*Bauhinia forficata*)
- aDER - Flamboyant (*Delonix regia*)
- aPIH - Catanduba (*Piptadenia honifolia*)

- aSCM - Aroeira salsa (*Schinus molle*)
- aJAP - Carobinha (*Jacaranda puberula*)
- aPSG - Goiabeira (*Psidium guajava*)
- aHASE - Ipê roxo (*Handroanthus serralifolius*)

PEQUENO PORTE

- aERC - Mulungu (*Eritrina candelabro*)
- aTAR-A - Ipê branco (*Tabebuia roseo-alba*)
- aCAF - Chuva de ouro (*Cassia fistula*)
- aEUU - Pitanga (*Eugenia uniflora*)
- aHIR-S - Papoula (*Hibiscus rosa-sinensis*)

PALMEIRAS

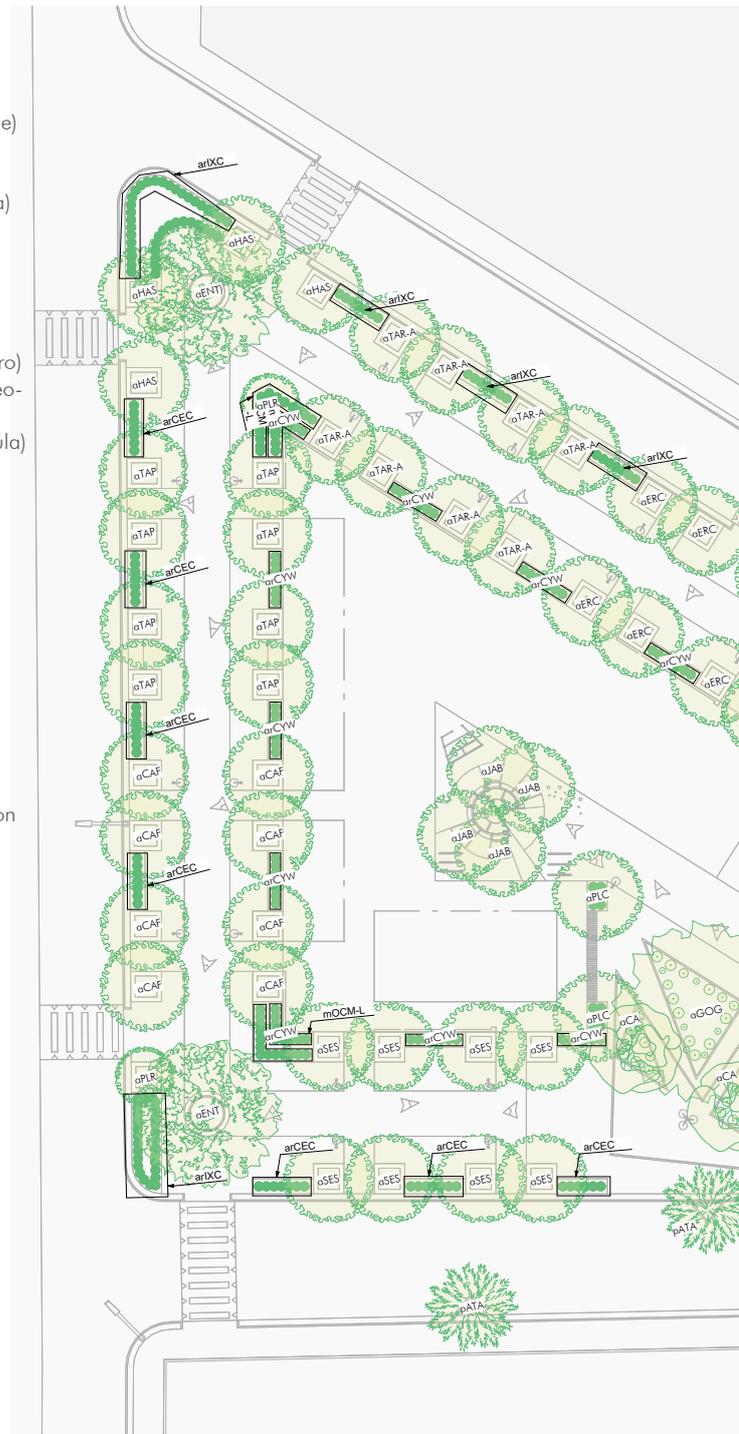
- pEUO - Açaí (*Euterpe oleracea*)
- pATA - Babaçu (*Attalea apeciosa*)
- pCOP - Carnaúba (*Copernicia prunifera*)

MEDICINAIS

- mCYC - Capim Santo (*Cymbopogon citratus*)
- mCYW - Capim citronela (*Cymbopogon winterianus*)
- mOCM - Alfavaca (*Ocimum micratum* L)

ARBUSTIVAS

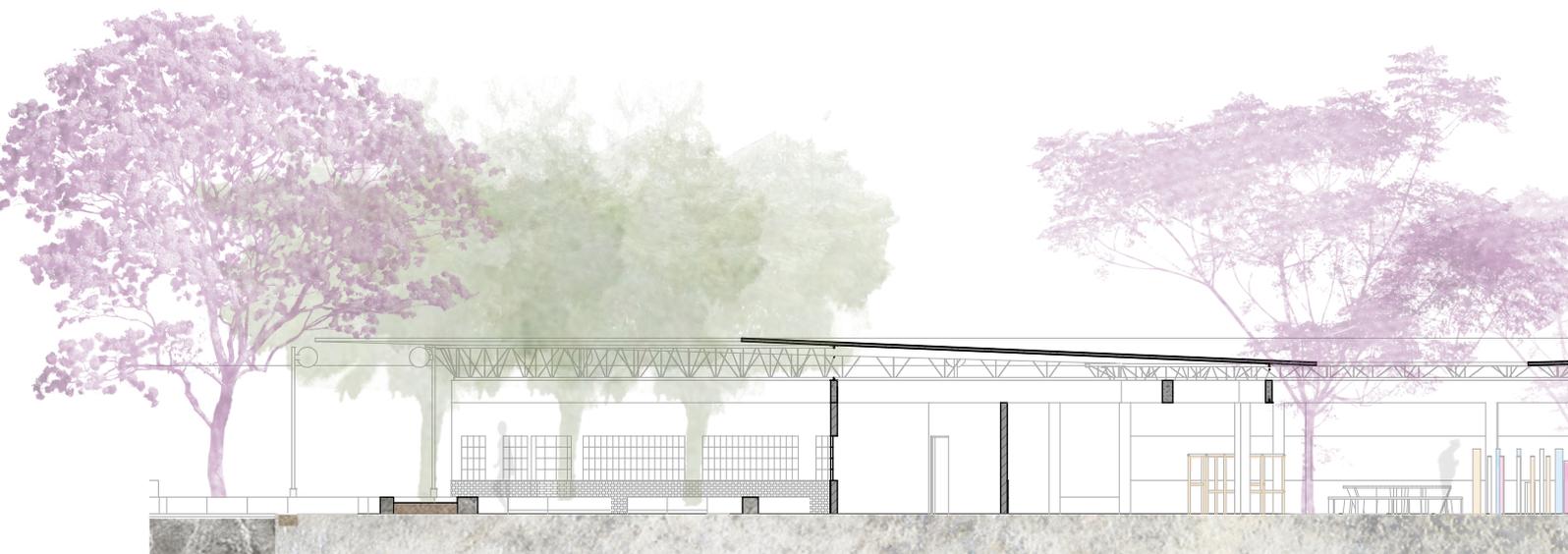
- aSAC - Espada de São Jorge (*Sansevieria cylindrica*)
- aIXC - Lacre-vermelho (*Ixora coccinea*)
- aCEC - Crista de galo (*Celosia cristata*)







Corte Transversal JJ Praça do Campo
Esc. 1:200



Corte Longitudinal II Praça do Campo
Esc. 1:200



po





Imagem 59. Perspectiva 01 da proposta para Praça do Campo
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 60. Perspectiva 02 da proposta para Praça do Campo
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 61. Perspectiva 03 da proposta para Praça do Campo
Fonte: Elaborado pelo autor



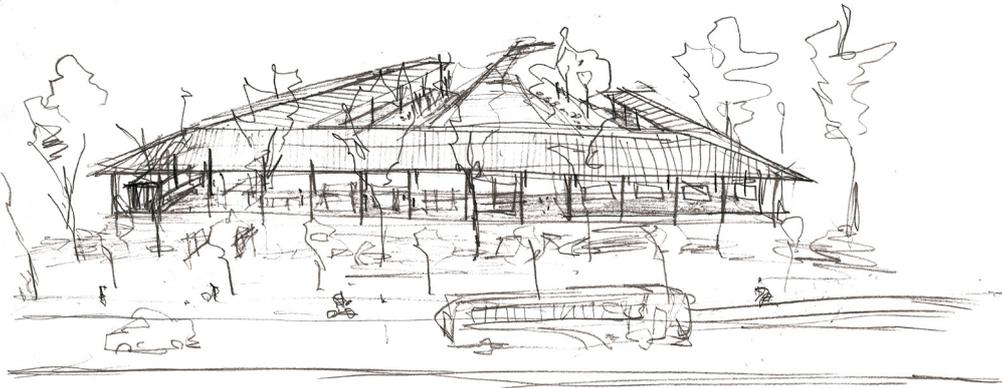
Imagem 62. Perspectiva 04 da proposta para Praça do Campo
Fonte: Elaborado pelo autor

6.6 O CENTRO COMUNITÁRIO/MERCADO

A ideia do Centro comunitário nasce da intenção de proporcionar um meio que reúna potenciais locais e forneça um espaço de maiores interações interpessoais vinculado à uma gama de serviços efusivamente demandados pela comunidade. Em decorrência da falta de suporte, muitos microempreendedores têm suas iniciativas retardadas ou suprimidas. Em função disso, a presente proposta visa através dos poucos recursos disponíveis gerar um ponto de partida, barato, simples, rápido, que enseje a coadunação de vendedores, artistas, donas de casa, jovens, idosos, educadores em torno de local, temporário ou não, em que trocas possam ser feitas e parcerias estabelecidas.

268

É sabido que mercados locais contribuem para o engrandecimento e fortalecimento da conexão entre áreas rurais e urbanas e atuam como verdadeiros pólos multifuncionais. Dentre os seus diversos benefícios pode-se ressaltar a propulsão do desenvolvimento local e a manutenção de capital na própria comunidade. Essa economia local gerada viabiliza oportunidades de negócio de baixo risco e permitem o acesso a alimentos frescos, obtidos diretamente com o produtor. Esse pensamento possui um vínculo forte com o movimento slow food, iniciado na Itália em 1989, que reforça a importância de reaproximar a cadeia produtiva dos consumidores finais, e assim revalorizar o alimento produzido localmente e enaltecer os reflexos desse modo de consumo, que diverge da



269

Imagem 63. Ideias iniciais do centro comunitário/mercado.
Fonte: Elaborado pelo autor

praticidade decadente promulgada pelo movimento antagônico do Fast food. (MANZINI, 2017, p. 75)

E neste contexto, os mercados configuram-se como efetivos lugares de encontro, nos quais a compra e venda de mercadorias é apenas um dos aspectos que podem ser identificados. A pesquisa feita pelo PPS resultou em algumas das repercussões que os mercados públicos podem ter e estão enumerados a seguir, através de uma tradução livre do autor.

1) Promoção de oportunidades econômicas

- Pequenos comércios são incubadoras de negócios maiores;
- São baratos e fáceis de operar

2) Conexão entre economias rurais e urbanas

- As cidades são intensamente dependentes desse fornecimento diário de alimentos

3) Os mercados públicos são formas de reunir uma grande diversidade de pessoas;

Os mercados facilitam a aproximação entre moradores novos e antigos.

4) Promoção de saúde pública

Os alimentos obtidos em mercados são mais frescos e de maior qualidade.

5) Desenvolvimento de um espaço público ativo

Os mercados são geralmente cheios de vida e movimento.

6) Renovação dos centros e das periferias

As experiências com mercados têm demonstrado que eles tornam-se os corações das comunidades e isso garante uma maior vivacidade para o espaço público.

De acordo com O'neil (2005) a razão pela qual as pessoas utilizam os mercados, em grande parte das vezes, é ir ver outras pessoas, oportunidades do surgimento de conversas e as próprias sensações de ir ao mercado, ir à feira. Por meio da metodologia do Poder do 10, O'neil (2005) aponta dez qualidades de um mercado de sucesso.

271

1) Os vendedores certos;

Qualidade; Aparência (fácil de acessar); Higiene; Merchandising; Inovação; Competitividade; Localidade; Os 3 segundos de ouro; Atratividade; Bom serviço;

2) A correta localização;

Visibilidade; Acessibilidade; Memorável; Fluido; Estacionamento bem remanejado; Amenidades próximas; Confluência; Inclusividade; Escala; Oportunidades como subprodutos;

3) A mistura certa; Competição interna; Operado pelo próprio dono, contato direto; Escolha e seleção; Múltiplas escalas de preços e níveis de qualidade; Vendedores engajados; Inovadores; Local; Equilíbrio; Claridade; Resiliência;

4) A missão certa;
Intenção; Criar novas oportunidades; Auto-sustento; Vendedores férteis; Promover socialização; Dar suporte à saúde da comunidade; Cultura local; Criar novos modelos; Fazer pessoas felizes;

5) Os espaços públicos certos;
Senso de entrada; Lugar para sentar; Manutenção; Conforto; Atração; Arte; Qualidades formais e informais; Sentimento de acolhimento; Flexibilidade

6) As conexões certas;
Reflete a comunidade; Parcerias; Acessibilidade; Conexões entre vizinhanças; Ciclofaixas/ Caminhos verdes; Oportunidades de Retalho; Residências; Economia local; Senso de troca-mútua; Cruzamento de culturas;

7) A economia certa;
Fundação sustentável; Fundraising Aluguel de feiras acessíveis; Dar suporte à saúde da comunidade; Subproduto; Criação de

empregos; Encorajamento de investimentos; Manter o dinheiro local; Economia mão à mão; Transparência e não-exploração;

8) A promoção certa;

Economizar; Eventos e demonstrações; Relações públicas; Promoção; Imagem do mercado;

Parcerias; Oportunidades educacionais; Construção do valor local; Conexões na comunidade;

Apoiadores e patrocinadores;

9) O valor certo;

Produtos de qualidade; Experiência de qualidade; Aumento da experiência local; Criação de empregos locais; Afirmação do senso de lugar; Acréscimo de capitais sociais; Dividendos; Aprimoramento do sentimento de bem-estar; Sistemas de comidas locais; Senso de comunidade e apropriação;

10) O gerenciamento certo;

Justo; Flexível; Firme; Aberto à negociações; Olhar para frente; Promoções pesadas; Diversidade; Capitalizar o nicho de oportunidades; Efetivo mesmo sem estar na função; Pessoas do local;

Dada a importância que os mercados possuem dentro do contexto

urbano, a proposta segue as orientações concedidas na pesquisa e toma partido da intenção de reunir forças em um local e disso fazer ressoar um movimento progressivo de crescimento.

Uma vez que a arquitetura deste elemento de projeto não configura um dos objetivos deste trabalho, esta proposição fornece algumas diretrizes básicas de organização do programa de necessidades, bem como uma espacialização tida como um partido arquitetônico e não uma determinação absoluta.

O programa proposto para esse espaço busca contemplar três aspectos: comercial, cultural e administrativo. O quesito comercial refere-se a venda de alimentos e outras mercadorias, bem como a prestação de serviços em geral. O aspecto cultural diz respeito à possibilidade de abrigar salas para a oferta de oficinas, apresentações e formações. Já o administrativo concerne à própria administração do centro comunitário/mercado e abrange também um setor de gestão, que pode ser vinculada a uma associação de moradores. A partir dessas diretrizes, as funções se distribuem na forma que como um resultado do encontro dos alinhamentos das ruas adjacentes, conformando um losango assimétrico, aberto para a praça proposta. Cria-se então um circuito concêntrico que se abre para os dois lados, coberto, no qual as atividades acontecem. Os espaços de uso se distribuem ao longo do percurso

da edificação que fica abrigada do sol e da chuva por uma cobertura de telha sanduíche, sustentada por pilares de concreto e treliças metálicas. As alas externas que circundam este espaço conformam uma extensão das atividades a partir do momento que abrigam as possibilidades de feiras livres e espontâneas, que podem ocorrer diariamente ou periodicamente.



Planta da Centro Comunitário/Mercado

Esc. 1:250





Corte Esquemático do Centro Comunitário/Mercado
Esc. 1:200





Imagem 64. Perspectiva 01 da proposta para o centro comunitário/mercado.
Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 65. Perspectiva 02 da proposta para o centro comunitário/mercado.
Fonte: Elaborado pelo autor

Masterplan
Esc. 1:1000







7

UM CAMINHO DE VOLTA

Minha trajetória durante o curso de trabalhos de extensão nos quais as ações eram as pessoas e a comunidade sempre muito humano transformando a realidade e entender que a realidade nunca é a solução unânime e invariável sociais e urbanos. A proposta comunitária é incompleta, pois muito ainda precisa ser pensado para que pudesse efetivar a re-construção de lugares e revitalizar o melhor que pude conceber, dentro do possível. É um trabalho permeado pelo desejo de que as pessoas simples tenham acesso à qualidade e a oportunidade de viver na periferia seja lugar de oportunidade. A humildade de algumas das pessoas que não é necessário se ter muito dinheiro (caros, etc) para se ter um resultado. Simultaneamente, o sentimento de não como um acúmulo de coisas, mas ascendente, uma busca do melhor engajamento social, para que as pessoas seja valorizadas e estimuladas, a comunidade transformada para melhor.

o foi continuamente marcada por
s os principais beneficiados das
unidade envolvidos. Esse contato
mou minha maneira de observar
arquitectura ou o projeto por si só
falível para quaisquer problemas
stituída aqui é naturalmente falha
precisaria ser pensado e melhor
ivamente atingir os objetivos de
alização do espaço. Contudo, é o
tro das minhas limitações várias.
esejo de que a vida volte as ruas,
direito a um ambiente urbano de
ver e não apenas sobreviver, que a
ades, de produção e de vivências.
proposições surgem da crença de
o (dinheiro, sofisticação, materiais
ltado rico, acessível e efetivo. E
o de abundância é exercitado,
sas, mas como um pensamento
or. Por fim, é necessário que haja
s pessoas e suas potencialidades
fim de que a realidade possa ser

288



idade





8

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths/ editado por Hans Karssenbergh ...[et al]. - Dados Eletrônicos. - Porto Alegre: EDIPURS, 2015. 340p

ANDRADE, Liza Maria Souza. Periférico, trabalhos emergentes: participação social na elaboração de projetos de arquitetura e urbanismo nos TFGs da FAU/UnB.. In: ENANPUR, 17, 2017, São Paulo. Anais Eletrônicos... São Paulo: Anais do XVII ENANPUR, 2017. Disponível em: <<http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/2099>> Acesso em: 25 out. 2019

292

ASSAF, R. V.; ASSAF, S. M. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Arte & Ensaios. Rio de Janeiro, n. 36, 22 dez. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/19128>>. Acesso em: 9 set. 2019.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade/ Marc Augé; tradução Maria Lúcia Pereira. - Campinas, SP: Papyrus, 1994. - (Coleção Travessia do Século)

BEST Practice principles for urban renewal. SGS Economics e Planning, 2016. Disponível em: < <https://www.sgsep.com.au/publications/insights/best-practice-principles-for-urban-renewal>>. Acesso em: 23 out. 2019.

BONZATTO, Eduardo Antonio. Permacultura: e as tecnologias de convivência / Eduardo Antonio Bonzatto. - - 1. ed. - - São Paulo: Ícone, 2010.

BRENNER, Neil. Seria o "urbanismo tático" uma alternativa ao urbanismo neoliberal?

.emetropolis. Rio de Janeiro, n. 27, dez. 2016. Disponível em: < <http://emetropolis.net/artigo/201?name=seria-o-urbanismo-tatico-uma-alternativa-ao-urbanismo-neoliberal>>. Acesso em: 10 out. 2019.

BUSATO, L.; BESSER, E.; ALMEIDA, C.C.O. Análise da Percepção dos Usuários da Praça Capitão Jovino- Passo Fundo- RS. In: Seminário Internacional de Construções Sustentáveis, 5., 2016, Passo Fundo. Anais Eletronicos... IMED: 2016. Disponível em: < <https://www.imed.edu.br/Comunicacao/Eventos/Hotsite/5--seminario-internacional-de-construcoes-sustentaveis/artigos--issn-2317-5052>>. Acesso em: 7 set. 2019

293

CASA fora de casa. E-book Casa fora de casa: viva o setor Pedro, ed. 2, 2018. Goiânia: Sobreurbana, 2018. 143p. Disponível em: < <http://casaforade.casa/setorpedro/>> Acesso em: 23 ago 2019

Carrión, Fernando. Espacio público: punto de partida para la

alteridad. Espacios públicos y construcción social: Hacia un ejercicio de ciudadanía. Santiago, SUR, p.79-97.

CENTRE For London. Making Good: Shaping places for people. Disponível em: <<https://www.centreforlondon.org/publication/placemaking/>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, vol.1 Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 351p.

Community support for agriculture. Cate Newnessmith. 20 de Fevereiro de 2008. <<https://socialinnovationexchange.org/insights/community-support-agriculture>> Acesso em 17 de abril de 2019.

Endless Bounty: The Transformative Benefits of Public Markets. Project for Public Spaces, fevereiro, 2010. Acesso em 15 de agosto de 2018.

Espaços Públicos: a transformação urbana com a participação da população. Em <<http://thecityfixbrasil.com/2017/06/28/espacos-publicos-a-transformacao-urbana-com-a-participacao-da-populacao/>> . Acesso em 21/10/2018 às 17:36

FERREIRA, Paulo Emilio Buarque. DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA PARA AVALIAÇÃO DE AMBIENTES URBANOS. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo.

FONTES, A. S.; GALARCE, F. E.; VALLE, L. M.; MOTTA, V. F. Táticas cidadãs para ativação de áreas subutilizadas: o caso das hortas comunitárias do Rio de Janeiro. Arq.urb. São Paulo, n. 23, dez. 2018. Disponível em: <<https://www.usjt.br/arq.urb/numero-23/arqurb23-integral.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

Groceries and Social Innovation. Postado por Noah Litvin. 17 de dezembro de 2015. <<http://sds.parsons.edu/transdesign/seminar/groceries-and-social-innovation/>>. Acesso em 18 de abril de 2019.

295

Günther, H. (2003). Como Elaborar um Questionário (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, N° 01). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

HISTÓRIA de Maracanaú. Prefeitura de Maracanaú, Maracanaú. Disponível em: <<https://www.maracanau.ce.gov.br/historia-de-maracanau/>>. Acesso em: 5 set 2019.

HOLMGREN, David. Os Fundamentos da Permacultura - versão em português (Brasil).

LENGEN, Johan van. Manual do Arquiteto Descalço / Johan van Lengen. – Porto Alegre: Livraria do Arquiteto; Rio de Janeiro: TIBÁ, 2004.

LUZ, Gertrudes. DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA PARA AVALIAÇÃO DE AMBIENTES URBANOS. 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Departamento de Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MAGRINI, Velloso Renato. Permacultura e Soluções Urbanas Sustentáveis. Minas Gerais: Uberlândia, 2009.

MANZINI, Ezio. Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para inovação social / Ezio Manzini; tradução Luzia Araújo. - São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017.

MANZINI, Ezio. Making Things Happen: Social Innovation and Design. DesignIssues. Massachusetts, n.1, dez/mar. 2014. Disponível em: < https://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/DESI_a_00248>. Acesso em: 3 jan. 2019.

MARACANAÚ, Prefeitura. PROPOSTA DE ZONEAMENTO AMBIENTAL PARA O MUNICÍPIO DEMARACANAÚ - CE ELABORADA NA LEITURA DA REALIDADE MUNICIPAL E DISCUTIDA NA REUNIÃO DE PACTUAÇÃO DO PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO. Plano Diretor Participativo de Maracanaú. Disponível em: <<https://www.maracanau.ce.gov.br/download-category/plano-diretor/>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

MASCARÓ, Juan Luís. Loteamentos urbanos / - - Porto Alegre: 1. ed. - L. Mascaró, 2003.

MASCARÓ, Juan Luís. Manual de loteamentos e urbanização - Porto Alegre: SAGRA : DC Luzzato, 1994.

297

MASCARÓ, Juan Luís. YOSHINAGA, Mário. Porto Alegre: Masquatro Editora - L. Mascaró, J. Mascaró, 2005.

MCDONOUGH, William. Cradle to cradle: criar e reciclar ilimitadamente | William McDonough, Michael Braungart ; [tradução Frederico Bonaldo], -- 1 ed. -- São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

MELLO, M. A. S.; VOGEL, A. Lições da Rua (ou Quando a Rua vira Casa): Algumas considerações sobre habito e diligo no meio

urbano. LeMetro, 2006. Disponível em: <<http://lemetro.ifcs.ufrj.br/biblioteca.php>>. Acesso em: 3 ago. 2019.

MOLLISON, B.; HOLMGREN, D. Permacultura Um: Uma agricultura permanente nas comunidades em geral. 1. ed. São Paulo: Ground, 1981.

MOLLISON, Bill. Introdução à Permacultura / Bill Mollison, Reny Mia Slay, tradução de André Luis Jaeger Soares - Brasília. MA/SDR/PNFC, 1998.

298

MORANO, R. P.; SANTIAGO, Z. M. P. URBANISMO TÁTICO: COMO (RE) CRIAR O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E INCENTIVAR O USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO.. In: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 11. 2016, Fortaleza. Anais eletrônicos ... Fortaleza: UFC, 2016. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/14855>>. Acesso em: 12 set. 2019.

NETO, Franco de Magalhães. GESTÃO AMBIENTAL NO DISTRITO INDUSTRIAL I DE MARACANAÚ REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA-CE. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.

NETTO, V. M. Jane Jacobs. Políticas Públicas & Cidades, v.4, n.2,

ago/dez. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.23900/2359-1552.2016v4n2p8>>. Acesso em: 5 out. 2019.

O'NEIL, David. Ten Qualities of Successful Public Market. Project for Public Spaces. Setembro, 2005. Acesso em 16 de agosto de 2018.

OLIVERI, Silvana Lamenha Lins. Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Salvador. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8811>>. Acesso em: 4 ago. 2019.

299

PERMACULTURE principles. E-book Os Fundamentos da Permacultura, 2007. Victoria: Holmgren Design service. 27p. Disponível em: < <https://permacultureprinciples.com/pt/>> Acesso em: 24 ago 2019.

Placemaking, what if we built out cities around places? Project for Public Spaces, outubro, 2016. Acesso em 10 de agosto de 2018.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. ESPAÇO GEOGRÁFICO, PROJECT for public spaces. PLACEMAKING: WHAT IF WE BUILT OUR CITIES AROUND PLACES?. Disponível em: < <https://www>.

pps.org/article/greatcitiesinitiative> Acesso em: 9 ago. 2019.

PROJECT for public spaces. PUBLIC MARKETS AS A VEHICLE FOR SOCIALINTEGRATION AND UPWARD MOBILIT. Disponível em: <<https://www.pps.org/article/ford-market-research>> Acesso em: 8 ago. 2019.

PROJECT For Public Spaces. STREETS AS PLACES: USING STREETS TO REBUILD COMMUNITIES. Disponível em: <<https://www.pps.org/product/streets-as-places-using-streets-to-rebuild-communities>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

300

TERRITÓRIO USADO E LUGAR: ENSAIO SOBRE O PENSAMENTO DE MILTON SANTOS. Para Onde!? Porto Alegre, n.2, jan. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde>.

RHEINGANTZ, P. A.; ALCANTRA, D. Cognição experiencial, observação incorporada e sustentabilidade na avaliação pós-ocupação de ambientes urbanos. Ambiente Construído. Porto Alegre, n. 1, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/issue/view/290>

ROCHA, Luiz Renato Nogueira da. REABILITAÇÃO URBANA NO BAIRRO DA RIBEIRA: PERSPECTIVAS DE UM CENTRO URBANO

EM TRANSFORMAÇÃO. [S.l]: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2015. Disponível em: < <http://www.natal.rn.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS, Milton. Território: Globalização e Fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 332p.

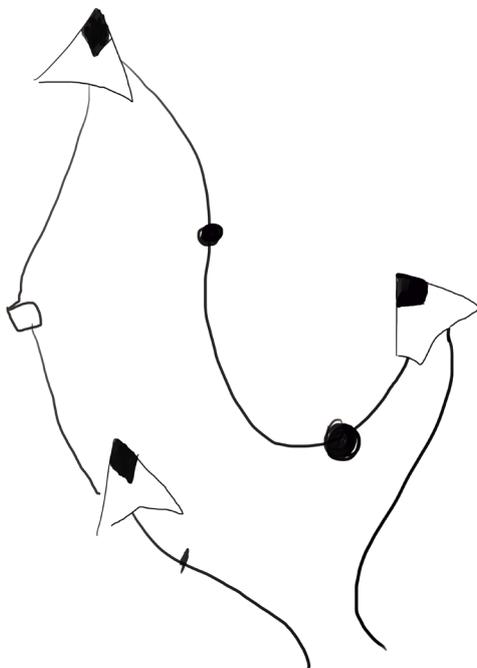
SCHNEIDER, Luiz Carlos. Lugar e não-lugar: espaços da complexidade. *Àgora*. Santa Cruz do Sul. N. 1. Jun. 2015. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>> Acesso em: 10 ago. 2019

301

SILVA, Ana Lucia dos Santos Vieira e. ARTE ESPONT NEA NA RUA: UM ESTUDO DOS BAIROS RAVAL EM BARCELONA E VILA MADALENA EM SÃO PAULO (2005-2009). 2011. Tese (Doutorado em Artes) – Faculdade de Bellas Artes da Universitat de Barcelona, Barcelona.

Táticas Urbanas: do conceito à prototipagem. Em < <https://issuu.com/sobreurbana/docs/e-book.turma.1.v02>> .Acesso em 02/10/2018 às 15:24

302



9

ANEXOS

9.1 PLANO DIRETOR DE MARACANAÚ

De acordo com o Macrozoneamento proposto pelo Plano Diretor Participativo do município de Maracanaú, a área trabalhada encontra-se dentro dos limites de uma ZEUS - C, cujos os parâmetros estão resumidos a seguir:

I - Em relação ao uso e ocupação do solo e seus parâmetros

a) Promover verticalização de forma a aumentar o potencial construtivo a favor de uma menor impermeabilização dos terrenos, maior diversificação da tipologia construtiva e da paisagem urbana;

b) Contemplar a dinâmica imobiliária permitindo a implantação de residências multifamiliares de um a dois pavimentos;

c) Definir a dimensão de quadra que reduza o impacto da repetição linear causado pelas residências multifamiliares de um a dois pavimentos e contribuir para a melhoria das condições de ventilação urbana e qualidade dos deslocamentos de pedestres;

d) Incentivar a verticalização e implantação de usos mistos ao longo dos principais corredores, incluindo a rodovia estadual CE 251 que tem denominação, em seu trecho municipal, de Av. Pe. José Holanda do Vale.

e) Incentivar a ocupação habitacional verticalizada;

II - Em relação à infraestrutura e suporte ambiental, assegurar a melhoria e ampliação da infraestrutura básica, de forma a contribuir para o equilíbrio entre ocupação e meio natural, sobretudo nas áreas lindeiras ao rio Maranguapinho, lagoas e Fazenda Raposa;

III - em relação aos espaços públicos

a) incentivar a atratividade dos equipamentos ao longo do rio Maranguapinho através de políticas voltadas para promoção de eventos relacionados às práticas esportivas, artísticas, culturais e de lazer;

b) reconverter usos e espaços para uma melhor dinâmica social e urbana, incluindo as áreas próximas ao pátio de manobra da RFFSA que atualmente configura, como uma barreira à integração entre comunidades do Alto Alegre II e Conjunto Industrial;

IV - em relação à mobilidade urbana e infraestrutura viária, implantar condições de acessibilidade que minimizem os impactos negativos nas condições de mobilidade ocasionados pelo 4º Anel Viário, o qual dificulta a integração de bairros dessa área com as demais regiões do município;

Ainda conforme os artigos do plano diretor têm-se:

Art. 76. Os parcelamentos nesta zona atenderão aos seguintes índices urbanísticos:

I - Lote mínimo - 200,00 m²

II - Coeficiente de aproveitamento mínimo - 0,3

III - Coeficiente de aproveitamento básico - 1

IV - Coeficiente de aproveitamento máximo - 1,5

V - Taxa de ocupação - 60%

VI - Taxa de permeabilidade - 30%

VII - Dimensão máxima da quadra = 100,00m x 50,00m

Art.77. Poderão ser aplicados nesta zona os seguintes instrumentos:

I - Outorga onerosa do direito de construir;

II - Outorga onerosa de alteração de uso;

III - Operações urbanas consorciadas;

IV - Parcelamento, edificação ou utilização compulsória;

V - IPTU progressivo no tempo;

VI - Desapropriação com pagamentos em títulos

VII - Estudo de Impacto de Vizinhança - EIV;

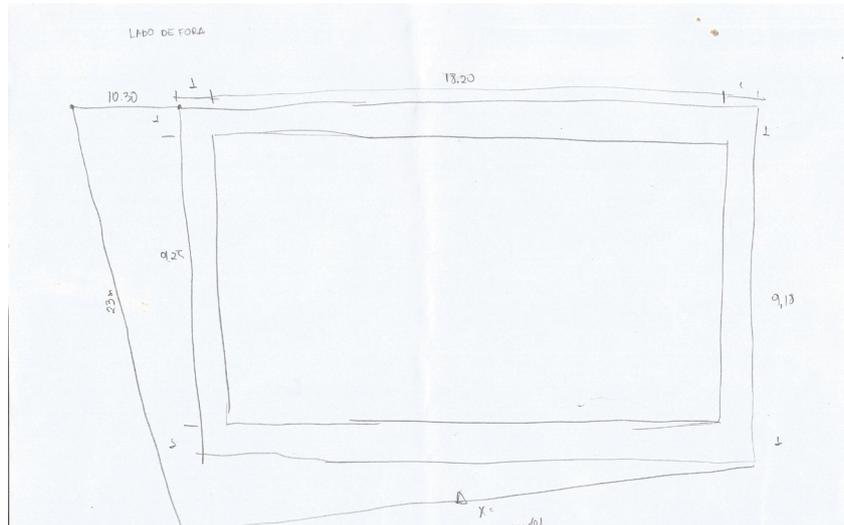
VIII - Consórcio imobiliário;

IX - Direito de superfície;

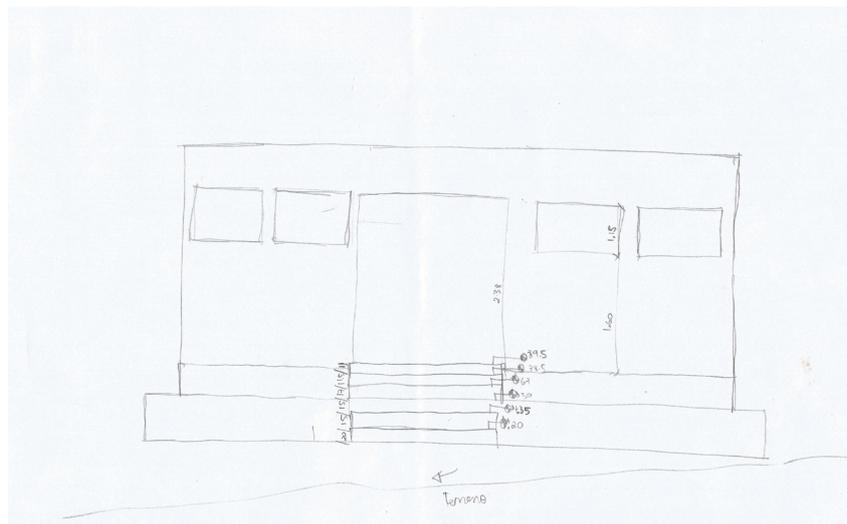
X - Instrumentos de regularização fundiária;

XI - Área receptora de potencial construtivo;

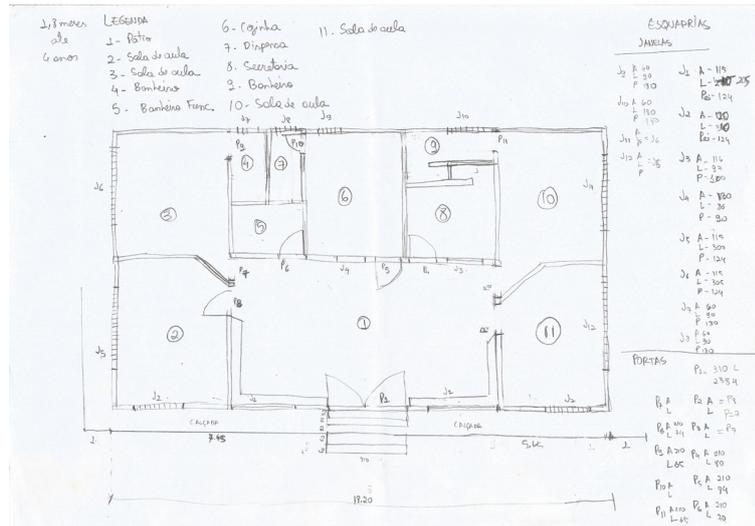
LEVANTAMENTO DA CRECHE ANTÔNIO CORREIA VIANA



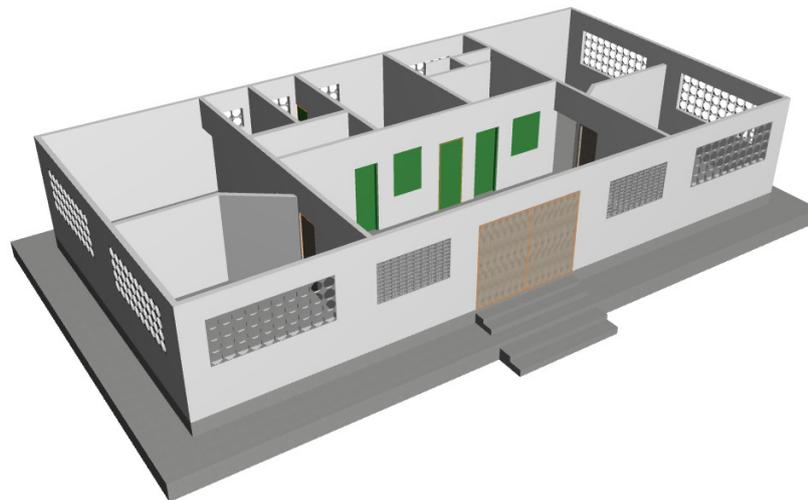
308



Croquis do levantamento da Creche



309



Maquete 3D da Creche Antônio Correia Viana